

Admirável Ovo Novo

Uma Fábula Pós-Moderna

Maggiar Villar de Casanova

maggiarvillar@hotmail.com

Para todas as almas puras do mundo. Especialmente algumas delas:

**Júlio Machado Braga Jr. - meu grande pai e mestre
Vinícius Biavati Villar**

E todos que me incentivaram

Capítulo zero

A fábula que vocês vão ler agora aconteceu e continua a acontecer (não tenho muita certeza), numa cidade muito bonita não muito longe daqui. Era um Sábado de primavera muito lindo. As famílias dos noivos reuniram-se num clube de campo pomposo para celebrar o matrimônio do casal de pombinhos. Pombinhos? Mas que história é essa? Casamento de pombos? Não. Usei apenas uma metáfora. Mas se a “estória” a ser contada é uma fábula, não faz mal algum contar uma estória em

que os personagens sejam pombos, pombinhos, animais, plantas, estrelas, seres de outros planetas, pedras e até seres humanos, às vezes, etc. Serei razoável. Vou usar pássaros mesmo. Só que vamos tirar os “famosos” pombinhos e vamos colocar outro tipo de pássaro na história. Atenção leitores menos avisados. Atentem-se para a diferença entre as palavras “estória” e “história”. Não vão confundi-las.

E então? Preparados para começar nosso passeio através da literatura? Da imaginação, do lúdico e do devaneio? Então vamos lá. Mas cuidado, muito cuidado para não se perderem. Aposto que vocês estão todos curiosos para saber que animal ou animais eu vou colocar na minha, na nossa história. Como nem todos podem ser escritores, principalmente escritor de fábulas, aconselho vocês a recontarem essa fábula para outras pessoas ou indicá-la para leitura. Vocês todos sabem que vivo disso. Meu ganha-pão são minhas piras que crio e recrio e as conto para vocês. Mas, acreditem, eu adoro fazer isso. Me dá muito prazer. Ler e escrever são as coisas de que mais gosto de fazer. Mais aí para frente vou dar altas dicas de nomes de livros que li e vou indicar. Fiquem atentos.

Enrolei, enrolei e não disse ainda quem era que celebrava o matrimônio naquele sábado ensolarado e muito bonito, num casamento igualmente lindo. Como adolescente é muito criativo e irreverente mais ainda, que animal vocês colocariam numa fábula? Vamos descobrir o que eu coloquei.

Estava tudo preparado para o grande casamento. Nenhum detalhe foi esquecido de ser checado. O pai do noivo parecia mais nervoso que o próprio filho que ia para suas primeiras núpcias. É, porque existe muita gente (gente?) que contrai mais de um casamento. Nunca ouviram falar de segundo ou terceiro casamento? Confesso, mas não contem para ninguém, eu, este autor

aqui, já passei por dois casórios e pretendo ainda encontrar minha cara-metade, assim como vocês que adoram ficar com mais de um namorado ou namorada. Então, eu narrava que o noivo, Bravo, esse era o nome dele, mas o nome não fazia jus a ele; pois o fulano não era nada bravo. Era até um cara calmo, pacato e civilizado. Nas rodas de amigos sempre havia algum engraçadinho que comentava, com uma ponta de ironia. “E aí, Bravo! A vida ainda não te deixou bravo?”. Ou: “O Bravo nunca fica bravo com nada. Não é Bravo?”. E assim ele ia levando sua vidinha numa boa, numa nice, sem ficar bravo com qualquer coisa. Puxa! Está demorando para eu dizer quem eram os personagens dessa fábula. Isso se chama maneirismo de todo escritor. É uma espécie de “jogo” ou “truque” que os escritores usam para segurar os leitores e matá-los de curiosidade. Mas acabou o mistério. Os nossos personagens não eram pombinhos, nem humanos, eles só podiam ser pássaros mesmo, como disse antes e ninguém se lembra mais. Pode checar lá atrás: “... vamos tirar os ‘famosos’ pombinhos e colocar outro tipo de pássaro...”, confere? Que pássaros? Escolhi os pássaros que eu considero os mais lindos e inteligentes da terra. Quais? Águia! A águia, apesar de sua ferocidade aparente, é um animal dócil, inteligente e super esperto. Diga-me, quem não gostaria de ter uma linda águia em sua casa? Qualquer humano com mentalidade e espírito contaminados pelo “sonho de consumo” da vida moderna e pós-moderna gostaria de ter uma águia em sua casa. Menos este escritor aqui, que não admite qualquer tipo de prisão. Principalmente prisão de animais. Aposto que nenhum de vocês gostariam de ficar presos em uma jaula ou gaiola. Muito menos os pássaros. Todo ser vivo gosta de liberdade. E o pior é que existem muitos “espíritos-domal”, pessoas mesmo, que têm prazer em confinar os

pobres animais em cativeiro. Fiquem atentos, leitores. Caso vocês encontrarem ou tiverem algum tipo de animal silvestre enjaulado, denunciem às autoridades competentes.

Mas como deve ser um casamento de águia? Bem, vocês já sabem que tudo estava preparado dentro dos conformes. A festa, uma festa igualzinha a de humanos. Afinal, esta é uma fábula ou não é? Festa chique. Chique mesmo. Com buffet, convidados de honra, padrinhos, dama-de-companhia, noiva nervosa, fofocas das colegas, carruagem para os noivos com cavalos (Epa! Estão invadindo nossa história) brancos, altar, juras de amor até que a morte os separe, águia-padre, irmã ciumenta, tios e tias falando mal do noivo e dos pais dos noivos, águias solteiras doidas para agarrarem o buquê da noiva, arroz jogados no casal de pombinhos, epa!, digo, aguiazinhas, bolo Marta-Rocha, ponche de champanhe, champanhe importada, bebedeira, comilança, vovô e vovó-águias contemplando o aumento e preservação da raça para o futuro. “Casem, meus filhos. Casem. Assim vocês formarão novas famílias e preservarão nossa espécie para sempre. Isso se os humanos não acabarem com nossa raça. Precisamos ficar sempre atentos a isso. Pois, vocês sabem que volta e meia uma águia é aprisionada e morta por humanos sem pudor e consciência em todo canto da terra. Procriem e multipliquem. Precisamos sempre aumentar nossa espécie para garantir nosso futuro”, aconselhava e alertava o vovô-águia para seus netos e descendentes.

Assim aconteceu o invejado e badalado casamento do casal de águias. Tudo aconteceu dentro do previsto. Todo mundo muito feliz, afinal, mais um casal, depois de muito namoro, noivado, brigas, ciúmes, tapas e beijos, muitas bicadas, de águias concretizava o sonho de toda aguiazinha apaixonada. É, porque o casamento de

bichos, numa fábula é igualzinho casamento de humanos. Casamento de humanos vocês já sabem como é.

Bravo, o noivo, estava todo sorridente. Águia adulta, senhor de suas responsabilidades, agora ele teria que seguir a tradição milenar adotada, respeitada e recomendada dentro de todos os princípios morais, religiosos, éticos e conservadores seguidos por sua espécie. Sua noiva, que se sentia a noiva mais linda, e se chamava Linda, e feliz do mundo, não conseguia se conter de tanta felicidade. Suas amigas mais chegadas e confidentes não arredavam pé e seguiam-na por toda parte segurando a calda de seu vestido. Era felicidade por toda parte. Vez ou outra aparecia uma aguiazinha casada e mais assanhada e perguntava, cochichando em seu ouvido, com ar de curiosidade e uma ponta de despeito: “mas e aí, Lindinha. Me conta. Já provou da fruta do pecado, que não é pecado?”. A noivinha-águia ficava toda vermelha e envergonhada e respondia: “imagina, fulana! Estou casando virgem! Você acha que eu ia dar uma decepção dessa para meus pais. O meu noivo Bravo sempre foi muito respeitador até hoje. Nunca me faltou com o respeito. Mas valeu a pena esperar. Estou louca para a festa acabar logo, para eu poder ir para minha casa”, respondia Linda, a noiva que estava muito bonita e mais curiosa para ir curtir a tão esperada e desejada lua-de-mel.

O mesmo não se podia dizer de Bravo. Ele parecia mais tranquilo. Não bebia nada, a não ser água mineral com gás, comia pouco e andava de um lado para outro, em seu traje a rigor, com fraque, cartola e tudo, cumprimentando todos os convidados. Os preferidos de sua atenção eram, como sempre, os amigos mais chegados de sua idade que não o deixavam sozinho um só minuto. Todos estavam felizes com seu casamento e o

admirava cada vez mais. Seus primos tentavam o máximo possível fazê-lo divertir-se e comemorar tão ditosa data. Os colegas de trabalho, sempre sarristas, e ainda por cima meio travados pelo excesso de bebida, aproveitavam e alfinetavam: “aí, heim, Bravo! Está louco para ir para o “ninho” dos amantes! Pode deixar que nós também chegaremos lá um dia. Nossa vez há de chegar. Olha só como a Linda está lindinha e esplêndida! Parece a águia mais feliz do mundo. Parabéns, garanhão!, você merece!”. E por aí iam as gracinhas e provocações. Mas Bravo não ligava e continuava sempre sorrindo. Ele sabia que seu dia tinha chegado e o que ele mais queria era curtir tudo aquilo com muito entusiasmo.

Depois de muita festa e todos felizes com o sucesso do casamento de Bravo e sua linda noiva Linda a festa acabou e finalmente o casal de aguiazinhas pode seguir tranquilo e feliz para a merecida, sonhada e tão desejada lua-de-mel em seu próprio “ninho”.

Capítulo um

Bravo agora era uma águia adulta de verdade. Linda agora era uma águia com responsabilidades e teria que cuidar de um lar, um marido e dos filhos que iriam aparecer logo. Eles fizeram tudo direitinho. Tudo dentro dos padrões que a boa moral recomenda. Namoraram muito tempo. Receberam aval das duas famílias para continuarem namorando em casa. Auto presentearam-se com alianças, primeiro de compromisso e depois de noivados. A águia-mãe, dona Escolástica, (nome meio engraçado, né?) ensinou tudo sobre boas maneiras e deu educação e formação à filha para que essa se tornasse uma boa dona de casa e boa esposa. Preparou a filha para ser uma esposa sempre dedicada ao marido e aos filhos. Linda era uma águia muito prendada. Tinha preparado, com a ajuda da mãe, todo seu enxoval de casa. Sabia cozinhar, lavar e passar muito bem, apesar de que nunca precisaria fazer isso. Além de ter em casa todo o conforto que a vida pós-moderna oferece, como

máquina de lavar-louça e roupa, sua empregada faria qualquer serviço doméstico. Ela tinha tudo para fazer de seu marido um “príncipe”, um “rei”. Já ouviram falar em urubu-rei? Bravo, se dependesse de sua amada esposa, seria uma águia-rei.

Na noite de núpcias do casal apaixonado, tudo estava como Linda planejara. A suíte do casal era um mimo só. Cama com lençóis de cetim. Banheiro cheiroso e muito brilhante. Roupas íntimas todas de seda e cheias de sensualidade. A sensualidade das roupas pareciam ter um toque, um ar de felicidade, tipo mais real do que o real. Algo parecido com simulacro. Escovas de dente, sabonetes com aroma de flores do campo, xampus para as peninhas do marido e para ela também, tudo com o toque necessário e providencial de uma esposa previdente e apaixonada. O marido, que sempre fora bom filho e agora tinha tudo para ser um bom marido e bom pai, não falhara com sua parte.

Com a idade de casamento certa, vinte e cinco anos, se bem que ele preferia esperar mais um pouco, pelo menos até os trinta anos, para aproveitar mais a juventude, já tinha providenciado tudo que um casamento sério e perfeito exige. Mandou fazer um “ninho” dos melhores possíveis. Grande, confortável, moderno, com projeto arquitetônico pós-moderno, um “ninho” que muita águia gostaria de ter. Carro novo na garagem. Trabalho garantido como engenheiro de alimentos numa estatal do reino das águias. Salário razoável. Não faltaria alimentos para seus filhotes e escola particular, da melhor possível, se é que ainda existem escolas com boa qualidade, mesmo particular, nos dias de hoje e com o salário que as águias-professores ganham, para todos. Viagens para outros reinos. Casa na planície ou espigões de montanhas rochosas. Plano médico para a família inteira. Caneta Parker de ouro. Carro importado. TV a cabo. Os móveis

foram todos comprados durante os preparativos do enlace. Linda fez questão de escolher as melhores marcas e todos brancos. Geladeira, freezer, fogão seis bocas, forno microondas, telefone sem fio, aparelhos de televisão vinte nove polegadas e de Alta Definição, em cada sala e uma no quarto do casal, colchão ortopédico, quadros de parede todos pós-modernos, sofás de cor salmão e varanda com redes importadas de um reino chamado Bruzundanga, living com lareira, quintal com grande gramado e sem muros. Tudo perfeitamente dentro dos padrões de uma família de águias que nasceram para serem felizes. As mãos de Bravo tinham preparado tudo durante anos. Mesmo antes dele ter entrado na faculdade de engenharia de alimentos, já havia comprado o terreno com a poupança que fizera com a mesada que ganhava do pai e algum dinheiro extra que ganhava anualmente de presente de seu avô e padrinho, vovô-águia Astolfo do Assoré.

Na noite de núpcias, Linda, que estava mais linda ainda com o babydoll de seda vinho, calcinhas transparentes e de rendas, parecia uma cinderela. Era a encarnação da felicidade e alegria em pessoa, se é que podemos usar a palavra pessoa aqui. Tudo parecia um sonho. Tudo era como num sonho lindo. Marido melhor não poderia querer em todo o reino das águias. Ela queria e torcia para que aquele enlace “cor-de-rosa” nunca acabasse. Sempre desejou um casamento “cor-de-rosa” vinte e quatro horas por dia. O que o amor não é capaz de fazer. Mesmo para as águias, que normalmente são ariscas, ferozes, rapinas e até violentas, dependendo da situação, Linda não queria pensar em nada neste mundo a não ser ser muito feliz ao lado de seu maridinho que tanto amava.

Mas um casamento “cor-de-rosa” vinte quatro horas por dia é muito difícil e chega até ser utópico. Bravo, que

também estava curtindo muito seu novo “ninho”, afinal, fora ele quem construía com muito esforço e trabalho, e curtindo mais ainda sua linda, apaixonada, desejada e dedicada esposa, não era tão partidário dos devaneios da esposa. Sempre foi cauteloso e meio cético. Olhava para o mundo com alguma desconfiança. Principalmente as novas gerações de águias que desde cedo começavam a botar suas asinhas para fora. Achava e acreditava no casamento como uma instituição sólida, insuperável. O casamento, para ele, era algo necessário e sagrado. Sempre acreditou nas palavras sábias dos mais velhos, como seu avô no dia do seu casamento. Mas sabia também que manter um casamento sem abalar as estruturas de uma sociedade patriarcal, recomendado pela moral sacerdotal do reino das águias, nos dias de hoje, não seria nada fácil. Com o tempo os filhotes iam aparecer e a vida tornaria cada vez mais difícil e árdua para aguentar o repuxo que um lar exige. Apesar da estabilidade financeira, com o emprego estatal, mesmo assim, sabia que nem tudo é “mar-de-rosas”. Mas, não nos preocupemos com o futuro das aguiazinhas. Vamos deixá-las em paz no conforto de seu “ninho do amor” curtindo o prazer do amor. Ou vocês acham que só nós temos direito ao amor? Os pássaros são os seres que mais sabem amar. Quando eles amam, amam sempre de verdade. Aliás, eles só amam verdadeiramente, nunca traem seus parceiros ou parceiras. Mesmo Bravo sendo uma águia vistosa e cheia de charme, e com tantos rodopios, saçaricos, bicotas e bicadas, para não dizer assédio mesmo, e cantadas de outras aguiazinhas mais atrevidas, ele sempre permanecia fiel a sua amada Linda.

Capítulo dois

Quanto tempo vocês acham que dura uma lua-de-mel de um casal de águias, simples, aliás, bem mais simples que nós, mortais seres humanos? QUANTO? UM MÊS? Claro que não. Nem uma semana. Apenas um fim de semana. Na Segunda-feira brava, com uma carinha lambida, o senhor Bravo, agora senhor respeitado, estava de volta ao trabalho. Todo mundo resmungando e comentando maldosamente pelos cantos da empresa, o ar de cansaço do nosso herói. “Galera, olha só as olheiras do Bravo. Parece que ele nem dormiu esses dias todos. Será que ele não sabe que não é só Dog ou God que mata? Alguém precisa dizer a ele que sexo demasiado também mata”, comentava, com uma ponta de despeito, uma das águias-secretárias da repartição onde o jovem águia-engenheiro trabalhava. E outra respondia: “É, mas estou sabendo que a senhorita bem que tentou investir contra ele. Fez de tudo para levá-lo para seu ninho. Tentou, tentou e não conseguiu nada, né, queridinha? Mas eu sei por que não conseguiu seduzi-lo.

Simplesmente porque você não é para o bico dele”, respondia outra aguiazinha meio despeitada e com dor de cotovelo.

O dia de trabalho transcorreu numa boa. Bravo agia com a maior normalidade e naturalidade. Era solícito com todo mundo. Respondia a cada pergunta ou dúvida dos colegas sem excitação alguma. Trabalhava normalmente. Chegou até a pensar em ligar para a esposa em casa ou no seu telefone celular, mas acabou desistindo da idéia. Achou melhor fazer seu trabalho como de costume e agir como sempre. Não queria demonstrar que era uma águia romântica-melosa a ponto de ficar ligando toda hora para a esposa-águia. Nem bem abandonou seus pensamentos e o telefone de sua mesa tocou. Não era pretensioso. Não chegou a pensar que era a linda e amada companheira, talvez por descuido ou preocupação com o trabalho. Mas era ela. “Oi, amor! Você adivinhou meu pensamento. Quase liguei para você. Só não o fiz porque tinha que fazer uma revisão em uns documentos agora. Como você está? Está em casa? O que está fazendo?”, perguntou nosso herói, muito feliz e cheio de si. Ela respondeu que estava no clube com umas amigas-águias meio folgadas, tipo patricinhas. Aquilo é que era vida boa! O que toda águia-moça não daria para ter uma vida daquela? Agora seria uma constante. Clube de manhã, natação, ginástica, hidromassagem, para ficar sempre em forma e gostosa para o maridinho, uma partidinha de gamão. Não. Gamão não. Gamão é muito antiquado e para falar a verdade nem eu sei o que é gamão, deve ser com cartas de baralho; ou canastra com as amigas-águias esposas de outras águias bem sucedidas como seu maridão, almoço leve à base de legumes, folhas, frutas e nada de carne vermelha. Ratos, sapos, cobras, rãs, passarinhos e outras espécies de podridão só para a massa de águias.

Aguiasadas pobres mesmo. Ela era uma águia-lady, a senhora Bravo e não ia se rebaixar ao nível de criaturas baixas e estropiadas. Mas isso era o que ela pensava. Águia com mania e mentalidade de classe média. O marido-águia ficou feliz com a esposinha que se derretia toda de felicidade e saudade. “Amor, estou morrendo de saudade e louca de vontade de fazer aguiazinha. Por falar nisso, parece que minha correção está atrasada. Acho que vamos ter novidades logo. Volte logo para o nosso gostoso ninho, amor. Vou ficar te esperando toda cheirosinha. Um beijo grande. Te amo!. Tchau!”, desligou e o marido-águia ficou com o bico aberto meio esbabacado. Atônito. Sua felicidade era tamanha que a pobre águia nem percebeu que seu chefe imediato o observava com um papel na mão.

O expediente terminou e Bravo entrou em seu carro para ir para casa. Quando ia deixando o estacionamento ouviu um chamado. Olhou, diminuindo a velocidade do seu automóvel. Era uma das águias-secretárias que fizera o comentário sobre ele de manhã. Ela chegou perto e comentou: “E aí? Está voltando para casa correndo para encontrar a esposa apaixonada? Deixei meu carro no metrô. Você não quer me dar uma carona? Estou indo lá pelos lados da sua rua. Não se preocupe que sua esposinha não vai ficar sabendo”, finalizou a fulaninha com um sorriso meio sem graça. O nosso herói só deu um sorriso de bico fechado e respondeu secamente que estava com muita pressa e que talvez outro dia. Acelerou o carro e saiu “voando”.

Capítulo três

O que acharam do final do capítulo dois? aposto que vocês estão doidos para tentar adivinhar o que vai acontecer daqui para frente. Acertei, não é mesmo? Então eu pergunto: E aí, será que o nosso herói Bravo, que nem é tão bravo assim, lembram-se?, vai cair na conversinha mole e bicadas gostosas da aguiazinha-secretária? Olha só o nome da tal fulaninha de tal: Songa Monga. É, mas de songa, vocês viram que ela não tem nada. Vamos ver quais serão as jogadas e táticas da Songa Monga, daqui para frente para tentar dar umas bicadas e algo mais no herói Bravo. Pergunto: Será que nosso herói Bravo conseguirá permanecer fiel a sua linda esposa até o fim desta fábula? Será ele um “Ulisses?” um Ulisses da pós-modernidade? Joyce já satirizou Ulisses no modernismo. A galera mais jovem não entendeu nada do que escrevi aí atrás. Perguntem para suas professoras, águias ou não, mas perguntem quem foi esse tal de Ulisses de que falei aí. Mas já vou dar uma pincelada rápida sobre ele. Não. Mais lá para frente eu falo. Se esquecer, vocês me escrevam (o e.mail está no final do livro) e me cobram.

Mas, e a águia-secretária, que eu falava dela? Lembrem-se que a águia-secretária era muito bonita, todas as secretárias do mundo, de todos os reinos têm que ser bonitas, persuasivas, traquinas e principalmente sensuais, inteligentes e mais um adjetivo que eu vou inventar agora, calipígia. Não. Calipígia ela não chegava a ser não. No máximo gostosa. Aposto que as leitoras ficaram todas curiosas para saberem o que é uma calipígia. Nem tentem procurar no velho e bom Aurélio. Ele não dá a mesma definição que eu dou. Quem quiser saber, meu e.mail está no final do livro. Acontece a mesma coisa com a palavra “poltrão”. Sabem o que é

poltrão? Não é um animal “potro”, filhote de cavalo, crescido, não. Mais para frente vou usar a palavra e vocês saberão o que significa. Combinado?

Sempre será assim. Vez ou outra vou desviar do caminho e entrar por outros labirintos. Isso se chama literatura pós-moderna. Ainda aprenderão o que é isso. Só para quem tiver curiosidade. E a nossa história? Lembram onde paramos? Ah, já sei. A Linda desconfia que já está esperando um baby. É. É isso mesmo. Ela ligou do clube para o maridinho-águia toda melosa dizendo o de sempre. Que o amava. Que estava com saudade. Louca para fazer amor. É, porque águia também adora fazer amor. Elas descobriram primeiro, bem antes de nós, que sexo é a melhor coisa do mundo. Mas cuidado aí, leitores e leitoras menos avisados. Sexo só deve ser feito com a pessoa certa, de preferência sem mudar de parceiros a toda hora, no momento certo e com uso de preservativo (condon). Principalmente numa idade em que não se tem muita experiência. Faça sexo. Mas faça com todo cuidado. Cuidado com o sexo e mais cuidado ainda com as drogas. Vou falar das drogas também. Mas já posso ir adiantando e começando com um alerta: fuja, ande longe, muito longe, das drogas. Quem foge das drogas só tem a ganhar. Fuja, louco, das drogas. Qualquer um pode ser pirado sem se meter com drogas! Principalmente drogas pesadas. Álcool, inclusive.

Linda ligou apaixonada. Conhecem a cena. Esposa-águia apaixonada e no cio. Marido-águia feliz da vida, como toda águia-classe-média é feliz. Se bem que a classe média de outros reinos anda meio chorosa. O peso da política neo-liberalizante de certos reinos, de certos governos com práticas nada democratizantes, arrochos salariais e recessão, acrescido de altos impostos, tem até uma tal de cpmf, tudo isso no reino das águias, cai tudo

sobre o lombo da classe média. Até lá no reino das águias tinham muitas águias-classe-média botando o bico no trompete. É, porque, se não sabem, em todos os reinos há revoltosos contra o governo e sistema. Não é qualquer aguiazinha que vai engolindo conceitos como razão, moral, verdade absoluta, totalitarismo, religião, fanatismos, neo-liberalismo, fakes e outras bobajadas.

Até mesmo lá no reino das águias o pós-modernismo já chegou. Chegou e mandou ver em tudo. Daqui a pouco vão começar a desfilar personagens pós-modernos como a tal de Pank Rapunzel. Essa Pank vai aprontar alguma. Acho que os leitores estão começando a duvidar de mim. Duvidam por dois motivos. Primeiro, porque estou prometendo muita coisa. Segundo, porque já saí da estória há muito tempo.

Mesmo no reino das águias, sempre há águias de rapina. O político fulano de tal, de todos os partidos, de centro-direita pra lá, desses que comandam o reino das águias pobres, como as águias-políticos do nordeste pobre, ingênuo, massacrado, explorado, extorquido e tão amado pelo resto do reino das águias, esse aí, pode ter certeza que é uma águia de rapina. Aqui, no caso, rapinagem ganha novo sentido. Rapinagem quer dizer roubar mesmo. Quer dizer: “malandragem”. Rapinar: roubar violentamente. A águia é uma ave de rapina porque tem bico adunco e garras fortes. Isso facilita sua colheita, digamos assim. Mas as águias-políticos rapinam mesmo na cara dura. Há uma águia-político muito conhecida lá no seu reino. É uma águia-político famosa pelo seu estilo ditatorial e corpulento, corrupta, de ultra direita, super conservadora, com que trata as outras águias. Principalmente as águias que se posicionam contra ela. É conhecida como a águia mais corrupta de todo o reino das águias. Chegou até a ser governador e prefeito biônico (atenção professores: dizer para os alunos quem

foi essa figura em seu reino e o que significa “governo biônico”.) de uma das províncias do reino das águias. Uma das províncias mais ricas, por sinal. Com os milicos no poder, a rapinagem era muito mais fácil. É, no reino das águias também tem ditadura. Lá, volta e meia, os milicos são doidos para apossarem-se do poder. Pois, até quem fez, de araque, a proclamação da República do reino das águias foram eles, os milicos. A última vez que eles tomaram o poder, à força e com o apoio das águias conservadoras e de direita, a elite do reino mesmo, ficaram mais de vinte anos comandando o reino. Foram terríveis. Nem quero contar nada. Parece que a última águia-militar que comandou o reino, uma águia muito imbecil por sinal, morreu dias antes da virada do milênio.

Essa águia aí, a águia mais corrupta do reino, chegou a disputar uma eleição num tal vergonhoso colégio eleitoral, com uma águia-política da província dos gerais. Adivinha quem ganhou a eleição vergonhosa? Claro que não foi a águia-corrupta. Ainda bem, vocês não acham. Mas no final acabou ficando tudo igual. Num reino em que a elite manda, dificilmente as coisas mudam. Imagina se vamos querer uma águia ladra, sem escrúpulo algum. Aposto que vocês também não gostariam de ter um presidente, governador ou prefeito que roubasse o suado dinheirinho de vocês, não é mesmo? A águia, essa águia corrupta era tão corrupta que seu nome chegou a se tornar sinônimo de rapinar. Roubar. O cara era muito fake mesmo, acreditem! Ele era desses que vendem a mãe e não entrega. E sobre malandragem é o que mais vamos falar nesta história. Nesta narrativa. Vai aparecer muitos malandros. Muitos poltrões. Fakes também aparecerão. Principalmente fakes. Olha outro adjetivo aparecendo aí na nossa história. Fake.

Professoras, usem meu livro para enfatizar os adjetivos, substantivos e fatos históricos. Sejam criativas, como vocês sempre foram. A gurizada está aí é para aprender mesmo. Sei que não é tarefa mole a de professor. É uma das mais difíceis e menos valorizadas no reino das águias também. Mas faça o que puder que já estará fazendo muito.

A história do reino das águias é muito triste de contar. Não vou me meter na área que não é minha. Meu negócio é literatura. Ainda vamos ter muitos encontros por aí. Podem apostar. Deixo para uma águia-escritor-historiador que quiser contar a história desse reino com mais detalhes. Ele pode usar o mesmo reino das águias, até o mesmo título, só que numa visão científica, histórica. Cuido apenas de narrar a estória do casal de águias, que aliás, faz tempo que não aparece por aqui. Eu não alertei, no começo, o que era um livro pós-moderno? Um escritor pós-moderno? Não disse para tomarem cuidado para não se perderem? Releia o começo. Ou se quiserem pode recomeçar tudo do começo. Como sou muito esperto e sei que não vão voltar, no máximo uma olhadela de raspão, e vão continuar em frente, vou ser mais camarada e retornar à nossa narrativa, antes que esse capítulo fique muito comprido.

Esposa apaixonada e no cio liga para o maridinho mais apaixonado ainda e diz que o baby vem aí. Aí, leitores, peguei vocês. Pensaram que eu tinha esquecido, né? Lembrei e repeti tudo sem errar uma só palavra. Podem conferir lá atrás. E agora? Baby na parada logo de cara. “Puxa vida, vou ser pai muito novo e avô mais novo ainda, se meu filho não for bicha e a filha lésbica”, pensou a pobre águia-marido. SURPRESA! Os editores pensaram que eu não ia usar expressões picantes, por se tratar de uma fábula dirigida ao público jovem. Ledo

engano, meus camaradinhas. A galerinha de hoje é muito esperta e já cresce com certificado de vacina contra moralismo. Eles sabem muito mais coisas do que imaginamos. Não vamos tentar tapar o sol com peneira. Podem se preparar que vem muita coisa picante por aí. Não vão se assustar com a linguagem e apavoro que o personagem principal, que nem apareceu ainda, vai aprontar. Só falta essa agora: os editores recusarem o livro porque é uma fábula muito picante para jovens de quinze a vinte e cinco anos. Mas já vou avisando. Não retiro uma única palavra do que o personagem-herói falar. Se bem que chamar ele de herói é uma heresia. Ele está mais para anti-herói, Macunaíma, Leonardo Pataca. Só vamos chamá-lo de herói porque o livro é uma fábula. E isso não vai afetar a razão, moral cristã do reino dos humanos e outra moral qualquer. Afinal, não descobriram ainda que esta é uma fábula super pós-moderna do século XXI?

Não. Não pode ser verdade. Deve haver engano. Além do mais, como é que ela ia saber disso se ainda era Segunda-feira, o primeiro dia de trabalho do marido, pós-casamento; lembram-se? Tem gato na história. Ué! Essa não é uma estória de águias, como é que tem gato? Calma, leitores. O verbete aí é uma metáfora, para dizer que tem erro ou trapaça na história. Será? Será? Ué, então a dona fulaninha não era tão lá santa assim como a gente pensava? Parece que a estória está começando a pegar fogo. Vamos para o próximo capítulo. Lá a gente tenta fazer a coisa esquentar.

Capítulo quatro ou é cinco?

Cheirosa. Perfume saboroso. Algo muito sexy. Gostosa. Esperta como uma águia sinuosa. Já que não pode dar miau, característica exclusiva das gatas, panteras e gatinhas manhosas meio patricinhas urbanóides, então dava umas grosnadas escandalosas para atrair o cheiro do macho. O cheiro e o próprio macho. Ah, essas fêmeas! São todas iguais!. São iguais em qualquer reino. É por isso que eu as amo! Olha o e.mail no fim do livro. Muito gostosa. Deliciosa. Desejada. Invejada. Saboreada com os olhos por todas as águias, machos, claro. Se bem que... Deixa pra lá.

Os leitores adolescentes devem estar babando pela super águia-esposa. Se este livro virar filme de desenho animado ou peça de teatro, um dia, a galera de águias-teen vai pirar a cabeça. A águia-marido, o tal de Bravo, e que a fulaninha o chamava de “meu Bravo! Meu bravinho!”, ficava todo elétrico, faceiro, cheio de si, narciso até. Ver aquela maravilha de águia ali toda sua. Só sua! Aquele monumento que fazia parar o trânsito do

reino das águias, ali deitada toda sexy na sua cama. Não! Não podia ser verdade. Voltar do trabalho, que não era dos piores, diga-se de passagem. Afinal, num reino onde oitenta por cento da população são analfabetos e milhões de águias miseráveis vivem em condições sub-humanas, sem falar da falta de uma política agrária séria que resolva de uma vez o problema crucial da reforma agrária, que já vem se enrolando há décadas ou mais de século, e desemprego que assola o reino das águias sem qualificação profissional; são poucas as águias com condições de estudar, então, ser um bem sucedido engenheiro de alimentos, principalmente de uma estatal com todos os privilégios e vantagens, até que não era nada mau. Era bom até de mais. Peguei as professoras de português. Nem prestaram atenção na palavra mau. Vamos em frente. Escrever de madrugada não é mole.

E o nosso herói? Como ela estava mesmo quando ele chegou em casa? Linda! Lindamente linda. Linda no nome e na matéria. Linda no nome e na alma. É, águia também tem alma, isso segundo alguma águia-filósofo que defende a razão. Daqui a pouco vou falar dessas águias. Do reino de águias-filósofos que pensaram e repensaram seu reino há muito tempo. Lá para as bandas de um reino chamado Grécia Antiga. Quando pintar um “gancho” eu falo.

Plumagem de primeira linha. Descendia de águias nobres. Por isso, o casamento tão badalado, esqueceram? Linda. Como Linda era linda! Linda e gostosona! Tão linda que chegava a cegar nosso herói. Só que aqui era real. Real, no reino das águias, bem entendido. Não era visagem e imaginação do herói, como o canto das sereias que seduziram o herói Ulisses na volta para casa, para reencontrar sua esposa Penélope, eternamente fiel, que ficou vinte anos esperando pelo marido que foi para a

guerra e se perdeu no caminho de volta, mas sem nunca ter traído a esposa. Aí, a referência a Ulisses do grande poeta-águia chamado Homero. Acho que era isso mesmo. A águia-marido parecia esbabacado de tão feliz que estava. Só faltava babar na própria gravata. É, lá as águias classe-média todas usavam paletó e gravata. Parecia o reino das águias do sol nascente. As águias do outro lado do reino. Lá para as bandas do oriente mesmo. Mas Bravo, que não era tão bravo assim, acho até que não era nem um pouco bravo; é, não era bravo mas era esperto. Não era bravo, Bravo só no nome, mas não era bobo também. Então era bravo no nome e não bravo com ninguém. É. É isso aí.

Bravo, que estava adorando todo aquele assanhamento, e, como já disse, não era bobo e nem nada, não queria outra vida a não ser aquela. Tinha a vida que pedira a Dog ou God, o deus máximo, o criador do reino das águias. Obrigado Dog, God, por essa maravilha de vida, ele sempre agradecia. Não estava nem um pouco preocupado com a presumível vinda de um baby. Poderia ser também que Linda, que sempre estava linda e maravilhosa, estivesse brincando com uma ponta de ironia. Vá lá, que seja o que for. O que o nosso herói mais queria era curtir sua lua-de-mel que nem bem tinha começado. Mesmo que pairasse qualquer dúvida, o que para ele era muito improvável, sobre a reputação de sua linda aguiazinha-esposa, como foi o caso da mentalidade fértil de muitos leitores, confesso que eu cheguei a cogitar essa possibilidade, mas desisti logo, que chegaram a fazer mal juízo da pobrezinha da águia-esposa e muito gostosa, mesmo que pairasse qualquer dúvida maldosa sobre ela, ele, Bravo, uma águia que não era brava, era mansa, portanto, não se importaria com nada. Amava-a e queria-a para sempre sua. Melhor picanha com os amigos do que pescoço sozinho, pensava.

Cheirosa. Gostosa. Sexy. Muita areia para o caminhãozinho do senhor Bravo. Será que ele aguentaria carregar tanta areia? Mesmo que desse duas viagens ainda assim era muita. Mas e a história da águia-secretária Songa Monga? Tem essa ainda. Muito bem lembrado.

Os dias passaram rápidos. Em fábulas pode acontecer de tudo. Por isso que essa é uma fábula pós-moderna. Para pirar a cabeça dos editores e críticos. Quando disser que escrevi o livro em tempo recorde não vão acreditar. Quero ver a resposta deles, dos editores, principalmente. Vou lembrá-los que no reino dos escritores-humanos um fulano chamado W. Kennedy, teve seu “Vernônia” recusado quinze vezes. Olha o que aconteceu com o livro. (atenção galera: leiam o livro aí citado).

Os dias foram passando e o casalzinho de aguias continuava feliz. O primeiro ovo que Linda botara já estava perto de “pipocar”, não se preocupem que águia não come pipoca, de trazer o primeiro filhote do casal ao mundo.

Os charutos já estavam encomendados para a festa que Bravo daria para seu amigo. A festa de comemoração do primeiro pinto, desculpem, filhote de Bravo e Linda, a linda.

Tá pintando encrenca na área. Será fácil criar os filhotes nos dias de hoje? Será que o casal de águias apaixonadas conseguirão fazer com os filhotes o mesmo que seus pais lhes ensinaram? Os tempos mudaram. O casal também percebia isso e procurava acompanhar as tendências, mudanças que a pós-modernidade trazia com a própria história de todos os reinos. Eles liam livros, de escritores-águias pós-modernos, como este aqui; liam revistas como Cult, Ícaro e outra com o mesmo nome do nosso herói, Bravo!. Liam tudo, viam, ouviam (gostavam

muito de um músico e cantor do reino dos humanos chamado Zé Ramalho. Gostavam muito da música do reino dos humanos, mas tinham preferência por aquele), e principalmente consumiam tudo que fosse criação da pós-modernidade. Desde arte, filosofia, estilo de vida, moda, conceito de política mais democratizante, ciência, computador, Internet. Tudo que eles consumiam e os cercavam tinha o dedo da dona pós-modernidade. E os filhos? Como seriam? Será que ele aguentaria as pontas e o repuxo? Esperemos para ver.

Cinco. Agora é cinco.

Nasceu o primeiro baby do casal de águias apaixonadas. A festa acontecera. Os charutos não foram suficientes. Apareceu amigo do Bravo que nem ele se lembrava mais. Amigos e amigas. Adivinha até quem apareceu por lá? Claro que só podia ser ela, a Songa Monga. Mesmo sem ser convidada ela resolveu dar uma passadinha para conhecer o filhote do colega de trabalho. Afinal, não há nenhum mal nisso. Bravo preferiu nem levar em consideração. Para falar a verdade, ele nunca mais se lembrara da cantada, na cara dura, que a fulaninha lhe dera há quase um ano. Deixou passar batido. Até porque, se tinha alguma esperança de um dia mandar ver na aguzinha-secretária, não poderia queimar o filme ali na festa, na sua casa. Olha a

curiosidade do leitor aumentando. Todo mundo só pensa no que não presta. Fazer ciência ninguém quer. Fazer pesquisa científica ninguém quer

Capítulo seis; não. Cinco e meio

Perceberam como o capítulo anterior foi super curto? Maneirismo. Fábula! Coisas de escritores que vocês já sabem o que é. Ah, já nasceu a primeira encrenca. O filhote do casal de águias apaixonadas veio ao mundo. Nasceu e já chegou apavorando. Nem bem tinha saído da casca do ovo e já chegou apavorando. Logo de cara foi implicando com tudo que ele encontrou ao seu redor, em seu reino, bem entendido. Dick. Todo mundo só o chamava, nos primeiros dias e meses de sua tediosa existência, ele era quem achava tudo tedioso, tudo muito massacrante, muito diferente do que ele imaginava lá dentro da casca do ovo, todos o chamavam de “Little Dick”. Mas ele começou a não gostar dessa história, não da “estória” da qual faz parte, mas dessa história de reino das águias. Nem bem criou as primeiras penugens e já começou a questionar muita coisa. Já queria botar,

não, pôr fica melhor, pôr as asinhas para fora. A primeira coisa que fez foi dar um pito em todo mundo e mandar todos pararem de chamá-lo de Little Dick. Que história é essa de little Dick o quê? Tratou logo de arrumar um apelido mais radical e apavorante. Crazy. É! Acho que Crazy Dick ficava melhor. Caía melhor com seu estilo, seu tipo de encarar seu reino cheio de trapalhadas e conceitos, normas, razão, religião, sistemas políticos, regimes autoritários, começando em casa, ideologias etc. Não gostou de nada que encontrou por aqui. Quis saber logo por que tudo era dividido em classes, reinos, conceitos etc. Para falar a verdade, ele nem sabia, na real, a que classe deveria pertencer. Muito menos a que reino faria parte. Mas sabia que o reino das águias não era lá tão bom assim.

Aqui começa a se definir a história do novo herói, ainda heroizinho da nossa fábula. Ele poderia nem querer fazer parte do seu reino e se rebelar com tudo e até querer fazer parte de outro reino, mesmo sendo uma águia. Iria pesquisar direito e se definir. Mas não via nenhum inconveniente em crescer no meio de outros seres, inclusive os humanos. Nem descartava a hipótese de mais tarde se apaixonar por alguma lindinha humana que existia à beça por aí.

Se tinha alguma coisa que Dick, aliás, Crazy Dick, mais detestava era ir para a instituição chamada igreja, templo, em certos lugares de seu reino. Ele começou a odiar os Domingos. Quando estava chegando o dia de ir à missa das águias, Crazy Dick, que começava a já dar sinais de que pretendia ser muito crazy mesmo e não se preocupar com nada, entrava numa nóia e queria só ficar em seu quarto, que sua linda mãe-águia tinha preparado com o maior carinho, ouvindo música, quase todo tipo de música do reino das águias, se bem que ele começava a já dar sinais do tipo de música que ia

preferir. Aposto que os adolescentes que estão lendo este livro já sabem que tipo de música é essa.

Crazy não era um nome, ou nickname apropriado para o nosso heroizinho que acaba de surgir. Aposto que se os leitores pudessem interferir na narrativa, com certeza achariam outro nome, como Dick Lazy, não. É Lazy Dick, ficaria bem melhor. Não acham? Mas vá lá, que fique Crazy Dick como o nosso herói-filho quer. Pode ser que vez ou outra eu o chame de Lazy Dick. Sabem por que preferia Lazy Dick ao invés de Crazy Dick? Porque eu também sou meio “lazy” e adoro uma expressão com essa palavra. Adoro dizer para meus amigos-águias que estou sempre “in lazy around”, vocês ainda verão o próprio Crazy Dick dizendo essa frase, quando ele crescer mais e se definir por alguma coisa, se é que ele vai querer fazer ou ser alguma coisa na vida. Esqueceram que ele nem bem chegou ao seu reino e já foi logo implicando com tudo. Não gostando de nada. Isso é sinal de quê?

Aposto que já conhecem esse filme. Filhos adolescentes que não se preocupam com nada, que não querem fazer nada. Vagabundos mesmo. Ou se preferirem, lazy mesmo. É por isso que, vez ou outra vou chamar nossa águia-heroizinho de Lazy Dick. Vamos descobrir se ele fará jus ao nome. Tanto Lazy como Crazy. Mas parece, pelo jeito, que algo muito chocante, algo dos dias atuais, vai esquentar mais nossa fábula. Algo que os adolescentes humanos chamam de “mais apavoro”. Vamos aguardar para ver no que dá.

De onde veio toda a chateação, tédio e desconfiança de Crazy Dick? (Atenção: essas características incorporadas desde cedo por Crazy Dick são típicas de escritor. Será que nosso heroizinho se meterá e enveredará pelo mundo das letras em seu reino ou para a música?). Afinal, qual águia, com pelo menos um só

neurônio, que não gostaria de nascer num ninho como o dos Bravos? Qualquer uma gostaria de ter esse privilégio. Com tanta miséria no reino das águias, com tanta pobreza e águia morrendo de fome, com tanta exploração por parte das águias-políticas de rapina, e outras águias fakes e malandras tais como donos de canais de televisão, pastores e bispos que fundam impérios religiosos para enganar e roubar o dinheiro das águias ignorantes e fanáticas, que roubam as águias pobres, deixando-as cada vez mais pobres, será que com tanta desgraça, o nosso heroizinho ainda tem algo a reclamar de ter nascido num “berço”, digo, ninho de ouro? Aposto que todos vocês, leitoras e leitores teens, que estão se identificando com Crazy Dick, gostariam de nascer num ninho, digo, casa, como a do felizardo e sortudo da nossa aguiazinha-personagem, Crazy Dick.

O pequeno Crazy Dick já nasceu questionando tudo ao seu redor. É por isso que a fábula se chama..., vocês se lembram do título deste livro? Como é mesmo, então? Peguei todo mundo de surpresa. Aposto que muita gente (gente?), que papo é esse de gente invadindo uma fábula de um reino de águias, não entendi direito, ou muita águia-leitor já tinha esquecido o nome desse livro. Então como é mesmo? Ah, lembraram. É por causa do nosso heroizinho Crazy Dick que este livro se chama “Admirável Ovo Novo!”

Lembram-se de que falei, lá no início, que daria boas dicas de leituras durante a narrativa? Está aí a primeira. O livro que li, mas não gostei muito, apesar de sua importância, é meio chato de ler, tem um nome parecido com o meu. Aliás, esta fábula foi inspirada nesse livro que estou citando. “Admirável Mundo Novo”. Gostaram do título? Se quiserem esperar um pouco mais para lerem esse livro, que fala das previsões do futuro do reino dos humanos, podem esperar. É que o livro citado

é meio profético e um pouco difícil de ler. A galera que já está numa universidade ou a caminho dela, pode ler sem medo.

Além do livro, Admirável Mundo Novo, existe uma música com uma letra muito sugestiva. O nome é muito parecido com o título do meu livro. “Admirável Gado Novo”. Muito bonita por sinal. Vale a pena ouvir várias vezes. Compre o cd. O autor e cantor chama-se Zé Ramalho, aquele mesmo que os Bravos adoram, mas aviso: é do reino dos humanos. Como gosto tanto da letra e da composição mais ainda e o cantor é meu amigo, vou mostrar para vocês que maravilha de letra, mesmo sendo do reino dos humanos. Acompanhem: *“ôô êê vocês que fazem parte dessa massa, que passa nos projetos do futuro, é duro tanto ter que caminhar, e dar muito mais do que receber, e ter que demonstrar sua coragem, à margem do que possa parecer, e ver que toda essa engrenagem, já sente a ferrugem lhe comer, êê ôô vida de gado, povo marcado esse povo feliz, êê ôô vida de gado, povo marcado esse povo feliz, lá fora faz tempo confortável, a vigilância cuida do normal, nos automóveis ouvem a notícia, os homens a publicam no jornal, e corre através da madrugada, a única velhice que chegou....., o povo foge da ignorância, apesar de viver tão perto dela e sonha com melhores tempos idos...”* Linda! Não é mesmo? Vamos dar uma viajada na letra do cantor e compositor humanóide. O que vocês entenderam da letra? Galerinha, não esqueçam que vocês estão acompanhando uma fábula. E fábulas são fábulas. Sabem por que elas existem? Para serem lidas e interpretadas exatamente como vocês estão fazendo. Serem lidas. Lidas e imaginadas, devaneadas. É claro que quase todas, inclusive esta aqui, servem para dar um recado, fazer um alerta, ironizar, xingar e principalmente para fazer críticas. Mas, nós escritores somos muito espertos e

fazemos isso de uma maneira tão sutil que a galera, até mesmo os criticados, não percebe. Mas deveriam. Não seja uma águia burra. Pense um pouco mais. Olhe sempre para frente. Comece a desconfiar de muita coisa que te cerca, te rodeia, do que ensinam os livros oficiais. Conhecem a lorota que nos pregam na escola sobre vários fatos históricos do nosso reino, como a independência, proclamação da república e tantos outros? Comece a ficar mais esperto, ou esperta, assim como o crazy do Crazy Dick. Lembrem-se dele? Analise comigo, você que não quer ser uma águia burra, ignorante, analise comigo a letra, a poesia, a mensagem e acima de tudo, o alerta que o autor escreve. O que ele faz ali é mandar um recado para a galera responsável pelo destino da humanidade, ou de qualquer espécie de ser, seja lá o reino que for. O que é que ele está alertando? Está lá, na lata, ou na letra: vocês que fazem parte dessa massa, dessa grande massa que é o planeta terra, tanto humanos quanto outros seres vivos, outros reinos, mas principalmente o reino dos humanos que é quem mais maltrata o planeta terra, tomem cuidado, acordem que o mundo pode virar uma prisão eterna, que não haverá futuro, felicidade, diversão, vida alegre. É duro tanto ter que caminhar, duro, muito duro mesmo ter que caminhar e sem saber para onde, sem saber que nada te espera em lugar nenhum, por causa da prisão eterna. É, é isso aí mesmo. A atual sociedade não sabe qual é seu destino. Está super perdidona mesmo. Parece uma barata tonta. Mas é muito pior quando você sabe que tem que dar muito mais de si, do que tem para receber. Ele diz que toda essa engrenagem, mundo, sociedade, destino do planeta, toda essa engrenagem já sente a ferrugem corroer, comer. Que a engrenagem é o planeta terra e a ferrugem é o destino dos habitantes dessa engrenagem. Tudo pode acabar. O que é que a ferrugem

faz? Isso quer dizer que um dia tudo vai acabar, que o fim de alguma coisa está perto. Que coisa é essa? O destino da humanidade. O autor é profético. O alerta dele é pertinente, é cabível e muito sério. É tão sério que ele compara o sofrimento do povo, dos seres humanos, o que não é muito diferente do reino das águias, do seu povo, afinal ele também faz parte dessa massa, com o sofrimento do gado que é marcado a ferro quente para ser identificado pelo dono. O gado e o povo têm dono. São rêses iguais. A palavra feliz, tem sentido dúbio, duvidoso, indefinido, duplo. Diz que o seu povo, do seu reino, é um povo sofrido, mas mesmo assim é feliz por sua existência. Que é um povo ingênuo. Que mesmo sofrendo feito gado, boi, não reclama de nada. Lá fora um tempo confortável. Lá fora onde? Fora da prisão eterna? Fora do sistema? Fora da consciência? Ou fora do seu reino e nação? A vigilância cuida do normal. Que vigilância é essa? Então estamos todos presos, sendo observados o tempo todo? Então não podemos fazer nada que fira as leis, normas e regimentos do sistema que ele nos castiga severamente? Que porra (desculpem)(sic) de vigilância é essa? Onde está nossa liberdade? Onde estão meus, o direito de cada um, direitos de ir e vir? Quem foi que votou para a existência dessa prisão eterna? Nem fiquei sabendo que ela ia existir. E esse “normal”? cuida do normal? Quer dizer então, que tudo está normal? Mas se está tudo normal, então está uma beleza? Aí é que nos ferramos mesmo. Depende do que vocês entenderam o que é normal. Acontece que esse normal está mascarado de metáforas. Para entender isso vocês teriam primeiro que ler dois livros. Um eu já indiquei. É o mesmo que me inspirou a escrever esta fábula. Admirável Mundo Novo. O outro é da mesma linha. Olha que título mais esquisito. “1984”. O autor, um inglês super conservador, chamar inglês de

conservador, não todos, chega a ser meio pleonasmático, escreveu o livro em 1948, atentem para a inversão dos números, e fez uma profecia do que poderia estar acontecendo em 1984, ou seja, no futuro, num futuro bem próximo do dele. O livro é uma pira muito grande e vale a pena ser lido, caso contrário eu não estaria indicando.

O compositor, um dos melhores do seu reino, ironiza a ignorância do povo dizendo que a grande massa vive na e tenta fugir da ignorância, apesar de viver tão perto dela e sonha com tempos idos. Tempos melhores, tempos melhores que já passaram (idos) e não voltam mais. Se o povo-gado sonha com o passado, somente com o passado, é porque não tem esperança em mais nada. Sabe que não tem futuro. O futuro não existe para esse povo que debandeia, feito gado, sem saber para onde ir. Sem futuro e sem destino. Mas o que é que faz esse povo sofrer tanto? Por que esse povo, que merece ser feliz tem que sofrer tanto? O que foi que fez esse sofrido e perdido povo chegar onde chegou? Não vou responder. Deixo para que vocês, leitores-humanos, que também fazem parte da grande massa, descubrirem sozinhos. Posso dar algum alerta e até alento. Procurem o e.mail, o meu e.mail no final do livro e não algum tal de Email. Parabéns, Zé Ramalho!

Mas o que isso tem a ver com o nosso heroizinho? Será que ele já pegou o livro aí citado na estante de seu pai e o leu? Claro que ainda não. Mas com certeza ele, algum dia, vai lê-lo. Espero. Quando ele descobrir e ler o livro, aposto que vai comentar. Não só esse, mas outros livros também. Se não comentar com os amigos, vai comentar com outras pessoas (pessoas? Será que ele vai ficar amigo de outros seres? De seres de outros reinos? Aguardemos) ou até consigo mesmo. O sugestivo título de “Admirável Ovo Novo”, é para mostrar o mundo,

reino, maravilhoso e admirável, (sic!) que esperava, aqui fora, pela nossa águia-herozinho. Vamos ver então o que o herozinho, rebelde, irreverente pinto, digo, filhote, que ainda não era Dick, Little Dick, Lazy Dick ou Crazy Dick, pensava lá dentro do seu casulo, digo, do seu ovo. Ufa! Que capítulo longo! Arre!

Capítulo sete

Dick. Crazy Dick ainda não era Crazy Dick. Ainda não tinha vindo ao seu reino. Ele, biologicamente, cientificamente, pela consciência, razão, lógica e crença ainda não era nada, antes de seu pai, o herói meio bunda-mole dessa estória, e sua linda mãe fazerem amor, não existia. Nem sabia que um dia iria ser uma águia. Nem sabia que existia mundos, reinos, vida, cosmo, caos, buraco negro e coisas do tipo. Tudo isso só existia para quem existia também. Isso prova que a existência é fruto da própria existência e da consciência. Ou seja, tudo que existe, existe por si só. Deixa pra lá. o livro é uma fábula e não um tratado de filosofia. Deixa isso para depois, para um outro livro, por que não?

Mas se ele não sabia que existia, antes de ser feito, antes de papai e mamãe fazerem amor, teve uma hora

que ele se fez ser. Notou-se que existia. Mesmo sem saber quem era, de onde veio e para onde iria. E muito menos quem seria. Aos poucos começou a descobrir que tinha sentidos. O primeiro sentido que descobriu foi a percepção, depois vieram os outros sentidos. Não demorou para perceber que ouvia algo. Sons. Mas não sabia o que era som. Nem sabia que se chamava sons, muito menos que existiam palavras. As palavras davam sentido e significados às coisas. Algo parecido com significado e significante. Signos, (signos, não os signos de horóscopos, que é uma bobajada só, signos na ciência, mais precisamente na semiótica, que é a ciência que estuda o nome das coisas, os signos representam a linguagem, o nome de tudo que existe. Mas nem tentem saber o que é isso agora. Deixa para quando vocês entrarem numa universidade), para ser mais exato.

Mas o ainda Não-Crazy Dick começou a querer saber mais, lá onde estava, dentro do ovo, é claro. Nem sabia que estava dentro de um ovo ou que o lugar se chamava ovo. Começou então a aprender e inventar a si próprio e inventar algo que mais tarde ele aprenderia que se chamava consciência, mundo. Reino. Tanto faz. Tanto faz para ele que ainda não sabia diferenciar nada. Parecia um personagem de um livro chamado “Metamorfose”, de um ótimo escritor do reino dos humanos. Só que num processo (olha aí o nome de outro livro do mesmo autor. Leiam ambos ou todos do mesmo cara. Ele se chamava Franz Kafka e era lá do reino das Chechecas ou Checas) inverso de conscientização. Lá, a personagem vai se metamorfoseando e transmutando do reino humano para o reino dos insetos, numa barata. Aqui, um nada vai se fazendo. Deixando de ser nada para ser uma águia, uma consciência de águia. Leiam Kafka que vale a pena.

Os dias foram passando e a natureza, a sábia mãe-natureza se encarregava de tudo. Ela se encarregou de transformar o nosso ainda Não-Dick em ser existente. Em Crazy Dick mais tarde. Sua vinda ao seu reino, seu mundo era questão de dias ou meses. Ele foi crescendo, suas células multiplicadas, suas formas adquirindo contornos até ele sacar que era algum ser de algum reino. Com o passar do tempo já podia até entender tudo, ou quase tudo, que ouvia vindo de fora, do externo para o interior de onde estava. Quando descobriu que era um ser, uma consciência, podia até ouvir os seres de seu reino comentarem e até conversarem com ele. É, mamãe-águia também conversa com seus futuros filhotes que ainda não nasceram. Ouvia palavras, cantigas cantaroladas, canção de ninar, musiquinha suave e muito inocente, “palha” mesmo, (ele achava) conversas dirigidas a ele. Começou a achar aquilo muito babaca e meloso demais para seu gosto. Nascer, crescer, ser feliz, estudar, escovar dentes, ser forte, corajoso, inteligente, jogador de futebol, de tênis, muitas águias bonitas e ricas, namorar algumas dessas águias bonitas e ricas, crescer e casar, como aconteceu com seu pai, tudo certinho, ficar sempre ao lado da mãe e mais um monte de bobajadas, que papo estranho é esse? Enfim, ouvia tudo aquilo, lá no seu aconchegante conforto que a natureza lhe dera sem cobrar nada em troca. Ouvia mas não estava achando graça nenhuma. O que será que eram todas aquelas coisas que os seres do lado de fora tanto falavam? O que será que deve ser trabalhar? E estudar, será que era muito ruim? Tomara que eu não tenha que fazer nada disso. Ainda bem que aqui ninguém me pede para fazer nada. Ainda bem que estou no meu canto em paz e não me preocupo com nada disso, conjeturava consigo mesmo. Um dia a moleza acabou. A felicidade acabou e apareceu mais uma palavra pesada

no seu vocabulário. **REALIDADE!** O que é a realidade? Poeticamente pode ser explicada como sendo a real-ida-da-ida-de sem volta. É, mas o nosso futuro heroizinho não sabia que as coisas não eram bem assim. De repente... **Fiat Lux! Fez-se luz!** Sem mais nem menos, a casca do ovo se quebrou e ele levou um puta susto! **Desculpe aí, reino dos humanos. A palavra indesejável que apareceu é só um adjetivo que significa grande, bem enfatizado. Todo mundo fala isso.**

E agora? O que será que vai acontecer com o futuro Dick, Crazy Dick e seu futuro, qual será? Primeiro ele viu um buraco na casca do ovo. Curioso, muito curioso, como todo adolescente humano, foi dar uma espiadinha. Nem chegou a colocar a cara, ou melhor, o bico para fora. O que será que tinha lá fora? Ih, mas há outros seres parecidos com ele. Parecia que comemoravam alguma coisa. Será por sua causa que estão todos eufóricos? Muito barulho. Festa. Parece que estão querendo acabar de quebrar seu casulo, sua proteção de segurança. Que desgraça está acontecendo? Não estou entendendo nada. Será que é o meu fim?, pensava ele desesperado. **PLOCC! TRAACK!... NÃO! Ainda não era o fim do futuro heroizinho. Era apenas o começo. O começo de uma eternidade. O começo de sua vida no reino das águias e de outros reinos.**

A festa começou. Primeiro com poucas águias. Depois, sei lá quanto tempo depois, vamos chamar de “o dia da festa”, na linguagem dos seres humanos, depois com um monte de chatos e chatas que não paravam de pegar nas bochechas do agora já sendo um ser e que ganhara o código, identificação, uma palavra com som chamada Dick. Então agora nosso heroizinho já era ele mesmo, Dick, que passaram a chamá-lo de Little Dick e que mais tarde Dick daria uma bronca em todo mundo, proibindo qualquer águia de chamá-lo por esse

horrendo, na sua opinião, apelido, que dava-lhe uma conotação pejorativa e não muito elegante. Quando teve consciência do significado de little dick, Dick meteu a boca e mandou todo mundo ir às favas. Analisou vários nomes e achou crazy mais apropriado. Então ficou, a contra gosto deste escritor, Crazy Dick. Vamos para o próximo capítulo. Começaremos pela infância do nosso heroizinho.

Capítulo oito

Vão querer que eu conto a infância de Crazy Dick, ou vamos logo para sua adolescência? É, porque aqui quem manda é o leitor. Leitor manda e o escritor obedece. As leitoras teens humanas, claro que só podem ser humanas, ou vocês acham que tem águia lendo essa fábula?, já pensaram na adolescência de Crazy Dick.

Só umas pinceladas nos primeiros dez anos de vida do heroizinho. Crazy Dick, que não achou nada engraçado no mundo exterior, o seu mundo solitário e sossegado dentro do ovo que sua linda mãe Linda tinha botado, era muito melhor, teve que enfrentar todas as intempéries e adversidades do seu reino. Do seu e de outros reinos. Ou vocês acham que ele, Crazy Dick, como era, iria se contentar em viver somente em seu

reino? Preparem-se para as aventuras de Crazy Dick, o “futuro cavaleiro combatente de moinhos de ventos”, mas não bunda-mole e mentecapto como o herói da satírica novela, “Dom Quixote de la Mancha”, que um escritor espanhol, chamado Miguelito de Servantes, escreveu lá no reino dos humanos, há muitos séculos. Preparem-se para as aventuras do nosso futuro heroizinho. Podem apostar que ele vai aprontar muitas. Vai apavorar um pouco, digamos assim.

Uma coisa era certa. Ainda bem que nascera num ninho de classe média e não ia precisar trabalhar tão cedo. Na infância Crazy Dick crescia e ia aprendendo as coisas, mesmo sem entendê-las e concordar com nada, com muita facilidade. Era uma aguiazinha muito inteligente. Só gostava de ficar no seu quarto ouvindo música e no computador que ganhara de seu pai-amigo, o camarada Bravo. Detestava sair com os amiguinhos, águias vizinhas, para andar de skate, bike, jogar bola, qualquer tipo de esporte, não praticava esporte mas era uma águia esguia. Televisão então, só assistia, de vez em quando os canais a cabo que passava desenhos e música. Mas achava o canal TV-M uma “m”, isto é, uma merda. Não gostava de ir para o colégio. Apesar de ter aprendido a ler com três anos, achava o colégio um saco. Mais para frente conhecerão-o melhor.

Como é que pode as águias terem que trabalhar para se auto-sustentarem e até terem que sustentar outras águias? Se bem que tem cada águia preguiçosa por aí, como a galera de amigos do heroizinho que vai aparecer logo. O que ele mais questionava eram os conceitos que moralizava tudo. Não se podia fazer tudo que queria. “Dick, não faça isso. Não Dick, não faça aquilo. Faça isso. Faça aquilooutro. Dick vá escovar o bico”, bronqueava sua mãe-águia, com carinha de feliz e a mãe e esposa mais feliz do mundo. Há de tudo no mundo.

Aquelas águias que nasceram para serem felizes e outras que nunca encontrarão a felicidade, como as milhões de águias miseráveis do mundo, reino inteiro. Não. Decididamente não conseguia entender nada que impusesse moral, razão, principalmente razão. Era muita pira para sua cabecinha.

Mas gostando ou não, Crazy Dick não podia fazer certas coisas e era obrigado a fazer outras contra sua vontade. O que ele mais queria era que pudesse fazer tudo que lhe desse vontade e não precisasse fazer o que não tinha vontade, como escovar os dentes (dentes? Águia tem dentes?), escovar o bico então. Outra coisa que Crazy Dick detestava era ter que levantar cedo todos os dias e pegar a mochila e ir para a escola com mamãe-águia. Mas ir passear nos shopping-centers da cidade com seus pais, para tomar sorvete, ele, mesmo sendo uma aguiazinha muito rebelde e irreverente, gostava. Até que tinha algumas coisas que Crazy Dick gostava de fazer.

Os dias, meses e anos foram passando. A situação econômica e política do reino das águias continuavam cada vez pior. Os governantes, a maioria de direita, eram sempre escolhidos pelas elites do reino das águias. Elite essa, composta pelas maiores águias de rapina. Sempre entrava cada águia-de-rapina no governo que era de arrepiar as peninhas. Teve até uma águia-presidente que roubou tanto que as outras águias do reino inteiro, até mesmo outras águias de rapina, pediram sua cabeça. Foi o primeiro caso de impeachment de uma águia-presidente em toda a história do reino das águias. O reino inteiro saiu às ruas para comemorar a derrubada da maior ave, águia de rapina de todo o reino. Foi festa o resto do ano. Crazy Dick ainda estava criando penas no rosto quando isso aconteceu, bem no auge de sua adolescência. Aquilo tudo

para ele era o apogeu do orgasmo (epa!) das águias-jovens que engrossavam os movimentos de protestos. Então ele foi um dos que mais comemoraram. Todos seus amigos de colégio saíram para fazer passeatas festivas pelas ruas de sua cidade. Todas as águias do reino inteiro foram para as ruas com os rostos pintados com as cores da bandeira de seu reino. Os estudantes de todo o reino, principalmente os universitários, foram os que mais comemoraram a queda da águia-presidente corrupta. Foi uma festa geral nos quatro cantos do reino.

O tempo ia passando e Crazy Dick ia crescendo e perdendo o encanto por muita coisa. Não conseguia entender direito muita coisa. Não entendia, por exemplo, por que todas as águias tinham que pagar impostos. Altos impostos, pedágios em tudo quanto era estrada esburacadas, mesmo não sendo pista dupla e sem segurança alguma. Cobravam, e continuam cobrando até hoje, pedágio até em estrada de terra. Uma das águias-governador de um província do sul do reino ficou conhecido pelo nome de Fulano de tal do Pedágio. E mais tantas roubalheiras do governo e de empresas, bancos, supermercados e tudo que a população de águias tinha que pagar. Realmente era e é muita robalheira mesmo.

Por que umas águias eram mais ricas do que as outras? Por que existiam tantas águias pobres? E por que havia tanta pobreza em seu reino? O pequeno Crazy Dick não conseguia entender, e ninguém lhe explicava nada, por que estudava em colégio particular enquanto outras águias eram obrigadas a estudarem em escola pública de qualidade não muito boa? Por que ele ia para a escola de carro com uma mãe-águia linda, charmosa, gostosona, rica e outras águias iam para o colégio a pé e descalças? Por que tinha que estudar tanta coisa de que ele nem gostava?

Seus amiguinhos sempre iam à sua casa passear, estudar, brincar, jogar bola, andar de skate, bike, nadar na sua piscina, e tomar milkshake de chocolate que a águia-empregada fazia. Mas ele não gostava de nada disso, com exceção do milkshake. Seu pai, que já enriquecera mais, que mudara um pouco com relação à vida de casado, que já fora tentado várias vezes a trair a esposinha gostosa, com todas as águias-secretárias, mas manteve-se firme à jura de amor que fizera no matrimônio, tentava animar o filho e fazê-lo tomar gosto por alguma coisa. Levava Crazy Dick para o clube das águias ricas. Tentava ensinar o filhote a jogar bola, mas ele não queria. Achava-se muito perna-de-pau e não via nada de engraçado vendo um bando de idiotas correndo atrás de uma bola. Se fosse atrás de uma aguiazinha ainda podia ser.

Quando Crazy Dick completou dez anos, seu pai, Bravo, muito mansamente perguntou para o filho o que ele ia querer ganhar de presente. A aguiazinha muito esperta pediu um minuto para pensar. Quando já fazia um minuto e meio, seu pai cronometrando o tempo, a águia-pai emendou: “já sei o que vou te dar”, disse em seguida. “O quê?”, quis saber o heroizinho. “Um violão!”. “Que violão, o quê! Não quero violão porra nenhuma”. Respondeu Crazy Dick já decidido. Aposto que a galerinha aí do skate já pensou logo num. Mas Crazy Dick detestava skate. Ele achava que os skatistas eram tudo um bando de bunda-moles e muito cocô. Não tinha nenhum amigo skatista, os que conhecia não ia muito com a cara deles, e nem queria ser amigo de skatista que não gostam de ler, de fazer nada. “O que você quer então?”, surpreendeu-se o pai. “Uma guitarra!”. “Está bom. Então vou te dar uma guitarra!”, respondeu a águia-pai, contente por conseguir dar um presente que o filho gostasse.

Portanto, nosso heroizinho não dava sinais de que as coisas iam mudar muito. Além de todos esses dilemas, ele tinha mais uma preocupação que começava a incomodá-lo. Com o passar do tempo, ele ganhou a companhia de uma linda e pentelha irmãzinha. Tinha me esquecido de falar da águia-filha e irmã do nosso heroizinho. O herói-pai já ficou para trás há muito tempo. Deixa o coitado pra lá curtindo sua eterna esposinha-águia no aconchego de seu lar, doce lar. Até mesmo a Linda ficou anônima, totalmente jogada no ostracismo, há mais tempo que o esposinho. Sabem por que uso demasiadamente o diminutivo dos substantivos? Diga lá, quem pensou ironia, acertou. Pura ironia. Qualquer criticozinho de plantão na esquina vai perceber minha ironia em tudo que escrevo. E eles ainda não viram nada. Aguardem só para ver. Ovelha Negra está a caminho.

Há quatro personagens soltos aí para trás e meio perdidos na estória. Qual deles vocês querem que eu resgate primeiro? A irmãzinha, mãe, pai ou filho? Pela irmãzinha, claro. Pois, nem sabemos seu nome ainda. Nem eu sei. Por isso que é bom ser escritor. A gente inventa o nome dos personagens na hora e com a ajuda dos leitores. Olha, eu também faço o papel de leitor. Estou sempre atento. Não deixo passar nada despercebido. Fico me policiando o tempo todo para não esquecer nenhum personagem ou detalhe para trás. Sou leitor de mim mesmo. Penso, escrevo, faço papel de leitor e cobro, tudo ao mesmo tempo. Quando não conseguir completar um raciocínio numa frase, vou deixar uma linha pontilhada.....assim, para o leitor perceber a fuga de neurônios. (madrugada!)

Olha essa. Bamby. Gostaram? Cadê a Bamby? Onde sua irmã Bamby se meteu? Mãe, a Bamby quer me bater. Amor, cadê a Bamby? Chega, né? Vamos dar uma gelada nela por enquanto. Esse era o maior problema.

Seu segundo dilema. Bamby, que era dócil como o nome. A mãe-águia, vamos escrever águia de vez em quando, senão vai ter leitores dorminhocos e desatentos que vão pensar que os personagens são gente, como a gente. A águia-mãe, como eu dizia, não tinha uma única preocupação, porque não precisava, com a lindinha da boa e querida Bamby. Nas aulas de inglês (inglês?), é, inglês sim, águias ricas também aprendiam e aprendem a falar inglês para viajarem a outros reinos, nessas aulas, a boa e quase um anjo, Bamby, repetia com sua professorinha-águia de plumagem ruiva: “Baamby. My name iiiss Baammmy!”. Gostei dessa! Era um anjo em forma de aguiazinha. Dá só um grau: Bamby. My name iiss Baammmy! Gostei mesmo!

Pô! Mas se Bamby era uma quase santinha, um anjinho, por que é então que o malandro e crazy do Crazy Dick a tinha como preocupação? Nem precisa responder. É claro que era. Mas era só para ele, pois ela começava a crescer e também ia querer dar seus vôozinhos e ameaçar sua cadeira cativa na preferência dos seus pais. Seus velhos. A boazuda da Linda continuava lindamente gostosa e o fedelho do Crazy Dick só a chamava de coroa ou velha. Mesmo carinhosamente ela não gostava e puxava a orelha de Crazy Dick. O nosso heroizinho estava era morrendo de medo de perder o colo e ombro da mamãe-águia, e o carro do pai. Começa por aí. Conquistam os pais com agrado, carinho, presente, mas tudo com interesse.

Mesmo sem gostar, ia com o papai-águia para todo canto. Parques da cidade, cachoeiras, trilhas de bicicleta, acampar na montanha, esquiar nos andes, Beto Carreiro World, São Tomé das Letras, caçar codorna de bodoque, ver briga de seres humanos em ringue. Esse último era o esporte preferido de Crazy Dick. Ele não perdia uma luta de boxe na TV. Seu lutador favorito era um humano

mulato de uma província do nordeste do reino dos humanos, ao sul do continente. Não me lembro direito, e não quero falar também, o nome do cara. Só sei que ganhou o título de campeão mundial de pesos penas e traçou uma linda e gostosa cantora do seu reino chamada Yvette Sengallo..

Como Crazy Dick não se interessava por nada, qualquer coisa para ele era um saco, não gostava de estudar, só estudava obrigado, não gostava de estudar todas aquelas matérias chatas, mas gostava de ler e escrever. Quando sentava no seu computador, em seu quarto, ficava horas devaneando e escrevendo textos para serem enviados pela Internet. Às vezes, nem sabia o que escrevia. Escrevia o que viesse à mente. Se fosse qualquer pira sobre seu reino, sobre alguma aguiazinha, ele mandava ver e botava, colocava, no teclado. Será que o nosso heroizinho tinha tino para ser escritor? Já perguntei isso antes, lembram? Mas e a banda que ele queria montar? Banda? Que banda? Você não falou nada de banda ainda? Olha eu fazendo papel de leitor aí? Gostaram, meu colegas? Pois é. Além das letras, pelo menos achamos que Crazy Dick gostava de escrever umas piras muito doidas. Olhe o nome dele. Além das letras, de escrever, não sabemos ainda se terá sucesso, nem mesmo se sabia escrever algo que presta, ele se meteu com a música. Ah, então ele até que não era dos piores? Gostava de ler, até escrever e de música, de tocar guitarra e cantar. Seu interesse pela música surgiu através da net. É, águia-adolescente também adora ficar horas e horas a fio na frente de um computador navegando pela Internet. Tirou várias letras na Internet, de todas suas bandas preferidas. É claro que ele se interessou foi por rock mesmo. Mas gostava de blues, jazz, clássica, soul e até algum rock pop. Gostava e até estava aprendendo bem a tocar guitarra e harmônica. A

sua banda preferida no reino dos humanos era uma tal de Legião Rural. Uma banda de rock muito maneira e com umas letras meio deprê. Mas era boa mesmo. O vocalista e letrista de todas as músicas morreu super novo, vitimado por uma doença que é o grande fantasma e drama dos seres humanos. Sida. No dia da morte do seu ídolo desde pequeno, Crazy Dick ficou muito triste e chegou até a derramar umas lágrimas.

Capítulo nove

Perceberam que o capítulo oito foi longo e dedicado quase exclusivamente a Crazy Dick? Por que narrei somente sua infância? Oras bolas, porque daqui para frente é ele quem vai comandar a fábula. Sua linda e inocente irmãzinha ficará meio no ostracismo. Ela, coitada, se preocupará somente com sua vida e nem aparecerá muito na narrativa. Aliás, ela, a linda e santinha Bamby, ou Baammmy, que não é narcisista como seu irmão, nem faz muita questão de aparecer, preferia continuar fazendo tudo, todas as boas maneiras, que sua linda mãe Linda mandava e ensinava. Afinal, ela queria ser uma águia muito prendada, educada, polida. Queria se preparar bem, com aulas de piano, cursos de culinária, línguas, universidade, para ser uma águia bem preparada para o matrimônio que um dia contrairá com uma boa águia boa pinta como seu pai. Não iria querer ser uma aventureira como o maluco do Crazy Dick ou

como tantas outras águias amalucadas e ricas que conhecia e não queriam nada com nada da vida.

Já na sua adolescência inocente ela teve conhecimento de outras águias-estudantes de seu colégio, todas maluquetes. Ela não era contra, afinal, cada um sabe muito bem o que é melhor para si, mas também não dava muito bola, muita confiança para as maluquices de suas colegas e amigas de colégio. Não pretendia ser tresloucada como a tal de Pank Rapunzel, (Nossa! Demorou para ela aparecer.) que vivia aprontando as suas.

Quando casasse com uma águia bonita, rica e de boa família, como seu pai que fez tudo na vida para encontrar uma esposa perfeita e linda como Linda, sua mãe, não ia precisar dizer o que muitas aguias ricas e doidas que casavam com qualquer águia maluca e sem definição da vida, diziam.

A mais maluca de todas as águias que conhecia era uma amiga de sua mãe. A tal fulana de tal, que se chamava Alice Maravilha, aventureira como a Alice do livro de um tal de L. Carol, era tão maluquete, apesar de ser rica, senão, não seria amiga de sua mãe, (águias ricas também não gostam de ser amigas de águias pobres, de águias da grande massa) e ser meio poeta. E das boas. Uma das maiores hai-kaístas do seu grupo. Além de super irreverente, mesmo sendo uma águia da elite, rica e muito finória, ela casou-se, foi morar com um sujeito totalmente estranho ao seu ninho. O cara era da grande massa. Pobre mesmo. Mestiço de águia branca, polaca, com águia negra. Era uma águia com traços até vistosos. Acho que herdou mais o lado, os traços do pai que era polaco, branco. Suas penas eram de águia branca, inclusive tinha até um grande mustache no rosto. Não era muito feia. Mas era pobre. Pobre e muito inteligente. Inteligentíssimo. Saiu do seio da massa, para atingir o

estrelato através das letras. Era uma águia-poeta-escritor e músico também e mais um monte de coisas. Era multimídia dos bons! Depois de famoso, ele chegou até a ser muito respeitado na sua área. Principalmente depois de morto. Tem até uma pedreira com seu nome. Teve até umas investidas na publicidade para ganhar dinheiro, é claro. Ou vocês acham que sendo escritor dá para ficar rico.

Em toda a história do reino das águias, das águias do Brazuca, bem entendido. Somente dois escritores (sic) ficaram muito ricos com direitos autorais. E a verdade vem agora. Os dois eram os maiores fakes de toda a história da literatura do reino das águias. E o pior. Como os dois escreviam e ainda escrevem, um já está com o pé quase na cova, oitenta e tantos anos, lixo para as águias das massas, do popularesco, ficaram super famosos até mesmo em outros reinos. O Crazy Dick detestava ambos. Dizia inclusive que um destes caras metido a dublê de escritor era muito “palha” e nem merecia ser considerado escritor, apesar de escrever umas porcarias de livros de auto-ajuda. Concordo com Crazy Dick. Crazy Dick achava o cara tão fake que se recusava a dizer o nome dessa águia-pseudo escritor. É por isso que o nosso heroizinho não tinha os mesmos gostos de tudo que a grande massa de águias gostava. Nem na música, vestuário, moda, esportes (com exceção de luta de boxe e corrida de touros, as famosas touradas de um reino chamado Pamplona, lá pelos lados do reino da Europa.) mas principalmente literatura. Com literatura e poesia, Crazy Dick tinha muito cuidado e não engolia qualquer coisa. Principalmente os fakes.

Eu dizia que a fulana maluquete, amiga da mãe de Bamby, casou-se com uma águia-escritor e pobre. Na real, quem sustentava a casa era a esposa, com o dinheiro que ganhava com bom emprego e com mesada

que continuava recebendo dos pais, mesmo depois de casada. Por isso ela sempre dizia: “Sou uma águia polida levando uma vida lascada”. Entenderam a metáfora? E vocês acham que a lindinha e polida Bamby iria querer levar uma vida lascada? É claro que não. Só casaria se fosse com uma águia rica e de boa família. “boa”, significa rica mesmo.

Então Bamby só queria fazer as coisas tudo certinhas para não entrar numa enrascada como a amiga maluquete de sua mãe, que acabou ficando viúva super nova, porque seu amado maridinho-escritor morreu super novo por causa da boêmia vida que levava. Morreu de cirrose, uma típica doença de humanos que adoram exagerar numa bebida horrível chamada álcool. A participação de Bamby nesta fábula encerra-se por aqui. Por vontade própria, claro. Mas se precisarmos dela, poderemos chamá-la até o final do livro. Vamos ver o que anda acontecendo com os outros personagens.

Capítulo dez

E o herói do começo da fábula? O que foi mesmo que aconteceu com ele? Por onde ele anda? Mas, afinal, quem é mesmo o herói desta fábula? A águia-pai ou o filho? Tanto faz, ô leitor exigente. Leitor adulto, bem entendido! Fábulas não são livros de romances ou novelas para adultos intelectuais e xeretas como tantos chatos que encontramos por aí.

Esta é uma estória para adolescentes, jovens que querem leituras mais soltas, mais gostosas. Não que outros livros para adultos, literatura mais elaborada e até mais criativa e crítica, não são atraentes para se ler, é que os nossos jovens de hoje querem livros com leituras mais soltas, cheias de fantasias e até mesmo labirínticos.

Jovens de todo o mundo são irreverentes e rebeldes como Crazy Dick e preferem leituras mais soltas e com a linguagem que eles falam e entendem. Sacaram? Por isso a preocupação de se escrever algo mais leve e cheio de aventuras que não espanta os leitores e até cria uma certa fidelidade com eles.

Apesar de que, convenhamos, como disse Crazy Dick, tem muita águia-alienada por aí lendo cada porcaria, como os escritos fakes de escritores igualmente fakes, daquele reino chamado Bruzundanga, Brazuca, dá na mesma. Como aqueles dois fakes que desmascarei aí atrás. Fakes mesmo. Vendem milhões de exemplares em quase todos os reinos do mundo, e se dizem escritores. Que vergonha! Que enganação, que fake! Um deles é um fake de uma província pobre, com população quase toda negra, escravos desde a colonização do reino até hoje. Hoje são escravos pseudo “livres”. Livres, mas continuam sendo escravos-livres. É o escritor (sic) mais conhecido fora de seu reino.

O outro, é mais fake ainda. Comecei a falar dele aí atrás, mas desisti logo. Tenho a autenticidade de me recusar a dizer o nome do cara. Mas no futuro, depois que ficar bem conhecido, vou desmascarar todos os fakes, sejam eles do reino que for. Farei isso para não ver as pobres e inocentes águias-leitores, como muitos de vocês que estão me lendo neste momento, menos desavisadas, serem enganadas por eles.

Os fakes só lembramos deles para alertar a galera e dizer o que eles são. Muita enganação, engodo dos grandes. Fakes mesmo, com todas as letras. Esse último, o maior fake de toda a história do reino das águias, é tão fake que chega a dizer que tem poderes para fazer chover. Ele mesmo disse isso para as águias-jornalistas de seu reino. É fake ou não é um sujeito desse? E ainda vende milhões de porcarias no mundo inteiro. As pobres e inocentes águias de qualquer reino compram os lixos dele só por causa da fama do sujeito. Compram porque não entendem nada de literatura e porque o que faz sucesso, seja lá em que área for das artes, é o *gosto* popular, é o que a grande massa de águias sem discernimento nenhum, sem saber diferenciar o que é

autêntico, verdadeiro, bom , de ótima qualidade e o que é fake. O melhor exemplo está na música e na arte em geral. Ingenuamente pensam que o lixo do que o cara escreve tem algum valor. Ele Aplica o maior 171 nos pobres dos leitores-águias, ou águias-leitores mais desavisados e ingênuos que o lêem como “escritor de auto-ajuda”.

Um dia tive que dar boas gargalhadas de uma águia-jornalista, muito bonita e culta (sic) por sinal, uma dessas águias louras e famosas da TV,(num certo jornal da noite, ainda por cima) de um reino super contraditório, onde a pobreza e a luxúria convivem numa boa sem ninguém reclamar. A ingênua águia-jornalista, nem sei se é jornalista, entrevistadora ou apresentadora, só sei que o programa ou jornal era depois da meia-noite e parece que se chama: fulana de tal entrevista... alguém.

O dia que for entrevistado por ela, claro que vou ser entrevistado por ela e por outra loura entrevistadora-poetisa-atriz-multimídia muito inteligente, linda que mora num reino de primeiro mundo e faz um programa semanal, via satélite. Só via o programa poucas vezes, na casa de amigos e parentes, pois nunca tenho tempo de ver televisão. Nem tempo, nem TV. Não preciso disso. Mesmo assim, o programa dela é bom. Quando publicar esta fábula quero divulgá-la em muitos programas. Quero ser entrevistado por muita gente.

Quando for entrevistado pela loura que entrevistou o fulano fake de que falei aí atrás, vou lembrá-la da entrevista que ela fez com o fake que tem a cara-de-pau e o despautério de achar que seus lixos de livros são literatura. Tive que dar boas gargalhadas do sujeito e mais ainda da fulana que caiu e ainda cai, não sei se é por causa dos ossos do ofício, da profissão, só sei que foi muito ingênua, na conversa mole do sujeito fake.

Atenção aí, galera, meus leitores fiéis, para não comprarem gato por lebre. Façam como Crazy Dick, não leiam qualquer porcaria. Descubram a diferença entre fakes e autênticos, verdadeiros.

Lembrei-me de mais uma das boas. Dessa eu faço questão de falar e de dar boas e gostosas gargalhadas. É sério. Esse reino das águias chamado Brazuca, ou como dizia uma águia-escritor negro e totalmente discriminado e injustiçado em vida, uma águia chamada Lima Barreto, Bruzundanga, ele chamava esse reino de vocês, o que eu chamo ironicamente de Brazuca, de Bruzundanga. Qual vocês, águias-leitores, preferem? Acho que vou continuar chamando de Brazuca mesmo, apesar de gostar do vocábulo bruzundanga. Lembrei-me de que nesse reino chamado Brazuca existem muitas águias-fadas-madrinhas! Sabem por quê? Ôôô... louco! Juram que não sabem? Então vamos descobrir. Num reino de mais de cento e cinquenta milhões de águias, sendo a maioria pobre, muitas, milhões delas, mais da metade, são miseráveis, vivem, vegetam na miséria, sobrevivem de restos de lixões espalhados pelas capitais e grandes cidades do reino, num reino de águias em que a grande maioria são águias mestiças, cruzamento de águias brancas com águias negras e águias nativas do reino, águias-índios mesmo, num reino desse tamanho e com tantas contradições, quem mais faz sucesso são as águias-fadas-madrinhas. Fadas-madrinhas-louras. É, porque fadas-madrinhas têm que ser todas louras senão não vale. Não existe nenhuma fada-madrinha morena, apesar do reino ser moreno. Gostaram? Isso é que eu chamo de um reino do “faz-de-contas”. Entenderam agora por que esse livro é uma fábula? Fábulas são histórias dos reinos de “faz-de-contas”.

Quantas águias-fadas-madrinhas existem no reino chamado Brazuca? Vamos ver. Para começar, todas,

desde a águia-fada-madrinha mor, maior, para quem não sabe, são fadas louras. Todas têm programas de televisão matutinos ou vespertinos, aos sábados, para as águias-infantis. Todas são águias boazinhas, muito boazinhas, por sinal, quando estão na frente das câmeras, é claro, e lindas. Lindas e ricas, evidentemente. A águia-fada-madrinha mor, que já está no ar há mais de dez anos enganando as águias-infantis e inocentes é a mais milionária de todas. As águias-fadas-madrinhas-louras fazem muito sucesso no reino Brazuca. Ganham muita grana, milhões de dividendos por ano e “dividem” tudo com as águias-pobres. É, elas são muito generosas. Elas adoram as águias pobres de todo o reino. Precisam ver que beleza que é! Fico até muito comovido. Às vezes tenho até vontade de chorar. Como elas são lindinhas, boazinhas, humanitárias, parecem até uma alma pura chamada águia-irmã-dulce, que viveu uma vida inteira ajudando as águias pobres. Viram só por que as águias-fadas-madrinhas são louras, bonitas e “boazinhas”? vocês nem imaginam como eu as amo!

É uma pena que as águias fadas-madrinhas só existem no reino de vocês. Por que será que elas não existem no meu reino? Puxa vida! Estou precisando tanto de uma fada-madrinha para me ajudar. Uma como aquela águia-fada-madrinha-loira, claro que é loura, que tem uma pinta preta na coxa. Aliás, que lindas pernas. Nunca vi o programa dela, vocês já sabem porque, não tenho TV, mas já a vi em revistas dos famosos e ricos. Ô, lindinha, precisamos conversar! Por que você não dá um alô?

Galera, sei que essa história de louras, fadas-madrinhas-boazinhas e boazudas está encompridando muito o capítulo e talvez chateando um pouco vocês, mas é que não podia passar batido sem dar uma ligeira pincelada na situação em que vivem as águias do reino Brazuca. E

olha que nem cheguei a falar das louras dançarinas fakes dos grupos de pagode que viram “apresentadoras” de TV e coisas do tipo.

Galera, lembra! Não disse no começo que as fábulas servem para alertar vocês de alguma coisa? Está aí o alerta. Façam alguma coisa. Não sejam águias de um reino de faz de contas. Só mais um dado. Sabem quanto ganham as fadas-madrinhas-loura-boazinhas e inteligentes como as louras-dançarinas que fazem carreira solo? Nem vou responder. Um dado final. Este escritor aqui ficaria feliz se ganhasse apenas dez por cento do que elas ganham.

Todos os escritores que eu citar os nomes aqui na nossa fábula, não são fakes. Bunda-mole-fake nenhum merece entrar e ter o nome revelado na nossa fábula. Apesar de que no meio dos autênticos, dos verdadeiros, sempre aparece uns fakezinhos. Até o autor de 1984 foi meio fake em certas questões, como ideologia política, por exemplo.

Capítulo onze. Não. Doze. O anterior vale por dois.

No capítulo anterior, que por sinal foi longo à beça, terminei falando dos fakes no meio dos autênticos, verdadeiros, legítimos, dos FODA pra caralho. (Eu avisei que seria meio pícaro. Não avisei? Cuidado aí, editores. Não sai nenhuma palavra do original). Depois de ter percorrido e descido a lenha nas “inocentezinhas” das fadinhas louras, por que será que não existem fadinhas morenas? Começo este capítulo falando dos verdadeiros, dos autênticos como Crazy Dick. Para não me alongar muito, quero falar de uma galera que eu considero os mais autênticos de qualquer reino do mundo, do planeta terra. Sabem quem são os maiores autênticos? Existem seres e coisas autênticos, verdadeiros, bons mesmo. Em qualquer área, profissão e no caráter principalmente. Mas para mim, os caras, águias, mais autênticos são os mendigos. É sério. Eles, somente eles, os mendigos são os maiores autênticos de qualquer reino. São tão autênticos que são mendigos. Se não fossem mendigos não seriam autênticos, verdadeiros. Se bem que até no meios destes

também existem alguns fakes. Os fakes estão em toda parte. Não há como fugir dos fakes.

Outros seres que também são autênticos, verdadeiros são os crazy,(crazies), os loucos, malucos de boa cabeça. Estou falando de loucos mesmo. Não é de malucos, porras-loucas que se dizem malucos, doidos, pirados não. São os loucos que vivem enclausurados longe do contato com a sociedade. A loucura só foi diagnosticada como doença de um ou dois séculos para cá. A loucura não é uma doença, um desequilíbrio de personalidade. A loucura é um estado em que o sujeito simplesmente não tem sã consciência do que faz. Nem sabe quem é. Não faz mal a ninguém, no entanto vivem enjaulados longe da sociedade. Por que será que as sociedades, seja lá de que reino for, querem e mantêm os seus loucos reclusos e longe do contato com outros seres da mesma espécie? Por que será, heim? Não entendi essa. Quer dizer então que se por uma desgraça qualquer eu for considerado louco, incapaz de gerir minha pessoa, como aconteceu com os malditos dos escritores Qorpo-Santo, Lima Barreto, Marquês de Sade e o filósofo verdugo, carrasco de outros filósofos racionalistas, F. Nietzsche, eu também poderei ser interditado e impedido de fazer parte de qualquer sociedade e gerir minha pessoa? Jura que isso pode acontecer? Estou ferrado então. É, mas acho que dá para ir tocando o barco numa boa sem se preocupar com a loucura, que na real mesmo é o que todo mundo gostaria de ser. O mundo que nos cerca é tão cruel, muitos não conseguem suportá-lo e por fraqueza, titubeação, mente fraca e burrice mesmo acabam abrindo o bico e matando-se com as próprias mãos, mas tão cruel, lembram-se da prisão eterna de que já falei?; o mundo é tão cruel que muita galera, senão todos, querem mesmo é sair fora dele, viver meio no mundo da lua.

Então por que é que condenam a loucura? Enjaulam os loucos? Enjaulam os autênticos?

Sabem quem mais são autênticos? Os pobres desgraçados deficientes físicos que vivem nas APAES. Os velhinhos dos asilos também podem ser considerados autênticos. Mas os mendigos são os maiores. Repito. São os maiores autênticos. São tão autênticos que são mendigos. Os motivos pelos quais se tornaram mendigos não vêm ao caso. O que importa é que são mendigos e verdadeiramente autênticos.

Já cheguei até a pensar em virar mendigo. Mas por covardia, acabei desistindo da idéia. Eu provavelmente não seria um mendigo autêntico. Poderia até ser mendigo, mas seria meio fakezão. Se marcar sou capaz de até tirar uma onda de mendigo ainda, mesmo depois que ficar famoso. Já pensaram os jornais do reino inteiro do BRAZUCA noticiando. Escritor famoso vira mendigo. Como estou escrevendo isso aqui, apareceriam muitas águias-jornalistas dizendo que o fulano virou mendigo só para aparecer. Atenção aí, águias-jornalistas. Sabem onde meu amigo Zé Ramalho foi encontrado depois que ele sumiu, desapareceu sem ninguém saber onde ele estava? No meio dos mendigos em baixo do Viaduto do Minhocão.

Sabem onde eu gostaria de ser mendigo-fake, em que cidade? Duas cidades apenas. Uma seria Salvador ou Porto Seguro. Que mendigo mais fake, galera. Bom, vocês sabem que não como carne, que sou uma águia-escritor meio natureba, até para atingir o zen tem que ser meio natureba. Então, como mendigo-fake eu iria querer viver, sobreviver numa cidade onde tivesse muito turista e coco verde. Eu iria andar com uma colher, iria arrumar em qualquer lugar uma colher dessas de metal inox e andaria com ela para cima e para baixo, sempre na orla marítima. Com uma colher na mão eu nunca iria

morrer de fome. A cada cinquenta metros há sempre uma barraquinha que vende coco gelado. Os tambores vivem cheios de cocos sem água. “hey, man, can i seize, take a coconut here, man?” e todos os vendedores de coco do calçadão da Pituba, em salvador me conheceriam e diriam: “olha lá o maluco que se diz escritor. O cara é um gênio. Já até li um livro que ele escreveu. É sério. Aquele malucão ali é escritor. Nunca ouviram falar dele? O cara faz altas performances em qualquer lugar. Dizem que ficou maluco te tanto ler e escrever... é o mendigo mais culto e intelectual que já vi passar por aqui. E olha que passa um bocado deles por aqui toda hora.” Só gostaria de ver a cara das águias-jornalistas, inclusive muitas de jornais que eu colaboraria.

A outra cidade que eu gostaria de ser um mendigo-fake é Porto Alegre. Lá sim daria para enganar bem. Só que teria que ser no verão. No inverno eu poderia até morrer de frio. A cidade é linda, dizem, porque ainda não a conheço. Mas escolheria Porto Alegre por causa de seus habitantes cultos e generosos. Quando começasse a fazer as tais performances e declamar poemas, como “visão cáustica e delirante da América”, do Ginsberg, ou “Junk”, deste que vos tecla, a galera iria parar para aplaudir. Pelo menos uma pessoa, com certeza iria gostar, achar muito engraçada minha audácia e irreverência e dar boas gargalhadas. É a águia-jornalista Marivera, de Caxias do Sul, naquela província. Vamos esperar para ver no que vai dar. Deixemos os devaneios pra lá e voltemos à fabula.

O que aconteceu com Bravo, o bravo herói dessa fábula? Parece que ele não quer ser mais herói. Que papo é esse? Sempre acontece isso. Quando os filhotes nascem e crescem, como é o caso do nosso heroizinho, os pais começam a ficar lazy, criar barriguinha, ficar até mais

tarde na cama aos domingos, principalmente com uma fêmea ao lado como a Linda e passam a faixa de herói para o filho. Ou então o personagem já nasce herói ou para ser herói como Crazy Dick. Nem que seja um herói às avessas, um anti-herói. Ou um herói meio vagabundo como o nosso heroizinho.

É, mas o herói, a águia engenheiro de alimentos, continuava firme em seu feliz casamento com sua ainda gostosa e linda esposa-águia Linda. Eu não escrevi no começo deste livro que ele acreditava no casamento como uma instituição tradicional e sagrada? Bravo continuava firme em seu casamento. Será que ele permanecerá fiel, como Ulisses da outra fábula, até o final deste livro? será? Será?

Vocês sabem muito bem que os casamentos de hoje em dia não são nada fáceis. Com tantas águias-fêmeas solteiras e independentes que existem por aí, temos que tomar o máximo de cuidado. Principalmente com as águias balzaquianas. O que é isso? Deixa pra lá. Não. Não. Quem quiser saber pergunte para a mamãe-águia em casa ou para as suas professoras, que aliás, são muitas dessas águias balzaquianas. Mas Bravo mantinha-se fiel à sua linda esposa Linda. Nem mesmo as águias-secretárias que trabalhavam com ele, como aquelazinha, como era mesmo o nome dela? Sei que lembraram. Por onde andará Songa Monga? Pobrezinha! Nem ela, que também era muito gostosona, como todas as secretárias de qualquer reino, conseguiu passar o bico, a conversa e levar o herói Bravo para seu ninho, cama.

A lindinha da Linda, mesmo depois de botar dois ovos, dois filhos, Crazy Dick e Bamby, continuava como sempre. Linda, divina, maravilhosa, gostosa, lovely e mais sarada do que nunca. Ela era agora uma águia balzaquiana. Balzaquiana e saradaça!

Mas os leitores devem estar se perguntando qual será o segredo do casal de águias para ser tão felizes e viverem eternamente apaixonados. Mais que isso. Fiéis um ao outro e sem abalarem as estruturas do casamento. Simples. Muito simples a receita deles. Apenas duas coisas. Lembrem-se do que eu escrevi no começo da fábula sobre como se faz uma união, matrimônio nos tempos atuais? Negócio, meus caros leitores. A receita é simples. Nem a Linda, nem o Bravo são imbecis, poltrões mesmo, para desfazerem um negócio que é bom para ambos. Olha aí as duas coisas. a) negócio. b) pacto. Como assim? Eles simplesmente fizeram um negócio lucrativo, que desse retorno, que fosse bom para as duas partes. Depois do casório, depois de tudo sacramentado, fizeram um pacto. Um pacto sério. Um pacto de nenhum dos dois trair o outro. Chifres, sabem como é. Se alguém quebrasse o pacto, o casamento, o negócio, a sociedade estava desfeita. É por isso que nem um, nem o outro traía. E olha que para resistir às cantadas de muitas balzaquianas, até muitas águias casadas dão em cima da gente, das águias bem sucedidas como o Bravo. E não são só as águias balzaquianas não. As aguiazinhas novas, as águias lolitas, como muitas de vocês leitoras taradinhas e curiosas, são as piores. E quando elas encontram moleza, quando encontram uma brecha, aí é que mandam ver mesmo.

E o outro lado da moeda? E as águias-machos, novos ou mais velhos, solteiros, separados, divorciados e até muitos casados, como é que ficam nessa história, não na nossa estória, a fábula, como eles se portam com as águias solteiras novas e balzaquianas? Bem, aí nesse caso a coisa é um pouco bem pior. Não, pensando bem, acho que é igual. Depende muito da cabeça da águia-macho. Se for uma águia-macho muito, muito, como podemos dizer, aguiarengo, deu para entender, né?, aí a coisa

complica um pouco. Aí vocês já conhecem de cor e salteado. Aí a coisa vira uma Sodoma e Gomorra. Vira essa maravilha que é o nosso reino. O reino das águias de qualquer lugar. Principalmente o reino Brazuca.

Conheço muitos caras que só sabem rimar dama com cama. E conheço outros tantos que já foram parar debaixo da ponte por causa de águias e até das fêmeas do reino dos humanos.

Mas se a águia-macho for super zen como esta aqui que tecla, aí a história muda de figura. Nesse caso dá até para ser meio onanista. Se quiser, é claro. Não entenderam, né? Deixa que o crazy e meio onanista do Crazy Dick explica isso aí para frente, quando ele começar a entender isso e inventar de pôr suas piras no papel. Ué, mas então ele vai virar dublê de escritor mesmo? Sei lá, vamos esperar para ver o que acontece. Depois dessa, ninguém mais abandona o livro na metade. Que bom! Ainda bem!

Então, como eu explicava, o casamento, hoje em dia, é meio complicado. O bom mesmo é ser apenas amigos, namorados e viverem em casas, ninhos separados, como um casal de águias-escritores, que conheço, e viveram cinquenta anos juntos, mas cada um na sua casa, ninho, canto. Existe até uma letra de uma música do reino dos humanos que diz ironicamente: “Deus me livre das mulheres de hoje em dia!”. Mas aí já é exagero.

Só que nesse negócio de casamento, pacto, alguns dão certo. Vão em frente. Prosperam. Olha aí o casamento-negócio-pacto do Bravo e da Linda. Conheço outros casais que vivem bem como eles. Tenho um amigo, ele é uma águia muito legal. Ele e sua companheira águia. Ambos são boias-fria da educação. Boa-fria de educação física. Ela, boia-fria de História. É um casal de águias que vivem muito bem. Fizeram um bom negócio. O marketing que ele fez para fechar o negócio com ela foi

bom e convincente. Tão convincente que ela fechou o negócio na hora. Como é que alguém fecha um negócio? Pode ser a aquisição, compra de uma geladeira, um carro ou uma casa. alguém só fecha o negócio se ficar satisfeito, feliz com o produto.

Olha só por que o casal de águias-boia-fria fez o negócio, o pacto sem ninguém pagar o pato. Sem ninguém sair no prejuízo. A história da águia boia-fria de educação física, que se chama Ax, em inglês, em português, a língua do seu reino, ainda não sei, não tenho certeza, mas parece nome de uma ferramenta de cortar madeira, é um pouco meio triste, mas depois acabou tendo final feliz.

Ele era casado em primeiras núpcias. Saiu de seu ninho para ir ganhar o mísero salário de boia-fria da educação, por isso que era e ainda é boia-fria, deixou a águia-esposa em casa cuidando dos afazeres domésticos e do filho-águia de apenas dois anos ou menos, não me lembro direito. Quando voltou para o ninho, depois de um dia árduo de trabalho, ou vocês acham que serviço de boia-fria da educação é mole?, é um dos piores trabalhos em todo o reino, principalmente no reino do Brazuca onde boia-fria da educação nenhum é reconhecido e tratado como deveria, voltou para o ninho e uma constatação trágica. Seu filhote estava sozinho e nem sabia o que tinha acontecido. Ficou horas sozinho em casa sem saber o que estava acontecendo. Quando Ax entrou em casa, teve um tremendo susto que derruba qualquer um. Sua adorável águia-esposa estava caída no chão da lavanderia morta. Que coisa, heim! Que tragédia! Que tristeza! Que desgraça! Desgraça mesmo! E o pobrezinho da aguiazinha-filhote ficou ali sozinho vendo o cadáver de sua pobre mãe caído sem saber o que era aquilo e muito menos o que fazer. Sua pobre águia-mãe estava trabalhando, lavando roupas, talvez inocentemente não tenha prestado atenção direito, ligou

a máquina de lavar-roupas e levou um choque elétrico e caiu carbonizada no chão. Sempre aparece alguém na casa da gente quando não é preciso. Quando precisamos, não aparece ninguém.

O que aconteceu depois, vocês já sabem. Ax continuou trabalhando como boia-fria da educação e conheceu sua atual companheira e fizeram um bom negócio que estão administrando muito bem. Vivem super numa nice e fazem um casal perfeito. Sua atual águia-companheira é inteligente, morena, bonita e super compreensiva. Companheira mesmo! E ele também vive feliz. É uma águia boa pinta, honesto e trabalhador, mesmo sendo uma águia-escravo do sistema, do governo e da sociedade, vive feliz com sua sócia no negócio do casamento que fizeram. Vivem super felizes! Por que todas as pessoas que querem ser felizes não fazem como eles? Porque a coisa mais importante do mundo, para mim, é ser feliz. Muito feliz mesmo. Feliz assim como eu, o Ax e sua companheira-águia e mais algumas águias que eu conheço. Ainda bem!

Sabem por que a felicidade é a coisa mais importante para mim,? É porque todos nós, sejamos do reino que for, temos o direito de ser felizes. Quando as águias do reino da França, lá para as bandas do reino da Europa, inventaram, fizeram uma tal de revolução francesa e escreveram lá: Direitos Humanos: Todos os seres, cidadãos de todos os reinos têm direito à liberdade, igualdade e fraternidade, achei muito bacana e concordo com tudo.

Só que teve um porém. A porra toda (fazia tempo que eu não escrevia uma palavrinha) foi esquecida e ninguém mais respeitou nada. Nem respeitaram, não eles, só eles, os idiotas dos franceses, atenção aí galera da França, eram os idiotas daquela época, gostaram?, não só os le

brave franceses, mas todos os burgeois do mundo inteiro, nem respeitam até hoje.

Caso estivesse lá na hora que escreveram a papagaiada toda da tal de declaração dos direitos humanos, eu teria gritado lá do meio da galera: “Hey, seus revolucionários de merda, acrescentem aí a palavra FELICIDADE!”. Mas se ninguém respeita os direitos humanos estabelecidos pela revolução francesa, imagina então, deixar os seres de todos os reinos felizes. É por isso que eu prego para a galerinha jovem e atenta que faça alguma coisa. Alguma coisa boa para tentar mudar essa porra toda. Porque não dá para a gente viver a vida inteira fazendo as coisas sempre por pur épater les burgeois.*

Todos nós temos direito à felicidade! Mas ser feliz mesmo e não vivermos como lá na letra da música “Admirável Gado Novo”, da águia cantor Zé Ramalho. É ser feliz mesmo, sem nenhum tipo de infelicidade. De prisão eterna e ... o resto vocês já sabem. Mesmo com toda aquela história de prisão eterna que vocês já conhecem, acho que mesmo assim ainda dá para ser feliz. Esqueçamos aquela droga de história e mandamos ver como dá. Mas atenção aí com a alienação. Não vão ficar alienados como bois. Fiquem atentos. Busquem a tal felicidade porque ela existe. Olha eu aqui super feliz de estar podendo escrever algumas das minhas piras para vocês. Acredito que ainda dá para muita gente, muita águia ir atrás da sua felicidade. Basta querer e ser inteligente. Para quem não busca a felicidade, uma grande felicidade, para essas figuras, essas almas, ser feliz é estar satisfeito com o que tem. Nada disso! Ser feliz, para mim, é muito mais. Eu sou feliz mas quero buscar mais felicidade ainda, senão, não estaria aqui escrevendo para vocês. Ainda bem!

Nesse negócio chamado casamento eu já não posso dizer o mesmo. Dizer que fui muito feliz e coisas do tipo. Fiz dois negócios e me dei mal nos dois. Mas não tão mal assim. Digamos, foi mais ou menos. Minhas sócias, uma de cada vez, bem entendido, inventaram de querer levar vantagem no lucro. Alguma coisa melou o negócio. Melou as duas sociedades. Mas para falar a verdade, eu achei até ótimo. No fim das contas, se for botar tudo na ponta do lápis, quem saiu ganhando fui eu que não precisei e não preciso me preocupar com nada. Com porra de administração do negócio e tudo que envolve seu funcionamento. Estou muito mais feliz e sossegado agora como estou. Digamos que estou tocando meu negócio sozinho. Ainda bem!

Capítulo...nem sei mais qual é. Vai doze mesmo.

Vocês já devem ter percebido que Crazy dick já cresceu e já avança pela adolescência afora. Cresceu e mandou ver em muita coisa. Arrumou uma namoradilha-águia e tudo. Namoradilha virtual. O que foi mesmo que ele ganhou do seu pai, aos dez anos de idade? Não se lembram? O QUÊ! não se lembram? Olha só o que ele anda aprontando. Aprendeu tocar guitarra e harmônica sozinho. Quando aparecia seus amigos em sua casa, é,

nem sair de casa ele gostava mais, além de muita bagunça, bagunça que os outros faziam, olha lá ele mandando ver com sua guitarra. O que ele toca? Já falei quais são seus estilos de música preferidos.

Ele andou vendo muitos filmes como “The Blues Brothers, The Blues Brothers 2000, Birds e principalmente Crossroads”. Esse último ele assistiu pelo menos umas vinte vezes. Comprou até a fita com o filme. Assistia a muitos filmes de arte. Será que a galerinha teen, “the young people” sabe o que é um filme de arte? Olha aí, galerinha, alguns bons filmes de arte que merecem ser vistos. Tango, da águia-diretor C. Saura, Carmem, da mesma águia; Hair, o lindo musical mais que satírico e maior pagação da cara da prepotência das águias do norte do continente. Cinema paradiso também. Sem falar de todos os filme da águia-diretor Fellini. E muitos outros. Vocês descobrirão. Mas além dos filmes, leu muito, mas muito mesmo, revistas como Bizz, Show Bizz, Bravo, Cult, Interview, Caros Amigos e tantas outras. Mas lia mais sobre umas águias-escravas lá do reino do norte do continente. De um lugar chamado Delta do Mississippi e seus descendentes. Descobriu que ali naquela região nasceu um estilo de música chamado blues. Esse estilo de música era cantado somente pelas águias-contores e cantoras negros. Águias-escravos-negros.

Hoje somos todos escravos. Tanto águias negras como brancas, como eu. Somos todos escravos de muita coisa. Este escritor aqui pretende comprar a carta de alforria meio logo. Se continuar escravo, ter que fazer algum tipo de atividade, fora escrever livros, acredito que não aguentarei o pique. Faz-se uma coisa ou outra. Olha só que moleza. Ser escritor. Ser apenas águia-escritor é muita moleza, não é mesmo? Ser escravo do sistema para sempre é que não dá pé. Tomara que eu consiga

comprar minha carta de alforria logo. Viver sob o ferrão do capataz, feito boi de canga é que não aguento. I hate to work! I hate to be slave!

Então o heroizinho descobriu que as águias-escravos do Delta do Mississippi e de outras regiões daquele reino, cantavam em suas paróquias, igrejas e nas comunidades. Cantavam esse estilo de música para amenizar o sofrimento. Nunca vi escravo feliz, que não sofresse duros castigos. Que coisa mais ridícula! Águias escravizando as próprias águias, suas irmãs de reino. Não interessa se são negras, pobres, nordestinas ou brancas. Tenha a santa paciência. Mas era e é isso que acontece em todos os reinos do mundo. Então as águias-negras cantavam blues quando eram escravos e continuaram a cantar depois que ficaram “livres”. Continuam cantando até hoje.

E o que Crazy Dick tinha a ver com isso? Pincipalmente uma águia filhinho-de-papai como ele? Ah, aposto que muitos leitores e leitoras, águias ou não, já estão começando a gostar do nosso heroizinho rebelde e super irreverente! Acontece que ele não é uma águia tão bunda-mole assim. Apesar de não gostar de quase nada do que está aí, ele tem muito feeling e saca as coisas erradas que aparecem por toda parte. Foi por isso que ele nasceu para questionar essas coisas e mais que isso. Foi criado para denunciar essas e tantas barbaridades que existem em todos os reinos. Para que é mesmo que servem as fábulas? Somente as crianças, e até os adolescentes, são capazes de denunciar as coisas erradas sem medo. E a história do rei nu, que só as crianças conseguiram denunciar?

Crazy Dick começou a gostar um bocado, muito mesmo, do estilo de música que as águias-escravos-cantores e seus descendentes compunham e cantavam, cantavam para aliviar o sofrimento. O soul vem da alma. O blues

vem do sofrimento. Acho que foi por isso que ele se interessou pelo estilo. Por causa do desgraçado e inadmissível sofrimento que as pobres águias-negras eram submetidas.

Ele começou a ouvir e pesquisar o blues. Gostava muito dos acordes, que não são muitos. Aos poucos começou a solar sua guitarra. Tocava, tocava até se cansar. Foi progredindo aos poucos. Até que chegou um dia em que já sabia tirar várias músicas sozinho. Os amiguinhos-águias que também gostavam de tocar guitarra, baixo e bateria, todos gostavam só de rock n' roll, ficavam encantados e admirados com a faceta do heroizinho. Até que chegou um dia em que um grupo de amigos, os mais chegados, convidaram Crazy Dick para montar uma banda. “Banda?! Que porra de banda? Banda de quê? Ah!, já sei. Uma banda de merda, para tocar lixo. Para fingir que toca alguma coisa. Vocês não têm vergonha na cara de falar em montar banda? Para tocar o quê? Pagode, sambanejo, breganejo, rockzinho fuleiro. Desses que um monte de imbecis, como vocês, em todo canto do reino tocam, aliás, acham que tocam? É por isso que todo dia aparecem em tudo quanto é canto, bandinhas de rock e outras besteiras do gênero, querendo gravar e até gravando um monte de lixo. Galera, tô fora.”, ironizava Crazy Dick, com cara de desprezo.

Seus amigos, que tinham a maior consideração pelo heroizinho, ficavam de cara com ele, botavam a violinha, digo, guitarrinha no saco e zarpavam fora sem responderem nada. Se quisessem tinham que ir procurar outra freguesia.

O rebelde e irreverente, Crazy Dick voltava para seu quarto, pegava um CD do Robert Johnson ou do Bo Diddley e sua guitarra, que agora já era uma bem mais sofisticada e potente, e mandava ver o resto do dia.

O que ele mais gostava de fazer era ficar em seu quarto, ouvindo blues, soul e até alguns rocks maneiros, tocar guitarra, escrever suas piras, que ninguém sabia o que era, pois seus pais e a Bamby, nem entravam em seu quarto, e ler revistas do reino dos humanos. Principalmente Playboy e outras do gênero.

Aos sábados tinha uma história de ir ao clube com o pai. Papai-águia freqüentava o melhor clube da cidade, onde era sócio benemérito, e junto com outros ilustres sócios faziam uma “panela” para jogar futebol society. O heroizinho só acompanhava o pai, mas não era sempre, para agradá-lo, mas sequer entrava em campo. Odiava futebol. Preferia ir para a beira do lago ficar observando os patos selvagens, que apareciam por lá, nadarem. Ele achava uma maravilha ficar sentado ali sozinho olhando os lindos e ariscos patos nadarem e vez ou outra mergulhavam para catar um peixe.

Lá pelos seus dezesseis anos descobriu um livro, recomendado pela sua namoradilha-águia virtual, Mary Jane, chamado “O Apanhador no Campo de Centeio”. O heroizinho adorou tanto o livro, este escritor aqui também, que leu e releu-o muitas vezes. Além de indicar o livro para outras águias da sua idade, pessoalmente ou via net, ele sempre comprava o livro para presentear suas amigas e namoradilhas. É, porque apesar de ser meio esquisito e implicar com tudo, ele adorava namorar e as aguiazinhas viviam no seu encalço. Pudera! Esperto e meio burguesinho como era; mas ele não gostava e não se considerava nada burguês, tinha até aversão ao termo e principalmente às atitudes e horrores que sua classe cometia com as águias pobres e trabalhadoras.

Alguns leitores ou leitoras mais implicantes e chatos devem ter pensado a mesma coisa: “Esse Crazy Dick, esse pinto louco, é mesmo uma titica de galinha. É um

baita dum burguesinho metido a rebelde sem causa”. Calma lá, leitores precipitados. E os grandes caras que deixaram seus nomes na história de todos os reinos como bem-feitores. Rousseau. Lennin. Ghandi. Che Guevara. E. Suplicy. E tantos outros. Eles também não eram oriundos da classe burguesa? Não dá para generalizar as coisas. Não dá mesmo!

O heroizinho ia para o clube com papai-águia e enquanto esse ia para a roda de amigos, muitos dos quais eram colegas de trabalho de Bravo, jogar futebol, tomar uma bebida horrível, mas que era a coqueluche da grande massa de águias, chamada cerveja, ele só tinha experimentado a droga da bebida uma vez em sua casa, mas desistiu logo, ele ia direto para o lago ver seus amiguinhos ariscos. Os patos. Bem mais ariscos que as águias. Ficava de cara com seus amigos que faziam festas, desde cedo, e se entupiam de cerveja com outras porcarias. Pior era quando inventavam de fazer churrasco de carne bovina, até isso, com cerveja. Era um horror! Como boa águia natureza que era, achava tudo muito esquisito e sem lógica.

Como sabia que nunca ia jogar bola, entrar na piscina, jogar tênis e muito menos jogar bedmington, uma espécie de peteca com raquete parecida com raquete de tênis, então levava sempre consigo o livro que era seu amuleto inseparável. Sentava-se na beira do laguinho, do lindo e gostoso lago, para ver e admirar os patos selvagens. Lia e olhava para os patos. Parecia uma sincronia perfeita. Ele, a mãe-natureza, o lago e os patos. Lia e relia seu livro favorito, entre dezenas e dezenas de livros que já tinha lido, aquele era o de que mais gostava, lia e observava os seus amigos patos. Os patos, que normalmente eram e são ariscos, eram amigos dele. Crazy Dick gostava tanto dos patos amigos seus, como eu gostava do meu amigo-coelho onanista Kiko, que já foi

pra fita há muito tempo. Sempre me lembro do meu coelho.

Os patos gostavam e não se importavam com sua presença. Águia e patos. Patos e águia. Parece até uma simbiose animal. A troca de benefícios ali era a perfeita harmonia que ambos os seres desfrutavam mutuamente. Eram amigos. Mas de reinos tão deferentes. Os patos são de um reino muito mais evoluído. São livres e felizes. Não precisam trabalhar, estudar, ser escravo de ninguém. São animais super espertos. Velozes. Voam livremente para onde bem entenderem. Chega a irem até de um reino para outro. Do norte para o sul do seu reino. Os patos são muito mais felizes que as águias. Principalmente as pobres e escravizadas águias que vivem em países do vergonhoso chamado terceiro mundo. Mesmo em reinos de primeiro mundo, os chamados e aliados reino dos sete. Reinos das águias mais capitalistas e exploradores.

Essas águias capitalistas e mais ricas do planeta, ricas graças à desgraça de outras águias de outros reinos, associam-se mutuamente e fazem uma tal de uma globalização e dizem, na maior cara de pau, que é a integração mútua para o desenvolvimento e cooperação entre nações amigas. Que lorota mais furada é essa? Por que não dizem logo que é para o enriquecimento mútuo dos sete, sete larápios unidos por um só objetivo?: foder com a galera pobre dos reinos periféricos.

Dou boas gargalhadas da cara dessa galera. Parece hienas. Comem merda e gostam. Mas por que não se rebelam? Porque a força dos sete larápios não deixa. Eles, as águias ricas e unidas no golpe, comandam o sistema da economia mundial. Qual sistema? Ah!, oh! oh!, é claro que só pode ser o sistema onde, segundo consta, qualquer águia do mundo pode, tem a chance de ficar rica como as outras já ricas. O difícil é a tal da

oportunidade. Ou vocês acham que qualquer um tem chances iguais de mudar de vida? Aí é que mora o perigo. Nunca vi uma águia pobre, trabalhadora ficar rica. Num sistema onde a lei do mais forte, mais esperto, mais gatuno funciona, fica meio difícil para todos terem chances iguais. É a lei lógica da matemática. Se umas águias têm cinco carros, cinco objetos, é porque quatro outras águias em algum canto do reino não têm nenhum. Não têm nada. Acho que é mais ou menos assim que funciona a coisa. Mas eu não tenho nada com isso. Não fui eu quem inventou esse sistema perverso. Nem estou fazendo defesa de nenhum outro sistema que já tenham botado em prática em algum canto do planeta. Muito menos tenho receita para salvar a humanidade ou o reino das águias. Apenas quero que inventem alguma coisa para diminuir o sofrimento que sempre aniquilou muitos seres, sejam lá de que reino for. Minha preocupação maior está em ver um mundo justo, livre e feliz. Bastam apenas essas três palavras e muita coisa boa pode ser feita.

Eu, este escritor aqui, posso ainda ficar até meio rico e deixar de ser uma águia-escritor escravo. Posso até comprar minha carta de alforria um dia. Se isso acontecer, e espero que realmente aconteça, não pelo prazer de ser rico, mas para deixar de ser escravo e poder ajudar algumas águias que conheço e são bem pobrezinhas. Essa é a idéia do sistema capitalista, que até poderia ser bom, não fosse a ganância e o individualismo crônicos que corroem a natureza humana, a natureza de qualquer ser vivo, seja lá qual for o reino.

Querem saber quem é o autor do livro? Do livro que Crazy Dick não se separa dele? Salinger. J.D. Sallinger. Esse J.D. aí é Jeronemy David, mas o próprio autor só gosta de ser chamado de Salinger. Ele é um escritor-águia do reino lá do norte do continente. Parece que

ainda está vivo. Já passou da casa dos oitentina. Vive, mora sozinho num sítio isolado do seu reino. Essa era outra águia como Crazy Dick. Detestava badalações. Tinha complexo de Greta Garbo. Referência a uma águia-atriz muito famosa que se isolou num apartamento em Nova Iorque e viveu mais da metade de sua vida reclusa sem nem botar a cara, o bico para fora da porta. Morreu velha, isolada e abandonada, exatamente como ela queria. Vai acontecer o mesmo com meu colega de profissão, o velho e indivisível Salinger.

Os patos amigos de Crazy Dick eram lindos e se pareciam com os patos do Salinger. Como assim? No livro que o heroizinho anda consigo para baixo e para cima também tem patos? Tem! Tem mas são patos bem diferentes. São patos selvagens também, mas eles são muito mais ariscos que os amigos de Crazy Dick. Os patos do Salinger não pousam no laguinho. Eles apenas passam, passeiam pelas páginas do livro voando de norte para sul, para fugirem do inverno rigoroso daquele reino. Até os patos de reinos ricos são diferentes. Mas eles não têm nada com isso. São aves livres e deslocam-se para onde bem entenderem. São os únicos seres verdadeiramente livres. Mesmo assim não estão imunes a perigos.

E os espíritos-do-mal, os bad spirits que existem em qualquer reino com suas armas, espingardas de caça, como é que ficam? Lá naquele reino do norte do continente, anualmente existe uma famosa e vergonhosa “caça livre aos patos”. Pobres avesinhas lindas e inofensivas! Todo ano centenas, milhares delas são abatidas por bad spirits, por uma corja de seres despudorados. Seres que vieram a este planeta somente com o propósito de destruição. Seja lá qual for essa destruição. Se têm coragem para abater os inocentes e inofensivos patos, os patos amigos do Salinger, do que

não são capazes de destruírem? Tudo. Natureza, reinos, nações, povos, águias pobres de outros reinos, culturas, e tantas outras coisas. Eles são capazes e destróem mesmo qualquer coisa. São odiados mundialmente por suas próprias ações. Olha o que fizeram com um reino vizinho e pobre chamado México. Se são odiados é porque merecem. Colhe-se o que se planta. Quem planta tempestade colhe o quê? Quem planta ódio, colhe ódio. Mas vale enfatizar que em todo reino existem almas, seres, bons e ruins. Não dá para generalizar as coisas. Lá também existem almas generosas e puras. O Salinger, Bukowski e tantos outros são bons exemplos. Ufa! Mais um capítulo longo. Vamos para o próximo.

Treze. Agora tenho certeza de que é capítulo treze.

Crazy Dick, como sempre, desde antes de seu nascimento, continuava mergulhado em seus próprios dilemas. Olha ao redor de seu mundo com muita descrença e analisava tudo que existia no seu reino. No seu e em outros reinos. Para tentar entender toda essa parafernália chamada mundo, universo, reinos, seres, e até a si próprio, só tinha uma maneira de tentar analisar e compreender alguma coisa. Se é que dava para entender algo, com tanta confusão e principalmente conceitos. Era ler. Ler tudo que pudesse. Começou então a virar um rato de biblioteca. Visitava todas as

bibliotecas da sua cidade, de cidades que visitava na companhia de seus pais, quando esses viajavam para outras províncias e até reinos estrangeiros. Mas o que mais gostava e facilitava suas leituras e pesquisas era seu computador. Através da Internet ele podia visitar várias bibliotecas do mundo inteiro e achava e lia tudo que lhe interessava. Desde literatura universal, como a russa, francesa, italiana, inglesa e até americana, passando por filosofia, misticismo, livros que durante muito tempo, séculos, permaneceram no Index librorum. Livros proibidos pela inquisição. Imaginem só, um garoto, uma águia de apenas dezesseis anos, mandando ver em tudo que é tipo de leitura. E lia e gostava. Quanto mais lia, mais gostava e ficava mais a fim de ler mais. Lia muito mesmo. Lia e entendia. Suas professoras-águias do colégio onde estudava ficavam de cara com ele. Elas próprias tinham consciência, mas nunca admitiam, lógico, de que Crazy Dick era um geniozinho e lia muito mais do que elas em toda suas vidas. Sabiam que ele era um projeto de intelectual e que tinha muito futuro. Isso se alguém, algum bad spirit imbecil não cortasse o barato, o feeling dele. O heroizinho só tirava nota máxima em todas as matérias. Fossem elas de exatas, biológicas ou humanas. E nem era considerado CDF. Todo mundo, até seus amiguinhos-águias mais chegados o achavam muito esquisito e muito gênio.

Mas eram as aguiazinhas que o conheciam que ficavam mais de cara com ele. Viviam puxando seu saco, (usei o termo aí porque não encontrei um sinônimo que pudesse substituir esse no reino das águias) e dando em cima dele. Sem ser chato e metido, ele ignorava tudo e a todos. Se bem que o que mais tinha em seu colégio eram águias de todos tipos que o considerava burguesinho que não se misturava com ninguém, metido, arrogante, intelectualóide, orgulhoso, e outros adjetivos pejorativos,

mas ele sabia que não era nada disso. Pelo contrário. Tinha horror a tudo isso. Só queria mesmo duas coisas: ser feliz e ver seus amigos aos sábados, os lindos e felizes patos do laguinho do seu clube. Agora tinha tornado-se uma constante. Todo Sábado de manhã ele ia com seu pai para o clube ao encontro marcado com os patos selvagens. Patos pequenos, pretos e azuis. Todos lindos. Com tantas leituras, com tantas análises de tudo que o cercava, aos poucos Crazy Dick foi filtrando tudo e se interessando e se definindo por alguma coisa. Não sabia direito o que queria ser no futuro. Mas já tinha um esboço de coisas que gostava e principalmente do que não gostava. Tinha muita coisa de que não suportava. Dessa miscelânea ele já sabia o que poderia tirar de útil para si e para seu futuro. Mas não gostava dessa palavra futuro. Procurava sempre deletar essa palavra do seu vocabulário. Não gostava dela porque ela implicava em planos. E planos era uma coisa de que não gostava e muito menos tinha interesse de fazer. Preferia ir tocando a vidinha e esperar para ver o que acontecia. Ia lendo, lendo muito, analisando tudo sem muita preocupação e procurava não se envolver com o que achava que estava errado. Suas pretensões não incluíam ser, se tornar um herói para salvar ou tentar salvar o mundo, o seu reino. Afinal, ele sabia que quando veio a este mundo, tudo que existe de errado, já existia há muito tempo. Quem estragou, quem fodeu com toda essa porra, que procurasse consertar.

Crazy Dick não era individualista, egoísta e coisas do tipo, como muitos leitores devem estar achando. Ele simplesmente procurava ficar muito na dele. Muito numa nice. Afinal, uma águia-adolescente ainda não pode querer consertar o mundo sozinho. Principalmente uma águia como ele que procurava não se envolver com nada. Não aprontava o que outras águias de sua idade

faziam. Não chegava a ser um iconoclasta. Um destruidor de imagens metaforicamente falando. Era, pura e simplesmente na dele.

Mas já que a sociedade, o mundo, o sistema gosta de cobrar alguma coisa de cada um, de cada indivíduo, com relação ao futuro, principalmente ao estudo, para ser alguma coisa, para dizer que está fazendo alguma coisa, estudando alguma coisa, uma universidade, por exemplo. Ele que adorava ler e não fazia outra coisa a não ser isso, ler e tocar sua guitarra e sua harmônica e ir ver seus amigos do lago, então, já que tinha que se definir por uma carreira, não para ser uma águia bem sucedida, rica, importante, como seu pai e o futuro namorado, noivo e marido da sua linda, inocente e pretensiosa irmã Bamby, mas para seu desejo e prazer pessoal, já que não tinha outra saída e porque gostava mesmo de ler, ele já tinha definido que carreira e curso iria fazer.

Vamos ver se os leitores são capazes de adivinhar que curso o heroizinho escolheu. Escolheu e ia fazer mesmo. Imagina se ele não iria passar no vestibular, na tortura chinesa chamada vestibular que tem no reino pobre das águias do Brazuca? Já no final daquele ano mesmo ele já iria entrar nessa torturante e tediosa disputa. Sem nenhuma presunção, mas com todo preparo que tinha, sabia e iria passar no primeiro vestibular que fizesse.

Não deu outra. O irreverente e questionador Crazy Dick escolheu a melhor Universidade do seu reino e pensou. “É lá que vou estudar”. Prestou o tão famigerado e disputado vestibular e passou em primeiro lugar. Tinha tanta segurança e certeza de que iria passar, que se inscreveu apenas numa única Universidade. Naquela que ele tinha preferência. Prestou e passou sem fazer porra nenhuma de curso preparatório, desses caça-níqueis que existem aos montes por aí.

E aí, leitores já imaginaram, adivinharam que curso nosso herói escolheu? Quem acertar primeiro ganha um bombom de nozes. Não adivinharam ainda? Ôôô! Louco! Não acertaram? Então diga lá, que curso mais ele poderia fazer que não fosse uma chateação, aporrinhção e coisas do tipo?

Nem tinha completado dezessete anos e já estava morando sozinho em um apartamento bem no centro de Porto Alegre. O primeiro lugar que ele visitou, depois que foi morar na capital da província dos pampas, foi o Parque da Redenção. O que será que o heroizinho foi fazer lá? Vamos descobrir. Então vamos! E o curso também.

Capítulo quatorze. Agora acertei

Aleluia! Vida nova para o heroizinho. Agora parece que as coisas iam embalar para Crazy Dick. Será? Agora ele era dono de seu próprio bico, nariz. Poderia fazer o que bem entendesse e tivesse vontade. Se é que podemos fazer tudo o que queremos, hoje em dia. Mas pelo menos teria mais liberdade, não que o herói não tivesse liberdade quando morava e vivia sob a tutela dos pais. Ele sempre teve toda a liberdade para fazer o que sempre quisesse. Não fazia porque não queria e não tinha vontade. Sempre teve liberdade porque era um bom filho e nunca dera problemas para seus pais. Era o filho que qualquer águia gostaria de ter. Linda e Bravo eram os pais mais corujas do mundo, olha essa, águias-corujas. Mesmo sendo diferente de todas as outras

águias de sua idade, qualquer águia gostaria de ter um filhote como ele. Crazy Dick só fazia aquilo que lhe desse vontade. Mesmo assim, era bom filho. Ainda bem!

Agora ia poder fazer coisas que nunca fizera antes. Agora ele tinha um encontro marcado. Um encontro marcado com ele mesmo. Com o desconhecido, com o que ele nem fazia idéia do que era. Mas ia tentar descobrir.

Já fazia dois dias que Crazy Dick estava morando sozinho em seu novo ninho. Um ninho muito bom por sinal. Não faltava nada do que ele precisava. Até águia-diarista ele tinha. Tudo providenciado com o toque feminino de sua querida e boa mãe, a ainda gostosona Linda, que se mantinha firme no pacto com Bravo. Numa bela tarde de um Sábado qualquer de verão, ainda verão tropical, o herói resolveu dar uma volta. Como morava bem próximo do Parque da Redenção, resolveu dar uma caminhada despreziosa por lá. Lembrou-se dos seus amigos que ficaram para trás longe dali. Seus amigos patos selvagens do laguinho do seu clube.

Com o seu livro inseparável na mão, bermudas longas e óculos escuros, penas despenteadas e ar de despreocupado, entrou vagarosamente no Parque. Foi caminhando sem rumo e pressa. Depois de alguns minutos de caminhada avistou algo que chamara sua atenção. Era o que ele mais gostaria de encontrar ali naquele parque que ficava a menos de cinco minutos de seu prédio. Isso significava que ele já tinha encontrado um lugar perfeito para ir matar um pouco do seu tédio que um apartamento, às vezes causa. Ele tinha encontrado o lugar perfeito e que mais gostaria de encontrar. O quê? O que mais poderia ser? O que mais ele poderia encontrar em um grande parque e que ele

pudesse ir lá todos os dias ao entardecer ver? Quem pensou num lago, acertou.

Quando o herói avistou o lago meio de longe, ele deu um suspiro de alívio e felicidade. Está lá o que mais gosto e preciso. Um laguinho, um lago muito bonito dentro de um parque, pensou. Se existia parque, deveria existir outra coisa. O que? Crazy Dick apressou o passo e foi para lá admirar a natureza na esperança de encontrar novos amigos. Que amigos? Patos selvagens e mansos. Sua curiosidade e adrenalina aumentavam enquanto mais se aproximava do lago. Chegou perto, bem pertinho das margens do lindo e límpido lago. As águas eram cristalinas. Parecia lago virgem de reinos ao norte da Europa. Tudo muito bonito e bem cuidado. Quando se tem população, águias bem educadas e cultas, tudo fica muito mais fácil para se cuidar. E as águias daquela cidade faziam por onde merecer o título de cidade mais culta do reino. Águias educadas, cultas, ecologicamente corretas e o principal: Não são alienadas cultural e politicamente. O que uma boa administração séria e honesta não é capaz de fazer. A diferença se percebe na hora.

Felicidade! Alegria e até um tímido sorriso no rosto. Crazy Dick sorriu alegremente e soltou um grito de admiração. “Ah! Vocês estão aí? Que bom que vocês vêm aqui também! Prometo que seremos eternos amigos e virei aqui todos os dias para ver e admirar o nado sincronizado de vocês”, orgulhava-se o herói falando sozinho com seus novos amigos patos selvagens que ele encontrara por acaso no Parque da Redenção. Agora estava como ele gostava. Iria todos os dias passear no parque para encontrar e curtir o balé dos seus amiguinhos. Pelo menos até o início do inverno seus novos amigos iam aparecer por lá para alegrar o olhar e espírito de Crazy Dick. No inverno eles iriam para o

norte e retornariam na primavera. De maneira que patos e águia poderiam ver-se durante três agradáveis estações do ano e fariam companhia agradável mútua. Exatamente como acontecia antes no clube de seu pai.

Depois de admirar muito seus novos amigos e receber uma atenção despreziosa desses, parece até que os patos, apesar de serem selvagens, sentiam e gostavam da presença do novo companheiro e amigo deles. Depois da apresentação telepática e boas-vindas ao novo estranho, o herói resolveu andar por alhures desconhecidos.

Deu bye bye para seus novos amiguinhos e saiu do parque e foi andando vagarosamente sem rumo e feliz por ter encontrado, casualmente, seus novos amigos. Era certo de que retornaria ali no dia seguinte e todos os dias seguintes. Atravessou a grande avenida e pegou uma rua paralela e foi caminhando vagarosa e despreocupadamente até chegar na beira do grande rio que divisa a cidade. Foi caminhando a passos lentos até chegar num lugar muito bonito e místico onde havia uma enorme galera que, todos os dias iam lá bater cartão e ver o pôr-do-sol. O lugar chamado Usina do Gasômetro era o encanto e local preferido da malucada que tinha o cenário e a visão esplêndida como fonte de inspiração para todos os tipos de piração!

O herói chegou sem conhecer nada e sem saber que existia tal local. Conheceu o lugar por pura sorte e predestinação. Seu instinto de admirador das coisas belas e diferentes o levou ao encontro de tal maravilha. Adorou o lugar e o incluíra em seu roteiro de caminhada solitária. Estava feliz! Mais feliz do que nunca. Pois, agora tinha dois encontros marcados todos os dias. Um com seus novos amigos patos do Parque da Redenção e outro com o poético e incomparável pôr-do-sol às margens do Rio Guaíba, na Usina do Gasômetro. Sentia

que algo de muito bom estava finalmente acontecendo em sua vida.

Tudo que existia na Usina, nas margens do rio, lembrava-lhe um cenário muito psicodélico. Algo parecido com um filme que assistira algum tempo atrás em sua casa, e que ele tinha gostado muito. O filme chamava-se Hair e era uma “viagem” muito pirante. Um musical parodiando o ufanismo de um reino que tem a mania de querer mandar e dominar o mundo inteiro. Como tinha adorado o filme, gostou mais ainda do lugar e do que existia nele, porque ali tudo era real. Tudo era tão real, apesar das piras e devaneios de cada um, que parecia algo tipo simulacro. Não. Não era simulacro porque aqui, o lugar e visual era real mas não era alienante. O cenário pirante do lindo Pôr-do-sol não era propaganda de produtos para ser simulacro. Para enganar o consumidor e fazê-lo ficar com sede e comprar um lixo de uma cerveja só porque a propaganda é bonita e bem feita.

As águias mais malucas e extravagantes que iam lá, todas tinham um objetivo em mente. Curtirem a visão do lugar sem nenhuma preocupação com nada. Mais que isso. Cada uma queria e buscava o que todas tinham em comum. Serem felizes. Formarem uma comunidade de seres livres e felizes. Parecia o éden! Ninguém se preocupava com o que curtiam. Afinal, o prazer de todos está na felicidade. Felicidade coletiva, como era o caso do lugar, ou mesmo individual como era a de Crazy Dick, que preferiu ficar muito na sua ali sentado em posição de yôga e meditação, curtindo tudo que tinha direito e que sua imaginação e devaneios podiam oferecer. Estava feliz, muito feliz mesmo. E isso era o que importava, no momento. Ainda bem!

Capítulo quinze

Na Segunda-feira de manhã o herói já estava andando pela alameda arborizada do compus da sua Universidade. Entrou na sala de aula do seu curso que começava naquele dia. Conferiu o número da sala que a secretaria acadêmica lhe dera e entrou sem medo e com muita curiosidade para ver qual é que era. Entrou e sentou-se na última carteira, no fundo da sala. Percebeu alguns olhares curiosos. Mesmo sendo de águias-fêmeas, e meio bonitas, não deu a mínima importância. A primeira aula era com uma águia-professorinha nova e bonita. E era meio loura. Que coisa, heim! A fulana que lecionava... e aí, até agora ninguém, nenhum leitor ou leitora se manifestou, acertou que curso o herói iria

estudar na melhor Universidade da área, segundo o próprio herói, ninguém mesmo quer arriscar?, e o bombom de nozes?, pensaram que eu tinha esquecido, né?, tá legal, a fulana lecionava piano clássico. UFA! Música!, galera. Claro que o nosso herói, nosso anti-herói, só poderia estudar música mesmo. Ou vocês acham que o cara ia ter saco ou paciência para fazer outro tipo de curso ou seja lá o que for? Já que teria que ser escravo do sistema, que fosse então um escravo mais elitizado, intelectual, uma espécie de escravidão mais amenizada, soft, que não lhe trouxesse muito sofrimento, muita neura. Foi por isso que ele resolveu estudar música. Pelo menos iria ser um escravo feliz. Isso lhe dava um alento. Será que algum leitor ou leitora acertou? Quem acertou pode mandar e.mail e cobrar. Pode cobrar mesmo. Só não garanto se vou pagar.

A primeira aula do ano e do curso também, porque o herói era bicho, calouro, freshman ou nerd mesmo, era de piano clássico. Não era sua praia, mas ia encarar só para ver no que dava. A aula terminou e o herói ia saindo meio por último, quando já estava entrando no corredor, ouviu alguém chamando por ele. Virou-se abruptamente e quase deu um encontrão com uma aguiazinha muito lindinha e meio tímida. Seus bicos quase se tocaram e um ficou olhando para o outro sem saberem o que dizer ou perguntar um para o outro. Até que a águia-meio-ninfeta ainda, meio sem jeito, com carinho e jeito de rebelde e meio irreverente, perguntou-lhe: “Oi! Desculpe pelo susto... você não esqueceu este livro na sua carteira?”. O herói, todo sem jeito e meio perdido e quase gaguejando respondeu: “Oh!, mas que cabeça dura a minha! Esse já é o quinto exemplar desse livro que esqueço em algum lugar. É o meu eterno e inseparável Salinger! Conhece?”, perguntou, finalizando, e com cara de quem tinha gostado do

encontrão inesperado e de que queria continuar a paquera, quer dizer, o papo.

O papo continuou pelo corredor. A aguiazinha-moça caminhava toda faceira e dava até para perceber o brilho de amor nos seus olhos. O herói, que, mesmo sabendo que poderia até rolar alguma coisa com a fulana, preferia manter-se com ar de águia séria e desligado do mundo. Andaram, caminharam, conversaram e finalmente resolveram que seguiriam as sugestões dadas por Crazy Dick. O point seria o de sempre. Ir para o Parque da Redenção. Lá era bom para ver seus amigos patos, que a essas horas, não era certeza de que estariam por lá, e era bom para namorar também. Papo vai, papo vem, curiosidade daqui, curiosidade dali; quando viram já estavam de asinhas dadas e mandando ver nas bicotadas. Só faltaram os patos, que não estavam por lá.

É, moçada. Parece que o nosso herói está começando a gostar dessa parte. Patos selvagens-amigos, Usina do Gasômetro e agora mais essa ainda. É! Parece mesmo que o nosso herói começava a entender que o seu Admirável Ovo Novo tinha mais coisas para oferecer. No mundo que existe aqui fora tinha algumas coisas boas também, apesar da traquina e bailarina como menina, Pandora ter aberto sua caixa e soltado todos os males que hoje atormentam o mundo, como as grandes desgraças que varrem a felicidade de reinos inteiros, apesar de tudo isso, o herói começou a sacar que dava para encarar e tentar ser feliz aqui fora também. Lá dentro do Admirável Ovo Novo era bom e seguro, mas aqui fora, com tanta insegurança que existe no planeta, tinha suas recompensas. Tinha que ter, senão não haveria razão da existência do Admirável Mundo Novo.

Depois de horas passeando pelo Parque da Redenção, o herói e sua já namoradinha, quem? Qual o nome dela?

Estuda música também, ah, é, estuda sim. Estuda na mesma sala do herói. Que bom! Isso significa que eles poderiam namorar pelo menos quatro anos, que é o tempo em que estudariam juntos. Puxa! Que bom mesmo, não é? Apareceu a fulana de que tanto falei no começo desta fábula. Quer dizer, mais ou menos no começo. Quem se lembra do nome dela? Pank. Pank Rapunzel. É. É isso aí. A Pank, a pankezinha finalmente apareceu. E apareceu até que bem comportadinha e com carinho até de meio tímida. É, mas de tímida ela não tinha nada. Era linda. Muito bonita mesmo. Quando viu o herói, com carinho de águia diferente, pensou: “Arre! Achei quem eu tanto procurava”. Esperou o herói deixar a sala primeiro, e ainda por cima, teve a sorte de achar o livro que o herói esquecerá na sala, sorte ou bruxaria mesmo?, e o seguiu. Não queria oportunidade melhor para interceptar o herói. Chamou-o, e vocês já sabem o que aconteceu. Ainda bem!

Passaram por todo o parque e o herói convidou a maluquete Pank Rapunzel para ir conhecer o seu ninho, que não ficava longe dali. Nem esperou o herói terminar e aceitou na hora. A aguiazinha Pank era a primeira a conhecer o apartamento do herói. Dezesete anos incompletos. Morava sozinho. Queria encarar a vida sozinho para ver como é que era encarar o mundo sozinho aqui fora do ovo. Adorava seus amigos dos dois lagos. Sabia tocar guitarra muito bem e até tinha um repertório que já dava até para encarar um palco, num bar alternativo que só tocava blues, jazz e soul, mas preferia esperar mais um pouco.

A maluquete da Pank Rapunzel ficou encantada com a decoração e os objetos da sala do herói. Admirava tudo e fazia comentário sobre tudo e tinha um conceito para cada coisa. O herói só olhava, dava uma risadinha e concordava com tudo. Ele pegou um CD, aliás, dois, e

perguntou para ela qual gostaria de ouvir. Um era o seu preferido, Jonny Lang, Lie to Me, o outro era Calling all stations, do Genesis. Ela, apesar de estudar música clássica, curti outros tipos de música. Muito blues e jazz, inclusive. O herói gostou dessa parte. Mas não conhecia o beautiful little boy from L.A., Jonny Lang. Preferiu Genesis, que já conhecia. Depois do Genesis vieram Jonny Lang, Dinah Washington, Miles Davis, Jeff Beck, Steve Ray Vaughan, Blues Étílicos, Nuno Mindelis, Celso Blues Boy e tantos outros. Passaram o resto do dia e um bom pedaço da noite namorando e ouvindo música. Falaram sobre tudo um pouco.

O herói ouvia mais do que perguntava. Era bom ouvinte. Preferia ir devagar em tudo. Deixava que a coisa ia tomando seu próprio curso. Não se precipitava em nada. Sabia que estava gostando da situação. Mas mesmo assim ainda era meio cabreiro com muita coisa. Esse papo de gostar era uma delas. Gostar mesmo só de alguma coisa muito importante tipo as que ele já gostava. Gostar de patos selvagens poderia ser muito mais importante do que gostar de certas figuras que existiam por aí. Apesar de já ter ficado com outras águias de sua idade e ainda a sua namoradinha virtual, a Mary Jane, ele não se lembrava de já ter gostado de alguém em especial. Preferia deixar que a coisa rolasse devagar.

Pank Rapuzel divagava nas idéias de Crazy Dick. Ela parecia encantada com tudo. E não era nada ingênua. Super esperta e sabedora dos mistérios e enigmas que o curso da vida preparava para cada um. Não era uma aguiazinha inexperiente. Já tinha quase vinte e um anos e já envolvera-se com muitas águias de todos os tipos e idades. Conhecia as artimanhas da vida muito bem, apesar da pouca idade que tinha. Ela era filha de uma

águia-pastor de uma igreja luterana. Mesmo o pai sendo pastor, ela não estava muito preocupada com os dilemas do mundo. Preocupava-se com muitas causas ao mesmo tempo, mas não tinha certeza e não sabia realmente com o que se preocupar com mais afinco. Era muito estável e volúvel. Queria mesmo era curtir a vida, já que tinha vindo a este admirável mundo novo, a todo vapor. Sexo. Diversão. Música, de boa qualidade, é claro, Pôr-do-sol na Usina do Gasômetro, que aliás já conhecia e ia lá quase todos os dias ter a visão e sensação de que lá era o “nirvana” e meditar. Adorava, como todo mundo que ia lá, o lugar. Sempre que aparecia por lá ficava horas em posição de yôga vendo tudo que tinha direito, inclusive os cavalos brancos e bonitos que andavam marchando num balé alegórico com seus cavaleiros fardados e compreensivos e educados que faziam ronda e se preocupavam exclusivamente em não importunar ninguém. Eles, os bons guardas, policiais, a “vigilância que cuida do normal” não viam nada de errado naquele lugar. Era o único lugar, em todo o reino das águias, em que a vigilância não perturbava ninguém. A própria vigilância gostava do lugar e muitos tinham até vontade de estar lá, como de fato iam lá, em suas horas ou dias de folga. Recebiam ordens para não importunar ninguém naquele lugar místico, pois sabiam que quem iam lá, só iam para encontrar uma coisa. Felicidade. Felicidade e paz. Sendo assim, os bons rapazes-águias da ordem passavam com seus lindos e treinados cavalos marchadores e dançarinos, olhavam tudo e até ficavam admirados e felizes com tanta harmonia e felicidade. Eles também ficavam felizes com isso e continuavam seus passeios para o bem e alegria de todos. O que uma nova era, uma mentalidade evoluída não é capaz de fazer. O dia em que toda a Bruzundanga for governada por pessoas de ideologia igual às pessoas que governam

Porto Alegre, aí sim, muitas águias serão felizes. Muitas mesmo. Ainda bem.

A linda Pank Rapunzel, que além de estudar música era também modelo. Ela desfilava para algumas das maiores agências de moda do país, do reino. Mas não era dessas modelos lindinhas e fúteis que precisam da asa da mamãe para servir de babá para pajeá-las por toda parte em que andam e trabalham. Pank Rapunzel era a águia-modelo mais esperta que poderia aparecer por aí. Olha só com quem o herói foi se meter. Quer dizer, foi encontrar. A águia-modelo era realmente muito diferente de tudo que existia por aí. O herói, que apesar de não se empolgar com muita coisa, até pelo seu senso de águia cabreiro com tudo que este mundo oferece, afinal, ele era meio cético com tudo que o cerca, com exceção dos seus amigos patos selvagens, até porque eles eram patos e patos são autênticos, o herói começava a se encantar com sua aguiazinha. Ela própria fazia por merecer o encanto do herói. E até ela que era meio maluquete de carteirinha, estava se empolgando com o little boy, com a little águia. Ou pelo menos, maluquete do jeito que era, achava que estava. Se empolgando e gostando muito da situação diferente em que se metera. De qualquer modo, ela tinha gostado de conhecer e ficar com o herói. Ainda mais do jeito que ele era e portava-se. Ainda por cima eram colegas do mesmo curso, na mesma Universidade.

A nova coleguinha e namoradinha do herói, apesar de ser linda, esperta, modelo e super inteligente, andava com um visual muito crazy, tinha um cabelo, vou chamar suas penas, melenas, de cabelo, enorme. Grande e super lindo. Eram castanhos-escuro. Chegavam até sua anca, bunda mesmo. Vestia roupas malucas e totalmente fora dos padrões da moda e da preferência nacional. Ela usava calças largas, meio de skatista e verde-oliva

desbotado, e um inseparável par de coturnos pretos e não muito cuidados. Seu par de coturnos era para ela, o que o livro do Salinger era para o herói. Mas, apesar de um par de coturnos não ser, aparentemente, muito femininos, ela até que ficava diferente e não perdia sua femininidade com eles. Dava até um ar de guerreira e revolucionária a ela. Cabelos grandes e bonitos, bonitos e totalmente selvagens, coturnos, calça de skatista verde-oliva, óculos psicodélicos e um namorado meio esquisito e muito legal. O que mais uma maluquete como ela ia querer no mundo? Somente ser feliz e curtir tudo de bom que a sua existência lhe dava. É isso ou não é?

Sabe como começou a carreira de modelo da namoradina maluquete do herói? Vou contar agora. Ela que sempre se meteu com tudo que existe de alternativo, underground, místico, meditação, yôga, zen budismo, hare krishina, hippye meio fake, viagens de carona por quase todo o reino, comunidades alternativas, mosteiros zen, acampamentos de movimento das águias sem terra e sem teto, militante de ideologias de esquerda, voluntária de várias causas, defensora dos desvalidos e oprimidos e tantas outras maluquices, mesmo sendo coisa séria, ela embarcava de cabeça e sem nem pensar; também; signo de aquário, como ela era, onde mais poderia ir parar? Só acabaria sendo descoberta por um olho caçador de talentos. Pank Rapunzel, que já tinha aprontado mil e uma, agora ia atacar de modelo. Modelo de desfile das melhores grifes e tudo. Quem a descobriu? Um fotógrafo doido de uma das agências de desfile a viu de costas num telefone público, dentro de um coixote amarelo parecendo uma olherona de quem o inventou, e convidou-a para uma sessão de fotos. Ela, que quase não era maluquete e gostava de aventuras, topou na hora. Fizeram todas as fotos sem maquiagem, produção, cast, sem nada, foram

feitas ali mesmo, do jeito que ela estava, com o mesmo visual de sempre, calça skatista, verde-oliva, coturnos gastos e desbotados, camiseta branca e cabelos soltos. Morena. Linda. Naturalmente ela mesmo. Ela era ela mesma. Não era um produto simulacro. As fotos ficaram todas ótimas. O diretor da agência mandou chamá-la na hora. Ela começou a ensaiar e era uma das modelos mais selvagens. Dessas que conquistam a simpatia e a confiança de qualquer um. Sentava-se no chão. Dizia palavrões. Andava sempre sozinha e a pé, de ônibus, metrô, carona. Pedia carona em plena luz do dia no meio da rua. É claro que não tinha águia-macho que não parava. Era a cara da pós-modernidade andando no meio da rua. Assim começou a carreira de modelo da Pank Rapunzel que sempre, desde a infância até a adolescência, fora uma menininha super protegida de toda a família de protestantes, pai pastor luterano, e sempre sonhava com um príncipe encantado que um dia viria montado em um cavalo grande branco libertá-la do seu cativeiro na torre do seu castelo. Um dia Pank Rapunzel encheu-se, resolveu dar uma reviravolta em sua vida, fez uma “tereza” com suas próprias tranças, desceu da torre, meteu a tesoura nas tranças, fez um corte punk colorido e saiu para o mundo em busca do seu primeiro orgasmo. Agora estava até mais comportadinha. Carreira de modelo, até quando não se sabia, curso de música na melhor Universidade de Música do reino, e o encontrão no corredor com Crazy Dick. Que mais poderia acontecer? Sei lá. Vamos ver para frente.

Seu pai, que era pastor de uma das igrejas luteranas, não sei direito qual delas, pois, parece que existem dois tipos de luteranas no reino Brazuca, o que dá na mesma, todas são da mesma origem e contra os dogmas do vaticano, o reino mor das religiões pós nascimento de uma águia que

pregava a paz e harmonia entre todos os reinos, mas que foi deturpada pelas mãos poderosas do individualismo e arrogância dos seres águias. Seus pais moravam em uma chácara, um pouco retirada do centro da cidade. Pank Rapunzel convidou o heroizinho para conhecer sua casa, ninho, no meio da natureza. Ele ficou curioso e muito tentado para ir lá, mas acabou preferindo ficar em seu ninho. Disse que um dia iria lá com ela. Além do mais, ainda era muito cedo para sair por aí atrás de aventuras. Mesmo sendo uma águia-adolescente, ele tinha outras coisas para fazer e além do mais, queria dar uma saída e conhecer a cidade. Estava disposto a abandonar um pouco sua teimosia de não sair de casa para nada. Tinha gostado muito da sua nova cidade e queria conviver com ela e dividir suas piras e neuroses com o seu novo mundo. Achava que já estava na hora de começar a ver o lado bom e outros lados do seu admirável mundo novo. Ainda bem.

Como a nova namoradina maluquete e estranha, como ele, era livre, independente e maior de idade, ela se ofereceu para ciceronear o herói e estranho novo habitante pelas ruas da desconhecida e pirante cidade dos anjos. Ela se ofereceu e o herói, que não era poltrão e nem nada, aceitou na hora e ainda agradeceu muito.

Pank Rapunzel, que tinha uma história muito engraçada e emocionante, daqui a pouco vou contar essa história, era super articulada e conhecia todos os becos e escaninhos da agitada e mais emocionante night porto-alegrense. Ela fez um balanço do que havia de melhor e pior na cidade mais pirante do reino. Ela que já conhecia muitas capitais do reino Brazuca e de outros reinos estrangeiros, disse para o herói que sua nova cidade era o que de melhor existia ao sul da linha do Equador. Nem mesmo aquela cidade do nordeste do reino chamada “caldeirão da pós-modernidade”, onde se misturavam

todos os tipos de raças e crenças, era tão pirante como a sua nova cidade.

O herói ficou feliz e agradecido de ter escolhido o lugar certo. Sabia que não era à toa que tinha escolhido aquela cidade para estudar. Tinha tino para escolher as coisas. Nada acontece por acaso. Pensou. Pank Rapunzel detalhou o roteiro e disse que talvez eles não retornariam antes do amanhecer. Poderiam inclusive ir ver o arrebol da aurora, antes do dia amanhecer, no mirante dos amantes, que não ficava muito longe. Ele concordava com tudo. Além de ser aparentemente mais novo que ela, não via nenhum inconveniente em sair para curtir uma “viagem” através da darkness e curiosa noite. Eram anjos da noite. Iriam parar em todas as paradas da noite. Afinal, não pretendia ser um eterno ermitão. Arrumaram-se e saíram para a noite. A vida dele estava apenas começando. Ainda bem.

Toda cidade tem seu lado underground. Principalmente uma cidade como Porto Alegre. Uma cidade que tem um lugar como a Usina do Gasômetro, tinha que ter outras coisas boas e diferentes também. E a namoradina do herói conhecia todos os lugares mais interessantes e pirantes da city. Foram direto para a Avenida mais crazy que a cidade poderia suportar. Oswaldo Aranha. Era lá que tudo acontecia. Todos os agitos mais underground aconteciam por lá. Foi para lá que o casal de aguiazinhas rumaram. Deram uma geral em tudo que estava acontecendo nos bares, shows alternativos, curiosidades, espetáculos e performances de rua, mas o lugar que o herói mais gostou e convidou a sua cicerone para curtirem até quando desse, foi um bar muito crazy chamado João. Belo nome para um bar. Mas não era só isso. O herói gostou e se encantou com tudo que rolava no local. Começando pelo estilo de música que os músicos tocavam. Blues e jazz. O bar era um desses

lugares encantadores. Muito místico e dava um ar de bar de uma cidade como Amsterdã, reino que o herói já conhecia de outras datas, em viagens que fizera na companhia dos pais. Adorou o lugar e tudo que existia nele. Era a sua própria cara. Valeu aí, Pank Rapunzel, por ter me dado mais esse prazer.

Capítulo dezesseis

O casal de águias curtiu a primeira noite de uma águia numa cidade desconhecida. Além do Bar João, que seria o novo point na noite, do herói, eles foram a outros lugares menos agitados e menos pirantes. Terminaram a noite no Vermelho 23, que era um bar meio maluco e tinha uma águia-cantor de rock que era a águia-roqueiro mais velha e mais famosa da cidade. O cara era bom mesmo! Era da galera das antigas e mandava ver na guitarra e no vocal. O bar ganhou nota de aprovação do herói. Mesmo assim, só voltaram para o ninho do herói depois que foram ver o amanhecer, os primeiros raios da aurora no mirante dos amantes, onde havia muitos casais de águias apaixonadas e embebecidos de amor. Quando chegaram ao apartamento do herói, já era quase

hora dele se levantar para ir para seu curso na Universidade. Foram para a cama.

A partir daquele dia seria uma constante na vida do herói, as vias-sacras noturnas pelos lugares, ruas, livrarias, teatros, cinemas, sebos, cafés e outros points desconhecidos. Sempre saía acompanhado de sua namoradilha que conhecia tudo e era sua cicerone mais que articulada. Entre todas as coisas de que o herói conheceu e gostara muito, algumas delas se sobressaiam. Duas coisas vocês já sabem porque foram as duas coisas de que ele mais gostara e de cara, incluíra em seu roteiro de visitas diárias. Seus amigos patos selvagens do Parque da Redenção e o pôr-do-sol da Usina do Gasômetro. Além disso e dos seus bares, livrarias, sebos, cinemas e espaços culturais preferidos, duas outras coisas encantaram muito o herói. Duas águias que ele conheceu. Uma masculina e outra águia-fêmea. Mas ambos muito diferentes e com algo em comum. A solidariedade humanitária e a autenticidade de cada um. Uma dessas águias tornaria-se, mais tarde, seu melhor amigo, guru e mestre. A outra, a águia-feminina era uma alma pura, um anjo. Ela era a madrinha dos desvalidos, dos inofensivos e discriminados punks da cidade.

Querem saber a história de cada um? Então vamos começar pela águia protetora. De vez em quando, em algum lugar do planeta, aparece, surge, não sabemos como, uma alma pura que faz alguma coisa realmente de bom que merece ser lembrado e até louvado a ação de certas almas. Almas puras, bem entendido. Poderíamos citar o nome de muitas dessas almas puras, mas vamos dar exemplo de apenas algumas para ilustrar a cena. Quem se lembra de algumas almas puras, anjos mesmo, como aquela águia chamada Betinho, que mesmo doente, com uma doença incurável, fez muita coisa para amenizar o sofrimento de outras águias famintas e

miseráveis do seu reino? Ele batalhava e mobilizava legiões de outras águias do reino inteiro para arrecadar alimentos e outros donativos para levar e distribuir para suas irmãs pobres que viviam e vivem até hoje, numa região do reino super seca e pobre. Ele ficou conhecido como a águia solidária com as águias pobres da fome, a campanha de combate à fome. Quando sua doença o matou, matou também todo o seu trabalho e luta contra a fome. Ninguém teve a ousadia de dar continuidade à luta que ele tanto defendeu e brigou por ela. Que pena, Betinho, este cruel world, que já matou tanta gente de fome, não é um admirável mundo novo para todos. Pena mesmo, porque a semente que você semeou e deixou plantada para florir, foi cortada e impedida de dar caule, folhas, flores e frutos, foi interrompida por bad spirits que povoa este cruel world. Sinto muito.

Outra águia com o mesmo espírito, chamada irmã Dulce, viveu toda sua vida em prol dos desvalidos e miseráveis. São tantas as almas puras, cada uma cuidando de uma causa, das mais diversas possíveis, desde gorilas em extinção nas montanhas selvagens da África, bichos-preguiça na selva amazônica, águias-mendigos, miseráveis de todos os cantos do mundo, águias-índios, e tantas outras que nem dá para se lembrar de tudo. Sempre há almas puras por aí ajudando outras almas.

A águia de alma pura protetora das águias-punk de Porto Alegre era uma dessas almas que aparecem por aí com o espírito de solidariedade para ajudar seus semelhantes. Ela, uma águia meio malucona decidira que, apesar de ser meio rica e ter uma boa fonte de renda, parece que recebia uma gorda aposentadoria não sei de quem e por qual motivo, só sei que era uma aposentadoria muito gorda, algo pra lá de cinco mil, ao invés de ser uma dondoca burguesa e curtir todos os atrativos que o *bom* e insuperável capitalismo oferece,

ela preferiu ser a madrinha e protetora das águias-punks que vivem reunidas e jogadas nas ruas feito lixo. A águia de alma pura convivia harmonicamente com eles e ainda por cima usava sua gorda aposentadoria para dar guarida e alimentos para a galera de punks que viviam festivamente em seu apartamento. Quando uma aguiazinha-punk vivia errante e ia botar seu primeiro ovinho, ela levava para seu apartamento e cuidava de tudo. Tanto que, apesar de ser da classe burguesa, ela era discriminada por essa, que sempre foi conservadora, reacionária, hipócrita e fake. As águias punks adoravam e protegiam a águia protetora e ambos formavam uma simbiose, comunidade humanitária. Uma legião urbana de anjos. Coisas da pós-modernidade. Que só pode acontecer na pós, na minha e sua pós-modernidade. Que bom! Depois dizem que ainda não existem almas puras. Quem foi o fake que disse isso? Ainda bem que o mundo não é feito só de fakes. Ainda bem mesmo!

A outra águia que o herói gostou, adorou, conhecer foi seu guru. Aquele que se tornaria seu mestre. O herói entrou em uma biblioteca pública, numa tarde tranquila e fresca, para procurar um livro chamado Avalovara, de um escritor-águia chamado O. Lins, que foi o único escritor do seu reino a fazer parte de um movimento literário chamado Oulipô, e encontrou seu mestre por puro acaso. Dizem que nada acontece por acaso. E não acontece mesmo! O mestre, um senhor de uns sessenta anos, mais ou menos, mas com aparência de uns cinquenta, estava fazendo consulta no fichário dos autores russos e a seu lado, a jovem águia, com cara de inteligente e ar de interesse pela fonte do conhecimento. O mestre foi quem puxou conversa primeiro. Perguntou se a águia-garoto gostava de autores malditos e filósofos como Nietzsche. Ele, meio assustado e surpreso com a pergunta respondeu que sim, “acho que sim”, disse

Crazy Dick. O mestre respondeu que o reino das águias não podia se iludir com os fakes, farizeus e escribas fakes que estão levando a espécie para o matadouro. Ele sim, tinha a chave da descoberta de uma tese que desmistificava e desmascarava todas as teorias existentes. Dessubstancialização do sujeito. A chave nuclear da palavra. Mas que papo mais estranho é esse? Deve ter pensado muitos leitores. Desculpe aí. É o embalo. Assustei a galera de teens. Calma lá, galera. Vamos botar essas cabecinhas para funcionar. Confio em vocês. Sei que vocês são inteligentes e serão as gerações que dominarão o mundo. Mas cuidado, muito cuidado. Pega leve. Não vão dominar o mundo e levá-lo para o lado do mal. Existem os dois lados. O do bem, o lado das almas puras, os anjos, como o Crazy Dick, e tantos outros, a cidade será dos anjos, como no filme Corvo II, mas existe também o lado do mal, são os bad spirits, pig's spirits, que são movidos pela ganância e individualismo. Com qual desses dois lados vocês vão querer ficar? Eu, vocês já sabem que sou do time do herói. Então, galera teen, vocês que dominarão o mundo, o planetinha terra, pensem bem, muito bem mesmo antes de fazerem qualquer coisa que possa ameaçar essa merda toda. Mas vamos lá, que eu vou tentar explicar mais ou menos alguma coisa do que o mestre, a águia mestre conceituou para seu novo e disciplinado discípulo.

O papo sobre todos os conceitos continuaram e o herói gostou tanto de ouvir aquelas maravilhas, que chamou o mestre para ir tomar um chá de amora na confeitaria da esquina. O mestre disse que tinha descoberto a chave nuclear da palavra. Dizia que não era filósofo. Era um físico. Pô, mas então como é que fica o Einstein? O mestre sempre respondia por metáforas e o herói tinha que redobrar os sentidos para tentar responder à altura

e sem dar vacilo. Tudo que o mestre falava, o discípulo ouvia atentamente e ia filtrando em seu cérebro. Não tinha certeza se deveria acreditar em tudo que o mestre analisava. Até mesmo pela sua postura de meio cético, tentava acompanhar os conceitos teóricos do mestre. Às vezes, entendia tudo, outras, entendia menos. Mas demonstrava interesse por tudo. Só ouvia. Ouvia e gravava em sua mente, mente de computador.

Mas nem chegou a indignar-se com o mestre que não contou o que era dessubstancialização do sujeito e muito menos o que significava a tal da chave nuclear da palavra. Orgulhou-se apenas a dizer que seu trabalho era pesquisa de quatro décadas e que um dia o publicaria para deixar seu nome na história das águias. No fim de um longo trocar de delongas e milongas filosóficas o mestre convidou o discípulo para ir conhecer seu ateliê de pinturas. Daquele dia em diante o herói passou a ir ao ateliê do mestre todos os dias. Muitas vezes ele levava a namorada, que logo de cara ficou fascinada pelo amigo e mestre de seu namorado. A primeira coisa que fez foi pousar nua para o mestre pintá-la numa tela a óleo. O mestre pintava muito bem. Tinha traços modernistas. Ele não admitia as “loucuras e irresponsabilidades” do pós-modernismo. Dizia que essa tendência estética tinha acabado com a arte. Que agora qualquer lixo era considerado arte. Principalmente nas artes plásticas e visuais. O herói ficava só observando e ouvindo atentamente. Depois de muito tempo a obra de arte já estava pronta. A namoradinha do heroizinho ficou faceira e encantada com o trabalho do mestre. Terminado o trabalho, todos saíram para comemorar a façanha do mestre. Todos estavam felizes e tinham o que comemorar. Foram direto para o Bar João e lá encontraram outros amigos do mestre. Lá a águia artista plástico Abreu Fabricci

pintava uma tela a óleo do escritor maldito londrinense Le peppe Maggi, autor do Livro “Pandora, Um Poema Fescenino”. O Bar João é um desses bares onde se encontra toda espécie de seres. Desde águias jornalistas, escritores, todo tipo de artista desfila por lá. O local é uma verdadeira galeria de arte. Incluindo livraria e venda de CDs. Os junks eram os que mais frequentavam o local. Às vezes, aconteciam lançamentos de livros, CDs, peças teatrais, shows musicais e muitas performances. O Bar João é o mais antigo bar da cidade. Já estava na terceira geração de proprietários. Sempre passando de pai para filho. A terceira geração, que é o neto do primeiro João, já está quase passando o posto para seu filho, tetra neto do fundador da parada chamada Bar João.

O bar, que sempre primou por ter boa música ao vivo na casa, mantinha semanalmente duas bandas que, alternadamente, se revezavam no palco. Uma das bandas tocava jazz e rhythmic Blues, soul e blues rasgado. A outra mandava ver no rock and roll. Muitas águias famosas como Celso Blues Boy, Nuno Mindelis, André Cristóvão e a melhor banda de blues do reino Brazuca, Blues Etilicos tocaram lá no bar mais famoso da cidade.

Capítulo Dezessete

Os dias iam passando cada vez mais rápidos para o herói. Quando se tem uma porção de coisas em mente para se fazer o tempo voa e ninguém percebe. O herói estava adorando o curso, apesar de ser mais teoria do que prática. Mas não parava de tocar sua guitarra em seu apartamento. Apesar de ter consciência de que tocava bem, mesmo assim entrou numa escola de música só para instrumentistas que já sabiam tocar bem e queriam só praticar. Seu professor de guitarra era uma fera do blues na cidade e um dos maiores do reino. Ele tinha prazer em ensinar o jovem Crazy Dick tocar, mas reconhecia o talento do aluno. Dizia, com muita sinceridade, que o herói era seu melhor aluno de guitarra e que esse já podia encarar qualquer platéia sozinho. Chegou até a convidar o herói para participarem juntos de um CD que pretendia gravar. O herói achava que ainda era meio cedo e ficou de avisar quando achasse que tinha chegado a hora de encarar um estúdio de gravação.

O herói, que sempre fora cabreiro e desconfiado com tudo, era desses que não gosta de forçar a barra em nada. Ele sabia que o que tiver que acontecer em nossas vidas, não adianta forçar a barra ou fugir, porque um dia acontecerá. Seja lá coisa boa o não, um dia, com certeza, acontecerá. E Crazy Dick já descobrira isso há muito tempo. Ele vivia cercado de exemplos típicos por todos os lados. Apesar da pouca idade que tinha, se bem que para o reino das águias, idade não faz muita diferença. Esse papo de pouca idade é meio furado. Desculpa para qualquer situação, sempre recai na idade. Fulano fez isso porque ainda é muito novo. Não podemos culpar os jovens porque eles ainda não estão preparados

para encarar o mundo. Que pena que isso aconteceu. Se fosse mais velho não tinha acontecido. Nossa! Mas beltrano não pode responder por seus atos, não pode ser julgado por seu erro ou crime, porque ainda é menor de idade. E mais um monte de desculpas descabidas vão transformando o mundo dos humanos num mundo “desumano”, num mundo ingrato e num mundo cão e totalmente perverso. O melhor espelho disso são as tantas desgraças que povoam as inumeráveis barbaridades que acontecem por toda parte. E isso é muito chato. Muito chato mesmo. É chato porque poderíamos viver todos em harmonia e felizes. Mas, infelizmente existem os bad spirits por toda parte e às vezes, acabamos nos esbarrando com algum desses espíritos do mal por aí.

O herói acabou conhecendo ou tendo conhecimento de muitos tipos de águias em sua nova cidade. Como agora ele vivia sozinho em uma cidade que era uma verdadeira selva de pedra, não tinha como fugir de várias situações. Agora ele era obrigado a conviver com inúmeros tipos de seres. Tanto seres como as almas puras e eventualmente algum bad spirit que cruzava seu caminho. Mas desses ele cortava volta. Não queria papo com essa galera, a galera dos bad spirits e sempre os evitava. Ele acreditava que as almas puras, mesmo sendo em menor número, anulavam os espíritos do mal.

Entre tantas almas que o herói conhecera haviam muitas águias jovens, inclusive algumas mais velhas que ele. O herói conhecera uma águia ator de teatro amador, fazendo o espetáculo Boi Voador, na Rua do Ouvidor, e ficou encantado com a apresentação do cara. Ficaram amigos e sempre se encontravam na rua. O tal ator chamava-se Wander San. Um certo dia ele encontrou o novo amigo no calçadão da cidade fazendo teatro na rua para alegrar as águias passantes e outros transeuntes e

acabou contando-lhe um pouco de sua trajetória de carreira. O tal ator era sincero e disse como encarava o desafio de ser um estranho no ninho, principalmente na cidade grande. Assim ele começou a narrar sua vida para o herói, que atentamente ouvia tudo. “Aqui eu senti o peso de tudo que um dia não tive em minha vida. Senti o que é viver sozinho num lugar totalmente estranho. Hoje, com a minha pouca idade, longe da família, sei valorizar mais as coisas. Moro num quarto de fundos de uma casa velha onde é o refúgio da minha alma. Os dias passam voando e não percebo a vida passar. Nunca sei quando o verão começa ou a primavera termina. Não tenho nenhum parente que me visita. Nem me preocupo com isso. Vivo solitário, apesar de estar sempre na rua no meio da multidão que passa e ninguém quer saber se sou feliz, triste, solitário, alegre ou qualquer outra coisa. Mas não chego a achar isso um dilema. Todo grande vencedor teve seus momentos de solidão e tristezas. Minha vontade de vencer é mais forte e não me deixa desanimar. Sou um artista anônimo. Quando não estou no palco do teatro, venho para a rua com o rosto pintado para alegrar as pessoas. Faço a alegria das pessoas, mas me sinto triste e solitário e praticamente ninguém me faz rir ou compartilha com minha solidão e tristeza. Hoje tenho uma apresentação com minha peça. Com meu monólogo. Até para ser ator temos que saber vencer muitas barreiras e sermos mais criativos que em outras profissões. Hoje estou meio mal. Não me sinto muito bem. Isso se chama TPE. Tensão pré espetáculo. Todos os dias os atores vivem o tormento de entrar no palco e um friozinho percorre a espinha dorsal e dá uma agonia diária com medo de esquecer o texto. Meu diretor me disse para eu não deixar a neurose do cotidiano interferir no meu trabalho. Ele sabe das minhas dificuldades financeiras e da vida pessoal. Isso

não é motivo para preocupação, porque se eu quiser vencer na vida e tornar-me um grande ator, terei que vencer todas as barreiras da vida, foi o consolo que ele me deu. Hoje, depois do espetáculo no teatro, faremos uma apresentação com a mesma peça, em praça pública. Levaremos nossa arte para as pessoas que, por algum motivo, não podem ir ao teatro. Isso também é uma maneira de divulgar a peça. Dizem que as pessoas curiosas, pessoas que nunca foram a um teatro, valorizam mais a arte dos artistas anônimos. Meu texto já está decorado, mas não sei por que sempre estou com ele em mãos. Acho que é costume ou insegurança. Minha mama sempre me dizia que o cargo exige responsabilidade. Acho que concordo com ela. Além do mais, acredito que qualquer profissão, cargo ou seja lá qual for a atividade que qualquer um desenvolve, necessita de responsabilidade. Ser ator é como ser médico, advogado ou maquinista de trem. A atenção e responsabilidade são imprescindíveis em qualquer uma”.

O herói sempre procurou ouvir as águias, fossem elas novas, velhas, pobres, ricas, ou seja lá quem fosse. Procurava ser democrático, solidário e solícito com qualquer um. Sabia que não era melhor que ninguém. Que todos somos águias irmãs. Que ninguém é melhor do que o outro. Apesar de que o que mais via e conhecia era o individualismo gritante que domina todos os seres. Principalmente os seres humanos. Com esses ele sempre ficava alerta e com um pé, uma pata, atrás.

O pobre e inofensivo Wander San, o ator amigo de rua do herói, tinha uma história meio triste mas cheia de méritos. O cara, que tinha apenas dezenove anos, saíra de sua cidade natal onde morava com os pais, águias comerciantes e evangélicos desses radicais e super conservadores que não aceitavam a idéia do filho de teimar em querer ser ator, queriam que a pobre criatura

fosse comerciante como eles, abandonou tudo e caiu no mundo. Preferiu levar uma vida errante a submeter-se a uma vidinha medíocre que não era o que ele queria. Um belo dia arrumou a malinha, “o galo de briga”, e caiu no mundo, na aventura. Fez o mesmo que muita gente, muita águia faz. Ele dizia que não queria ser como muitos amigos seus que preferiam viver sem fazer nada na vida e serem sangue-suga da família a vida inteira. Iria fazer o que tinha vontade. Ser aventureiro até a alma. E não deu outra. Meteu a cara no mundo e foi viver sem a proteção das asinhas da mãe e do conforto da família.

Acho que nisso o sujeito tinha razão. Porque o que mais existe por aí, hoje em dia, são águias folgadas e sangue-suga dos pais. Vou contar agora o que rola com muitas águias tranquilas e vadias que existem aos montes por toda parte.

Lembram-se de um sujeito que apareceu aí, há pouco, no Bar João, chamado Fabricci, Abreu Fabricci? A águia dublê de artista plástico, que pintava a tela a óleo do escritor Le Peppe Maggi? Pois é, esse cara também era uma das águias do time dos vadios, lazy, vagabundos que não gostam de fazer absolutamente nada. Mas nada mesmo. Nem estudar, ao menos. O cara morava com os pais e nunca gostava de trabalhar. Não fazia nada na vida. Muito menos gostava de estudar ou fazer alguma coisa de útil para seu reino. Não fazia nada e dizia que não tinha tempo para nada. Conheço muitas águias como ele. Às vezes, não consigo entender por que muitas águias nascem e crescem na vadiagem total. No ócio puro.

Está escrito em algum lugar e não me perguntem quem escreveu, porque não tenho nada com isso, que os pais são responsáveis por seus filhotes até eles atingirem a maioridade, que em qualquer reino acontece aos vinte

e um anos. Antes disso os pais são responsáveis e são obrigados a sustentarem seus filhotes. Não podem negar alimento e nem guarida. Mas se o filhote ou filhotes atingem essa idade e não se preocupam em fazer nada e viverem no ócio total, os pais têm todo o direito de até expulsar os ociosos do ninho, de casa. Não conhecem uma expressão, “vai trabalhar vagabundo?!” Essa é a melhor definição para entender o motivo de pais viverem implicando com águias vagabundas que não se preocupam com nada.

A situação às vezes, até chega a limites insuportáveis. Conheço águia que já está passando dos trinta e cinco e ainda não saiu da asa protetora do pai ou da mãe. Trinta e cinco anos nas costas e não estudou, não fez faculdade, não consegue arranjar emprego, namorada, automóvel, etc., trinta e cinco anos nas costas e ainda é sustentado pelos pais, que se matam de trabalhar para não deixarem o vadio morrer de fome e ainda por cima enche a cara de cachaça, cerveja, cigarro e briga com todo mundo, começando pela mãe. Acho que figuras desse tipo só esperam pela morte dos pais para apossarem-se do patrimônio destes. Aí já é demais.

Realmente não sei o que se passa pela cabeça dessas águias. Uns inventam um monte de histórias e tentam sempre botar a culpa em alguém. Botam a culpa nos outros, mas nunca assumem seus erros. Para essas almas, o mundo em que vivem é uma porcaria. Nada presta para elas. Se alguém dá um toque para fazerem alguma coisa na vida, estudar, pelo menos isso, eles saem com tiradas que são verdadeiras pérolas como: “estudar para quê? Para ser escravo dos outros? O mundo é uma merda só. Não quero fazer nada. Nada mesmo. Vou levando a vidinha do jeito que der, quando não der mais, aí a gente pensa no que pode rolar, no que pode fazer”, é

sempre a desculpa esfarrapada e nada convincente que eles dão.

Olha essa. Existe cada tipo de águia por aí que é de arrepiar o pêlo, as penas. Uma águia chamada Big Rodrim nasceu para ser um eterno lazy. Estava com mais de vinte e três anos e sequer trabalhou um único dia na vida. Muito menos estudou. Nem chegou a terminar o estudo secundário. Vivia na vadiagem o tempo todo. Ócio total. Além de lazy, ainda enchia a cara meio que direto. Ficavam em casa, pais aposentados, filho único, mil planos na cabeça, mas nenhum que tivesse possibilidade de sucesso. Mandou fazer um baixo muito maluco, e dizia que queria ser músico, mas acabou desistindo, depois de ter bebido o famoso baixo inteiro em poucos dias. Vê lá se tem cabimento um lance desse. Beber o baixo todo em cerveja e outros tipos de bebidas. Não. Realmente não dá para entender mesmo.

O cara tentou várias coisas na vida, mas sempre acabava desistindo. Uma das suas últimas investidas, depois de ter bebido o baixo, inventou que queria ser ator. Tentou, tentou e acabou desistindo. Disse que não queria papo com música e que seu negócio eram as artes cênicas. Mas acabou largando logo o teatro porque achava que não existia um papel para seu perfil de ator. Abandonou tudo e disse que iria se dedicar à arte de cultivar uma horta no quintal de sua casa e iria dar um tempo por lá, meio que numa de vegetariano. “vou dar um tempo por aqui, por enquanto. Acho que vou descansar um pouco”, dizia, quando alguém perguntava alguma coisa. O seu melhor amigo, amigo de copos, inclusive, Larsen, perguntava: “Mas, e aí, Big Rodrim, como é que é, não vai tomar um rumo na vida? Mas nem música, tchê, vai querer estudar?”. “Não! Acho que não! Não estou muito a fim de fazer muita coisa. Acho que vou dar um tempo por aqui mesmo. Não me dei

muito bem na música. Não deu nem para tomar uns tragos. Acho que vou cuidar da minha horta. Se depois me der vontade de fazer alguma coisa, voltar ao teatro, talvez, aí, pode ser que até faça. Mas, por hora, vou ficar por aqui mesmo tomando alguma coisa.”, respondia Big Rodrim, jogando seu cabelão, suas penas longas para trás.

Às vezes, chamo isso de complexo de inferioridade ou excesso de paparicação dos pais que sempre passam a mão na cabeça do filho, quando esse não se toca de que o tempo está passando. Mas isso pode trazer resultados até trágicos no futuro.

Mas entre todas as águias que conheci, uma delas ganhava de todas as outras. Não sei por que cargas d’água, mas a maioria das águias lazy, vadias mesmo, fakes são metidas a serem dublês de alguma coisa. A maioria se desembesta para o lado da música. Nem bem completa quatorze anos e já diz que montou uma banda de rock. É por isso que o herói da nossa estória, que não era nenhum poltrão e sacava muito de música, inclusive tocava blues e rock muito bem, tinha horror de ver um monte de fakes, que nem sabiam umas duas notas musicais direito, se metendo a fazer música. Toda vez que seus amigos-águias o convidavam para montar uma banda, ele ironizava e pagava da cara de todo mundo. A galera mais esperta e que o conhecia bem, nem se atrevia a falar mais de música ou banda perto dele. E ele tinha toda razão. Porque cada fake que aparecia e aparece por aí, é brincadeira!

A famosa águia que ganhava de todas, na vadiagem, é claro, era também a águia mais fake que já trombei por aí. Vou chamá-la de Roger Fake. A figura era realmente pinta brava. Mãe professora. Pai aventureiro e andarilho. Andarilho em busca de aventuras. Onde houvesse um show de rock, corridas de carros,

principalmente carros importados, a águia aventureira e andarilha estava e mandava ver. Aventureiro do asfalto. Parece que foi até para a primeira edição do Woodstock, que aconteceu no reino das águias que curtiam o grande barato de viverem livres e totalmente zen, numa nice , numa de “paz e amor”.

O pai do sujeito, da águia mais lazy e crazy e fake, era de apavorar mesmo. Esse sujeito, que além de aventureiro, era dublê de piloto fake de carros de corrida e mecânico e perdeu-se na vida em busca de aventuras, como na música do compositor R. Teixeira, do reino do Brazuca, abandonou tudo e foi morar numa ilha deserta com uma das tantas águias que conhecera nas andanças aventureiras. Foi curtir a vida. “fuck all!”, ele pensou e caiu fora.

Mas e a águia fake, o que aprendeu com tantas pirações e aventuras do pai? Nothing. O pai, apesar de ser um desvairado e tri doidão, nunca botou uma gota de álcool na boca. Nem álcool e muito menos nenhuma porcaria de drogas. Isso prova que para ser muito doido não precisamos mandar ver nos alucinógenos. A águia filho, tornou-se um alcoólatra degenerado. Bebia até não aguentar mais. Era uma águia deslunbrada e totalmente iludida. Não tinha os pés no chão. Vivia no mundo do devaneio. “hey, cara! Por que você pira tanto?”, perguntava sempre seus amigos, meio que pagando da cara dele. Era uma águia deslumbrada e iludida com muita coisa. Parecia até Forest Gump, o contador de histórias idiota e ingênuo, algo como um mentecapto inocente. É isso mesmo. O cara era até muito ingênuo demais. E o pior é que ele nem se tocava disso. Sua melhor característica era a soberba e o complexo de superioridade. Achava-se o melhor de todos em tudo. Só que nem um curso superior tinha competência de fazer. Levava pau no vestibular sempre. Mesmo assim,

bradava aos quatro cantos que era bom em tudo. Cismou que podia tocar harmônica e que era um bluesman. Mas não era mais que um tremendo fake. Se marcar não sabia nem duas notas e um acorde de blues na gaita de boca. Entrava em devaneio, depois que bebia tudo que estivesse por perto e acreditava cegamente que seria cantor de blues. Chegava até a bradar sua gaitinha e fazer certo estardalhaço em público, principalmente quando tinha galera que lhe dava atenção. Passava o dia inteiro dentro de casa curando a ressaca do dia anterior. Não sei como conseguia grana para sustentar o vício. Tinha horror e aversão a qualquer tipo de trabalho. Nem trabalho. Nem Universidade. Nem futuro. Nem nada. Sobrevivia como uma ameoba no meio de outras ameobas. Era um ser meio estranho. Era um verdadeiro fake. Se fosse pelo menos aventureiro como o pai, já estaria de bom tamanho, mas nem isso o cara conseguia ser.

Pobre Roger Fake! Que será que aconteceu com a pobre águia? Ainda deve estar nos devaneios de sempre e ainda sem estudar. Uma espécie de Dom Quixote de la Mancha. Deve estar lutando com espada contra moinhos de vento. Existe de tudo neste mundo. Com tipos assim, Crazy Dick cortava volta.

Capítulo Dezoito

Crazy Dick e a noite. Como a vida corre rápido quando se está a mil por hora! Crazy Dick e sua inseparável namoradinha, que não era virtual, pois ela estudava na sala dele, curtiam a noite porto-alegrense a todo vapor. Como ela era modelo, sabia de tudo que rolava na cidade. Era convidada para todas as festas, as mais crazy e rave. Principalmente festas yahoo. Onde tivesse um agito que delirasse toda a galera, com direito a bramar, rugir, encolerizar-se, entusiasmar-se eles estavam. Mas pegavam leve. Não tomavam bebida alcoólica e muito menos mandavam ver em qualquer tipo de drogas. Gostavam do delírio, mas preferiam continuar totalmente zen.

Nem ele, nem sua linda águia-modelo, que sempre apavorou, sempre foi maluquete, Pank Rapunzel, eram chegados a algum tipo de ácido ou alucinógeno. Água mineral com gás. Só isso. Água mineral com gás e muita paixão entre o casal de pombinhos, epa, que história é essa?, casal de aguiazinhas. Ah, bom!

A linda Pank Rapunzel, que meteu a tesoura nos cabelos e caiu no mundo em busca do seu primeiro orgasmo, lembram?, era só entusiasmo puro com seu herói. Atenção leitores meio dorminhocos, “...meteu a tesoura nos cabelos...” mas isso antes, quando ela era ainda adolescente e vivia em seu castelo. Agora suas melenas eram longos e lindos, bem entendido. Sentia-se meio espelho do herói e ao mesmo tempo se espelhava nele. Chegou até a ler e depois emprestar o livro “A Identidade”, belo livro do escritor-águia, Kundera. O herói leu e adorou. Mas o herói não era dessas águias românticas-melosas. Deixava sempre que tudo devia rolar naturalmente. Não gostava de ser chiclete. Só ligava para sua bela Pank, que nem era muito punk, só meio maluquete, quando ela pedia. Como ela não era nada fake, nada águia-burra, ela nem pedia para ele

ligar para ela. Conhecía o pensamento e caráter do herói. Para não perder, preferia não encher.

Ele, que era muito cabreiro, mas também não era poltrão e gostava da situação, ficava bem na sua. Bem na moita, como dizem as águias dos campos e veredas dos gerais. De modos, que o casal de aguiazinhas viviam muito numa boa.

Crazy Dick que sempre olhou o mundo, seu reino, com muita desconfiança, desde que quebrou a casca do ovo, do Admirável Ovo Novo, começava a perceber que o casamento dos seus pais era possível de existir. Nem precisava ser cor de rosa vinte e quatro horas por dia. Bastava apenas que cada um ficasse na sua que o destino, ou acaso, de cada ser se encarregava do resto. Pelo menos era o que pensava no momento. Agora já era maior de idade. Maior de dezoito, que acabara de completar. Mas ainda se considerava meio novo demais para encarar as pirações do mundo. Do seu reino. Uma das coisas que nem passava perto da sua cabeça era a história de formar família. Não queria seguir o destino do pai, mãe e irmã, que já estava se preparando para casar. Queria ser livre. Namorar sério, sim. Mas viver juntos, não. Família não era sua preocupação. Ele conhecia muitas águias novas, muitas até com menos de dezoito anos, que levavam as namoradas para ir morar junto na casa, no ninho, dos pais. Viviam um tempo juntos e depois se separavam sem mais nem menos. De modos que não pensava em nada. Vamos continuar do jeito que está, que está bom, pensava sempre.

Para sorte do herói, sua linda modelo maluquete também pensava como ele. Imagina se uma doidaça como ela ia lá pensar em viver junto com um pinta que tinha suas piras e particularidades. Quando terminassem a Universidade, iriam pensar direito no que ia rolar. Por enquanto estava bom demais. Ela se cuidando o máximo

para não pintar um ovinho na parada e iam levando a vida do jeito que a vida gosta de ser levada. Ainda bem. Crazy Dick lia muito. Era dedicado. Tinha tempo para ler de sobra. Era uma águia-escravo privilegiada. Não precisava trabalhar. Se bem que já até admitia a fazer alguma coisa, agora que já estava no segundo ano de música, sabia e continuava estudando inglês, e já tinha dezoito anos. Recebia muitos convites para gravar tocando em bandas de rock e blues da cidade. Chegara até a fazer várias participações, sem muito alarde, nas bandas que se apresentavam nos bares da cidade. Todo mundo que tinha ligação com grandes e boas bandas de blues da Universidade, que se apresentavam na noite, o conhecia e sabia que ele tocava pra valer. Mas o herói, por enquanto, preferia continuar a ser sustentado pelos pais. Pois sempre fora um bom filho e os pais tinham muita grana. Que bom! Até ele dava um fakezinho de vez em quando. Afinal, ele não tinha culpa de ter nascido de um ovo de ouro.

Ele começou a sacar que o acaso, tudo que rolava com ele era obra do acaso. Começou a perceber a importância do acaso. Lia um monte de livros. Todos os tipos de livros. Desde história, filosofia, psicologia, psicanálise, romances, poesia e principalmente sobre arte. Todos tipos de arte. A literatura, a música e as artes plásticas chamavam muito sua atenção. Leu a obra completa de Bukowski, a beat generation, os poetas malditos franceses, Kafka, J. D. Salinger, Poe, Jorge Luis Borges. Mas o de que ele mais gostava era seu guru Charles Bukowski. Considerava-o uma das maiores águias-escretores do norte do continente de seu reino, depois de Edgard Allan Poe, é claro.

Seu interesse pela literatura era muito grande. Começava a despertar interesse para tentar fazer algum rabisco nas letras. Principalmente nas letras pós-

modernas. Tinha uma arma na mão, que lhe era fulminante e fatal. A Internet. Achava que pela rede poderia mandar ver na literatura. Nem que fosse uma literatura epistolar. Pois gostava muito de escrever para as pessoas. Nas últimas férias, viajou para vários lugares e conheceu muita gente interessante e muito cabeça. Um dos lugares visitados, para onde foi com sua inseparável namoradina de corpo presente, a Pank não-punk, porque ele tinha outras virtuais e de corpo ausente, foi a sua adorável Ilha da fantasia e do Mel. Lá conheceu suas duas novas namoradinas virtuais.

Mas antes da Ilha da Fantasia e do Mel, o herói andou sozinho, livre, solto por outros ares como a cidade mais crazy e pirante do nordeste de seu reino, o Brazuca. Foi lá que o apavoro rolou solto. Mas o herói sempre se conteve e segurava a barra. Não deixava se levar pela brisa. Vamos ver aí para a frente o que o herói andou aprontando por lá. Ele foi passear de férias e curtir o verãozão que corria solto na terra de todos os santos e foi lá que aprendeu a dar mais valor no que estava acontecendo dentro da pós-modernidade. Pôde constatar in loco o que é possível acontecer numa só cidade ao mesmo tempo. Achou a cidade mais antiga do seu reino uma verdadeira piração. Um caldeirão de todas as misturas culturais e raciais.

Mas o que Crazy Dick mais sacava era que só podia confiar numa coisa. No acaso. Deixava tudo por conta dele. Sabia que o que tivesse que rolar só rolaria, aconteceria, se o acaso desse uma mãozinha. Mas chegar à conclusão de que o acaso ajudava mais do que atrapalhava, foi preciso conhecer uma águia de alma pura nas suas férias.

Ele estava andando sozinho, sua namorada ficara dormindo na pousada, pela praia, andando no meio das pedras e de repente conheceu uma águia que também

caminhava sozinha. Mais ou menos sozinha. Estava acompanhada do pai. Águia-pai e águia-filha. Olhou e alguma coisa chamou sua atenção. Beleza? Não. O que então? Karma. Sabe quando você se dá conta de que tem um karma para resolver com alguém? É isso aí. Sem pretensão nenhuma, se conheceram. Conversaram amenidades. Sorrisos forçados. Informações sobre o encanto do lugar e finalmente os e-mails. Ele gravou logo o dela em sua memória privilegiada. Cada um foi para um lado e dias, meses depois estavam apaixonados, só pela net, é claro. Sua paixão de verdade e ao vivo, com direito a viajarem juntos, viverem quase juntos, estudarem juntos e passarem a maior parte do tempo juntos continuava sendo sua lindinha Pank Rapunzel.

Depois de tantas idas e vindas pela net, loucuras, pirações, poemas, como “Morena”, que ele escreveu para sua namorada virtual, um dia ela mandou um pensamento seu que batia, combinava, encaixava direitinho com o que ele pensava sobre o acaso. Ela via e interpretava o acaso e o destino de uma maneira que achava que “subestimamos a importância do acaso. O acaso é uma situação que permite interferência; é possível participar da determinação dos acontecimentos. É como se fossem dados dezenas de starts a cada segundo. Você tem que perceber a maior quantidade possível deles e quais os que dão as melhores possibilidades de sequência. É preciso estar muito atento. Diferente do destino, que é monótono, imutável, inquestionável, autoritário, chato, que não permite ação, só resignação. O acaso é interativo. Só tem sequência como acontecimento se for concretizado com ações voluntárias que enfim criam o fato. É preciso estar atento. Muito atento mesmo.

O Ser, O Tempo e o medo...

Quantas tramas conseguimos criar para a existência e quantas, irremediavelmente nos enredamos? Com quantas proibições e punições dificultamos o acesso ao objetivo único do ser? Seja lá qual for esse ser. Ser feliz. Uma rápida olhadela para o que chamamos “vida”, permite constatar sua condição primeira: a efemeridade. No entanto, agimos como se a eternidade fosse a mais inquestionável das coisas. Mais ainda, ignoramos frequentemente o resto do mundo em suas inúmeras possibilidades, insistindo por até uma vida toda em *uma* das possibilidades apresentadas e mal sucedida.

Talvez a percepção mais clara do tempo e do mundo possa ajudar a ousar. Parece sensata a sensação de que morreremos a cada dificuldade, que elas fazem parte de um processo, serão belas histórias a serem contadas. Mas que na verdade, nossa dificuldade é ínfima perto de tantas superadas por outros. Fosse J.C., o mensageiro da paz, um filósofo e talvez quisesse dizer apenas: ‘não se vitimizem, vejam, podemos suportar inúmeras provocações sem fraquejar’.

O tempo é um sinistro aliado. Se sabemos que com o tempo tudo será superado, imaginar o tempo futuro e antecipá-lo nas sensações, pode diminuir sensivelmente o tempo que se leva para poder rir das dificuldades e desgraças passadas”.

Crazy Dick ficava fascinado e encantado com todas as descobertas que fazia. Refletia cada vez mais sobre tudo. Sabia que não tinha vindo a este mundo à toa. Precisava descobrir o que veio fazer aqui. Já tinha certeza de que muita coisa estranha andava acontecendo. Só queria descobrir o que era. Começou a ficar muito ligado no que sua namoradinha virtual andava escrevendo-lhe. Tinha uma paixão e admiração por ela, mas sabia que isso não passava de devaneio e admiração intelectual.

Será? Vamos aguardar para ver no que vai dar. Cuidado, Pank Rapunzel, muito cuidado.

Capítulo dezenove

Os dias foram passando muito rápido. Crazy Dick mergulhava de cabeça no seu computador. Devaneava num mundo desconhecido, que era a Internet, para ver o que encontraria. Acabou descobrindo que a net é uma arma muito perigosa e que as pessoas estavam cada vez mais possessas e individualistas por causa dessa arma. Algumas águias chegavam a ficar mais de quinze, dezoito horas por dia na frente do computador navegando na Internet. Esqueciam de comer, namorar, trabalhar, estudar, fazer ginástica, conversar com os amigos e parentes, sair para respirar ar puro no meio da natureza e até fazer amor. O herói sacou logo que não poderia deixar de fazer as coisas de que tanto gostava só para ficar recebendo e respondendo mensagens pela net. Apesar de que o Universo On Line parecia-lhe interessante e instigante, sem falar do fetiche que o mistério do desconhecido lhe provocava, ele passou a

tomar o máximo de cuidado para não se tornar um alienado da rede. Escrevia, gostava de escrever muito, mas não só na Internet. Mas não deixava de fazer as coisas de que sempre gostou. Seu passeio diário até o Parque da Redenção, para ver seus amigos patos selvagens e a Usina do Gasômetro, era sagrado. Não iria abrir mão das coisas que adorava fazer só para ficar na frente do computador.

Ele acabou conhecendo(sic), encontrando algumas águias super interessantes pela net. Muitas candidatas à carreira de escritoras e poetas. Recebia mensagens, fotos, poemas, contos, letras de músicas e até textos inteiros de livros, pela Internet. Lia tudo e respondia. Às vezes fazia comentários críticos, elogios ou, em alguns casos, nem comentava nada. Às vezes se deparava com alguma coisa boa, mas na maioria das vezes aparecia muito lixo, muita coisa fake.

Mas o que mais deixava o herói intrigado com a Internet eram os inumeráveis montes de lixo que recebia pela rede. Recebia e deletava tudo. Vez ou outra aparecia muitas mensagens legais. Uma das coisas que ele sacou e gostou logo na net foi a idéia de que a Internet, apesar de ter muita coisa ruim, muito lixo, ela era uma das maiores invenções da pós-modernidade. Isso era muito legal e tinha seu lado bom. Pois a net aproxima pessoas e faz renascer uma coisa já quase extinta há muito tempo. A solidariedade. Através da rede os seres estão se tornando mais solidários e unidos em prol de muitas causas. Através dela é possível fazer muitas denúncias, apelos, amizades, encontrar soluções para muitos problemas com ajuda mútua, divulgar idéias e tantas coisas que possam melhorar o destino do planeta azul.

Isso deixava o herói mais entusiasmado e via alguma luz no fim do túnel do destino dos habitantes de seu planeta. Ele chegava a defender a Internet, o lado bom da net,

como a segunda maior invenção da raça humana. A primeira foi a roda, defendia sempre. Além de ser um grande veículo de comunicação democrático, é claro.

De modos que o herói vivia sempre em estado de devaneio, apesar de seu ceticismo em relação ao destino da raça humana, da sua própria espécie e do seu planeta. Acreditava que o que mais importava no mundo era ser feliz. Era saber ser feliz. Claro que ele sabia que ser feliz dependia de muitos fatores. A questão social do seu reino era um deles. Ele sabia e tinha certeza de que não era possível encontrar a felicidade em todas as águias, pois ser feliz requer uma certa dose de condições sociais que possa permitir a felicidade de todos. E isso em seu reino não existia. Para falar a verdade nem chegava a passar por perto, para muitas águias da grande massa. Mesmo assim ele, que quando veio a esse mundo já encontrara tudo o que está aí do jeito que está, procurava ser feliz o máximo possível que podia. Em sua cabeça ele via muita coisa errada, chegava até interferir no que estava ao seu alcance, mas sabia que não podia fazer muita coisa. Sem egoísmo nenhum, procurava fazer somente coisas que não atrapalhasse e contribuísse para a degeneração do seu planeta. Tentava sempre fazer a coisa certa, em tudo que fazia. Uma das suas maiores preocupações, além da questão crucial social que levava à morte milhares de seres de seu planeta, era o problema seríssimo da ecologia. Ele aprendera desde muito cedo que os humanos não se preocupam com o destino e futuro de seu planeta e muito menos com a preservação da sua espécie. Destroem tudo sem o menor pudor. São tão individualistas e egoístas que vão metendo o trator e motosserras em qualquer lugar e destruindo tudo sem ao menos pedir permissão, licença a ninguém.

O herói sabe que pode fazer muito pouco, a não ser unir-se às pessoas, aos benfeitores da humanidade em prol de

grandes causas que lutam para a preservação do planeta, porque quando chegou a este planeta, quando a casca de seu ovo foi quebrada, muitas desgraças, muitas atrocidades e barbáries já haviam sido cometidas pelos humanos contra o meio ambiente e contra a própria espécie humana; sem falar da extinção de várias espécies de animais e plantas pelos habitantes do planeta azul.

Crazy Dick lamentava muito e sempre ficava muito triste depois que conheceu aquele poeta que estava sendo pintado numa tela a óleo lá no Bar João, pela águia pintor vagabundo, Abreu Fabricci, lembram-se o nome do poeta? Le Pepe Maggi. Ah, agora lembraram? O tal poetinha, que fizera amizade no bar com o herói e sua inseparável namoradinha Pank Rapunzel, contara sobre sua infância e sobre o absurdo que os humanos havia feito, em nome da porra do progresso e de muita grana. A destruição das lindas Sete Quedas que existiam na cidade histórica de Guaíra, onde ele havia passado sua infância, foi acompanhada e narrada pelo poetinha maldito. Le Pepe Maggi narrou o fato, o desaparecimento das lindas e inesquecíveis Sete Quedas poeticamente dizendo que “Fotografia em preto & branco é muito mais arte. Cansei de ser herói. Quero ser anti-herói. Já fui quase tudo na vida. Hoje, sou ex-tudo. De estudante a professor. Mambembei por toda parte procurando o caminho da arte. Nasci num dezenove de fevereiro. O signo de aquário me fez poeta maldito. Conheço as cinco regiões da Bruzundanga. Passei minha infância brincando sozinho no Parque das Sete Quedas que um dia existiu. Inventava historinhas de dragão que comia gente. Mas tudo na vida passa. O tempo passou rapidamente. A história mudou. A natureza perdeu a luta na batalha contra o homem. O dragão foi derrotado. Um dia, depois de uma longa aventura pelo planeta, voltei para rever meu cenário. Tive um puta susto: o que

era meu, o que a natureza criou, o homem destruiu. Pior, destruiu sem pedir licença para ninguém. Onde estão as lindas Sete Quedas da minha infância? O bicho homem destruiu. Isso é triste e imperdoável. ‘Vou ser poeta maldito’, pensei. Vou escrever sobre esse bicho ridículo que é o homem. Esse bicho que não respeita nada”. Le Pepe Maggi contava sua história e chegava a vermelhar os olhos, olhos de águia arisca e meio arredia com a espécie humana.

O herói que já era cabreiro com tudo que o cercava, ouvindo histórias de outras águias mais velhas, como essa do poetinha, confirmava ainda mais sua desconfiança com o mundo em que vivia, principalmente o mundo dos humanos. Seu ceticismo em relação a outros seres, outras espécies aguçava cada vez mais sua desconfiança e sua esperança de ver um planeta feliz, harmônico, era cada vez mais desoladora. Não que ele fosse uma águia pessimista em relação a tudo. Nada disso. O problema era a realidade e atrocidades que a raça, a espécie que controla o planeta Terra apresentava. Ele via e percebia coisas que realmente eram preocupantes para a preservação a longo prazo. A destruição da natureza e a condição social das inúmeras águias de seu reino e de todos os reinos pobres do planeta eram coisas muito tristes que o herói via com muita preocupação e infelizmente ele não podia fazer nada a respeito. Tudo isso levava o herói a refletir sobre muita coisa e o deixava numa sinuca sem saber o que fazer. Ele tinha tudo para ser feliz e na real era isso que ele queria para si e para todos os seres que habitam esse planeta. Mas sabendo de tantas injustiças e coisas erradas, mesmo querendo, não dava para ser feliz como queria. Como é que alguém poder ser totalmente feliz se sabe da existência de muitos seres infelizes? Definitivamente não dava.

O herói refletiu, refletiu muito e tomou uma decisão. Sua vida mudaria, daria uma guinada. Não iria desistir de tudo que fazia, mas iria tentar fazer outras coisas. E uma delas já estava decidida. Vamos ver o que esperava pelo nosso herói. Ou o que ele tinha em mente. Vamos para o próximo e último capítulo, deste volume, é claro, seguir os passos do herói. Ah, então isso quer dizer que a estória terá continuação? Sei lá, vamos aguardar para ver o que acontece. Nem sabemos ainda o que Crazy Dick vai aprontar no último capítulo. Só posso garantir que será um super e longo surpreendente capítulo. Um recado para os leitores e leitoras fiéis. Tentem acompanhar os passos do herói, seja lá onde ele estiver. Pode ser que ele até mude de reino, nação e continente. Todo mundo já o conhece bem e sabe que ele tem sua marca registrada de irreverente e rebelde, além de muito cabreiro com muita coisa. Com tudo, para ser mais exato. Não o percam de vista. Notícias ele dará, seja lá onde ele se meter. Podem ficar sossegados. Mas não o percam de vista. Cobrem da editora o seu retorno. Ou do próprio autor aqui. Não esqueçam do e.mail no final do livro. Até lá, então.

Super Capítulo Vinte

O que será que o maluco do crazy dick vai inventar dessa vez? aposto como os leitores e leitoras mais apressadinhos estão doidos para descobrirem o que ele vai aprontar. Afinal, muitas dicas foram jogadas no ar aí para trás. não esqueçam que ele é imprevisível, tem talento, quer dizer, ninguém sabe ainda. Ninguém nem imagina do que ele é capaz de fazer. Existem três coisas que ele pode aprontar. Começar a escrever, dedicar-se com afinco à carreira de músico ou romper seu namoro com a maluquete e yahoo pank rapunzel. Qual das alternativas que os leitores e leitoras chutariam? Mas não esqueçam que ele tem outra namoradinha. Virtual, é claro. Vamos lá acompanhar as peraltices do herói. Ah, uma novidade. O herói está em novo endereço. Ele trocou seu aconchegante apartamento do centro por uma casa ampla, super moderna, quintal grande onde ele começou a criar coelhos. Águia e coelhos soltos num quintal enorme. Muitos pássaros soltos aparecem por lá. Até um gavião. Ave do seu reino e espécie. A casa fica numa alameda toda arborizada e sem saída, próxima da sua universidade. Parece que até rolou umas festinhas com bandas de blues por lá. Até a pank rapunzel já montou camping por lá. O que será que vai rolar?

um dia chuvoso, mais uma vez

“hello, baby, how are you? estou curtindo bo diddley. o cara é muito foda. bom, baby, acabei de receber sua mensagem. está com alguns dias de atraso. adorei. você é uma águia bluesgirl foda pra caralho. prodígia! quando eu for gravar um cd, você será minha convidada de honra. vai ensaiando uma voz feminina numa música das águias velhas virgens ou faça uma letra para o seu timbre de voz. baby, faltam apenas oito dias para eu zarpar com minha namorada, a pank, meio punk, rapunzel, para um reino conhecido como nordeste bruzundaguense. quando voltar da cidade do famoso e temido “braço de prata”, embarco para os states. vou fazer essa trip com muito tesão. muita loucura. muita pira. gostaria de levar duas pessoas comigo: uma ninfeta de 16 aninhos, muito esperta e inteligente, amiga da minha namorada, além dela que já se auto escalou para ir, e who more? you, baby! yeah, i’m sure. you, baby. porque é meio difícil e meio foda também encontrar uma ninfeta super esperta e inteligente como você, e, principalmente que já curte blues como gente grande, com essa idade. só conheço três pessoas que curtem jonny lang. a pank, a amiga dela e você. duas ninfetas e minha namorada, que aliás é surpreendente.

ah, acho que poderemos um dia desses nos trombar por aí. pois sou viajante solitário inveterado. já fui beat sem a beat generation sequer ter existido no brazuca. também quero fazer uma trip around the world. and when somebody to ask: “hey cara. what are you doing?” i will answer: “ i’m in lazy around, man”. because i’m a lazy, i’m crazy, baby. because the life is one way. eu até fiz um poeminha about this, baby. mary jane, you need, you must to hear, to listen my good friend bo diddley to sing with his voice full of slang and very happy, “i’m bad”. my poem call: “crazy”. would you like to know it? (nesse momento o velhão bo está mandando ver em “i’m bad”, não se meta comigo, querida.) ainda gravo esse blues. verá. então, eu dizia, misturando inglês com tupiniquim, que..., ah, lembrei, é que ouvindo o velhão eu costumo viajar mais na música do cara e esqueço o que estou fazendo. o poema. crazy. acho que era isso que eu queria dizer e escrever. então vai lá.(depois, se sobrar tempo, pois preciso sair daqui a pouco para ir a um jantar, festa, missa e coisas do tipo. compromisso inadiável. puramente protocolo social; te conto sobre o livro viajante solitário de uma águia-escritor chamada jack kerouac). acho que vou parar por aqui. a safada da amiga da pank rapunzel acabou de chegar e já foi intimando um cd do jeff beck. bye baby. depois da party te conto o que rolou. vou à missa agora. acho que vou só para ver qual é que é. nunca fui à missa. sempre há tempo para tudo.

hello. i'm back. i arrived. acabei de me levantar agora. 12h10, pm. voltei de uma poor party, discoteca, às 4h30. às 9h levantei para dar um mix. em seguida, apareceram duas mulheres agentes de saúde. “bom dia, meu rapaz. somos da saúde pública e estamos fazendo uma visita para saber se há algum vaso ou objeto com água parada. é uma campanha preventiva contra o mosquito da dengue”. “não, não, minhas senhoras. aqui não há nada que atraia qualquer foco do famoso mosquitinho da dengue. não tenho nenhum vaso de flores. nothing. nothing. don't worry.” “como é que é? não entendi nada”. “deixa pra lá, minha senhora. é que estou tentando dormir e não consigo. mas está tudo ok. sou protegido contra transmissores da dengue e qualquer tipo de mosquito. se é que as senhoras me entendem. aliás, para falar a verdade, nunca ouvi falar de nenhum caso dessa doença aqui na minha wonderful city”. elas ficaram meio cabreiras. olharam uma para a outra com olhares de desconfiança e incredulidade. fizeram caras de desconfiadas e devem ter pensado: “encontramos cada louco por aí”. preencheram um papel, ainda com ar de assustadas, e me entregaram pela janela do quarto e sumiram. achei a cena curiosa e um tanto meio patética. moro numa cidade tipicamente de primeiro mundo. tudo funciona direitinho. parece até que nem moro no brazuca, um reino de terceiro mundo. só que moro no sul do reino. acho que é por causa da colonização européia. águias italianas e alemãs. tudo funciona como num reino de primeiro mundo.

voltei e tenho uma porção de piras para te contar. primeiro vou terminar o que eu tinha começado ontem. o que era mesmo que eu estava escrevendo? deixe-me ver. poema crazy. livro viajante solitário do jack kerouac. jantar de homenagem para mim. missa.(que eu acabei não indo. pois estava muito atrasado) e noitada numa discoteca cheia de patricinhas cocôs. preferia mil vezes ficar em minha casa ouvindo o velhão cantar “they call me bo diddley. então vamos pela ordem. para começar odeio paparicações, homenagens e outros tipos de puxa-saquismos. o jantar era um desses tipos de eventos. com derramação de confetes para os destaques do ano. ainda não descobri quem foi o whitless, imbecil, que sugeriu meu nome para essa homenagem fake. só sei que fui lá para ver qual é que era. fui sozinho. a pank estava desfilando, trabalhando. um bando de idiotas tentando massagear o ego de outras águias para serem notícias no meio da elite. puro interesse. o jantar começava às vinte, a meio de muitas badalações, discursos e outras bobajadas. cheguei às 22h10, depois, bem depois que chamaram meu nome para entrega de uma placa condecorativa. o jantar já estava no final. entrei e me senti uma cucaracha perdidona. fui cumprimentado por todo mundo, cada um querendo aparecer mais que o outro e com seus trajes tipicamente de festa, formatura, fim de ano, felicidade etc. águias. muitas águias fêmeas bonitas, diga-se de passagem. todas dondocas. cada uma tentando dar o máximo de si para parecerem o mais possível atraentes. águias bonitas dando olhadas maliciosas na frente dos namorados, noivos ou

maridos. fora as solteiras solitárias à procura de um bom partido para passarem a noite toda e o resto da vida, se possível, acompanhadas. fingi que não via nada. preferi ignorar tudo e a todos e concentrar minha atenção no meu próprio umbigo narcisista. sempre gosto de ser egocêntrico e me fazer de arrogante em eventos dessa natureza. mal sabiam eles que o queridinho deles (“olha ali o crazy dick. oi, crazy dick! nossa como você está bonito! você está sozinho?”) (“é. é isso aí. ”) estava muito na minha e com o velho bo diddley martelando na cabeça. “talking. walking”. todo de preto. até a gravata era preta e um par de óculos escuros, mesmo sendo noite, eu parecia um astro de cinema. sentei-me com duas águias-patricinhas do meu curso de música da universidade que eram pura pose e tentavam me animar a qualquer custo. chegaram a oferecerem-se para ir à discoteca comigo. jantei uma comida fria e horrorosa. como não como carne vermelha e o prato do dia era porco no rolete e churrasco, comi só salada e dei no pé. na saída fui rodeado por uma meia dúzia de imbecis. acho que eram os organizadores e patrocinadores do jantar. entregaram-me um estojo azul coberto de seda com uma placa de prata com uma homenagem. aluno destaque não sei de que, parece que era isso. li a parada e me senti um imbecil como eles. pensei: “quando chegar em casa joga essa merda no cesto de lixo. não deu outra.(fico só imaginando o dia em que este texto for publicado em livro e um desses idiotas lerem o livro. vão me xingar de traidor e mal-agradecido. “aí, galera, estou pagando da cara de vocês”). fui para casa e mandei ver num

cd do jeff beck. eu, o meu colega de sala rodrigo, sua namoradinha, que nem sei o nome, só sei que é bem bonitinha, gostosa e meio patricinha, mas é ou está ficando doida, que só ficava olhando para mim e rindo feito uma adolescentezinha que acaba de perder a virgindade e gostou muito; e mais uma outra águia que não estou lembrando agora quem era. ah, lembrei. era o rafael, do curso de mecatrônica, ou pranchita, apelido homônimo da sua cidade. combinei com o poltrão do rodrigo para nos encontrarmos na tal da discoteca. ita's drink era o nome da porcaria. ainda não descobri o que o ita's quer dizer. drink da ita? que porra é essa? bebida do navio? ou bebida da pedra? só pode ser isso. seja lá o que for, só sei que o safado só apareceu na parada lá pelas 2h. fiquei muito puto da cara. já fui dizendo que ele era muito poltrão. pois apareceram duasinhas que estavam muito a fim de esticar o agito até minha casa ou na delas, sei lá. o cara parecia que já estava pra lá de bagdá ou marrakesh. foi logo dando o fora e nem deu bola para as figuras. as beldades que já me conheciam, sem que eu as conhecesse, diante da falta de interesse do meu amigo poltrão, foi logo dando telefone e marcando um encontro para o dia seguinte. nem sei onde botei o número do telefone que elas me entregaram. provavelmente nem me lembraria delas no dia seguinte. e para falar a verdade nem estava interessado. lembrei da minha pank na hora. então, adeus princesas. quando saímos à noite, tudo é possível acontecer. na noite tudo acontece sem que a gente precisa se esforçar muito. a noite é a melhor amiga, como diria um

roqueiro baiano. vamos ver o que vai rolar. a noite prometia muito. muitas águias lindas e produzidas. cada uma tentando o máximo para fazer a melhor performance e atrair a atenção e o coração de algum príncipe inocente e donzelo como eu. caí fora o mais rápido que pude. sou protegido contra o mosquito da dengue, que nunca apareceu por aqui, mas sou presa fácil para águias-lobas sedentas de emoções e outros desejos voluptuosos. caras inocentes como eu correm o risco de se meterem com emoções prazerosas numa noite de muito agito. atenção: mantenha-se à distância. há perigo de envolvimento libidinoso na noite. não sou seminarista mas prefiro não correr o risco. ainda não fui vacinado contra olhares e sentimentos carentes e curiosos. prefiro ficar na minha. sempre há muitos coraçõezinhos selvagens como o meu. todo cuidado é pouco. o anjinho da flecha do cupido mora bem ali na esquina. não pretendo encará-lo tão cedo. fui para casa. meu ninho já estava quentinho. é por isso que adoro minha pank.

falta falar do livro do kerouac e do meu poema. primeiro o livro. sabia que o cara sentou com um rolo de papel de telex numa velha facit e escreveu o livro viajante solitário em apenas três noites e três dias? desculpe. viajei. não foi o livro acima e sim “os subterrâneos”. não sei se você já leu, do mesmo autor, que morreu super novo aos 46, o livro “on the road”. em português lançaram com o singelo nome de “pé na estrada”. vale a pena ler. A água-tradutor que traduziu o livro, um ex-andarilho, parece que ficou meio famoso e cheio de grana. isso é que eu chamo de sorte e

oportunismo. agora, sobre o meu poema crazy, acho melhor tirar uma cópia e te enviar via net mesmo. é mais cômodo. e já estou quase voltando para meu ninho de novo para mais uma sonequinha gostosa da tarde. só espero que não apareça ninguém para me acordar novamente como as mulheres da prevenção da dengue. quando acordar, se tiver mais alguma coisa para escrever eu termino, se não tiver, paro por aqui. só quero lembrar que o nome da águia-escritor do reino brazuca muito doido é roberto freire, autor dos livros “ame e dê vexame”, “cléo e daniel”, “ sem tesão não há solução”, “viva eu, viva tu e viva o rabo do tatu”, entre outros. e rita era o nome de uma águia-vampirinha, super esperta que tentou uma investida, em vão, contra mim, em pleno campus da universidade. ah, essas fêmeas inteligentes são demais! abusam dos inocentes como nós poetas, cantores, escritores e artistas em geral. mesmo assim eu gosto e sou grato a elas. um beijo na testa e um cheiro de leve na orelha com uma pitadinha de malícia, para uma ainda quase ninfeta esperta como você. pra variar, hoje chove torrencialmente. você ainda não falou como me imagina. até mais. daqui do sul do mundo, com muito carinho, do seu poeta meio maldito e quase vampiro, águia-vampiro”. crazy dick.

ps.: ah, a namoradinha do rodrigo, que veio aqui na sexta-feira à noite depois do famoso jantar frio de homenagem, ouvir um cd do jeff beck, chama-se dinorah. ela apareceu por aqui sozinha no sábado à noite. como sou totalmente sossegado e sem malícia, não descobri o que ela

**queria, apesar de ter se sentado na minha cama e ficar sorrindo o tempo todo para mim. mas que ela é bonitinha pra caralho, ah isso ela é. namorada de amigo. por que será que elas sempre nos provocam? quando ela voltar aqui de novo vou ver o que digo a ela e o que posso fazer. afinal, não sou seminarista. tomara que a minha pank não entre numas de ciúmes. acho que ela é inteligente e sabe segurar a barra. ainda bem. o dia hoje está chuvoso, mais uma vez”.
crazy dick, via net.**

ela, a dona fulana

“olá, senhorita mary jane. o que acha de eu atacar de deus baco, dionísio? o deus do prazer máximo! do vinho e bacanal? o sol aqui está de rachar o lombo e o coco de quem atrave-se a andar por aí, numa tarde de segunda-feira brava. o sol daqui parece o sol do mediterrâneo. a vantagem de ser uma águia-escritor é que somos escravos intelectuais e temos o privilégio de poder ficar na boa, na sombra com água fresca escrevendo nossas piras. tenho um pouco de pena das águias-escravos que fazem outros

tipos de atividades e têm que andar por aí nesse sol escaldante se fodendo pra caralho,(desculpa aí, leitores, é que estou no reino das águias e aqui é super natural escrever e falar essas palavras. sem dizer que estamos entrando no século xxi. não se surpreendam; daqui para frente escreverei sempre tais palavrinhas) feito burros de carga. o animal burro sofre bem mais do que o animal, a ave águia. se bem que...deixa pra lá. mas nem todos podem ser águias-escravos intelectuais. o mundo precisa também do senso comum.

as praias da costa bruzundanguense devem estar fervendo. já visitei e curti muitas praias, muitos lugares lindos e gostosos neste verão escaldante sulamericano. águias como eu adoram praias. não são só as gaivotas. por falar em gaivotas, existe também uma fábula em que as gaivotas são como eu, personagens de uma fábula. o livro chama-se “fernão capello gaivota”. adorei o filme homônimo sobre o mesmo livro.

o reino chamado brazuca é realmente um país, um reino abençoado e bonito por natureza. todo mundo vem para cá. a galera, as águias, mais cabeça e endinheirada do norte do continente e da europa inteira prefere vir para cá nesta época do ano, para fugir do horrendo frio abaixo de zero. cruzei muitas águias-gringos e gringas, é claro, por toda parte em que passei. em salvador, a cidade mais famosa do reino brazuca lá fora, curti uma de gringo. depois vou escrever um conto sobre essa cidade muito crazy. crazy como meu nome. principalmente sobre a festa de réveillon, onde fui ludibriado por duas águias fakes chamadas juliana rose e julce ferraro ou ferrero,

as tais organizadoras da famosa party. o sobrenome de uma delas combina bem com o tipo de pessoa que é. ferraro. ferrero. tanto faz. é uma fake que só quer ferrar a galera de turistas e até alguns soteropolitanos. eu fui um deles. turistão, uma águia-turista parecendo águia-gringa, caí feito pato no golpe das tais fulaninhas. a festa de réveillon que aconteceu num forte chamado são diogo, o primeiro do reino, acho, que era para ser a melhor da cidade para comemorar a passagem do milênio, foi a festa mais fake que já vi. paguei caro pelo fake. mas não dá nada. elas não perdem por esperar. até a águia-cineasta f.f. copolla parece que estava por lá. a fatura pelo fake sairá cara para elas.

minhas melenas, ou peninhas da cabeça e aparência de águia-guerreiro e galdério gaúcho ajudaram a passar por gringo. longos e lindos, meus cabelos, vou chamar minhas penas de cabelo, igual de humanos, são minha espécie de fetiche. meu álibi. meu amuleto. como a cidade da águia-poeta maldito gregório de matos, o boca do inferno, é uma cidade tipicamente turística, ficou mais fácil para tirar uma onda de gringo. e porque me safo em inglês e espanhol muito bem, evidentemente. mas já passei a tesoura nas minhas melenas, só um pouco, é claro, depois que voltei. aliás, só voltei para fazer isso que estou fazendo agora. para escrever muito. escrever e ler um bocado de livros. como quero ir para um doutorado depois que terminar meu curso, pretendo ler pelo menos uns oitenta ou mais livros este ano. aliás,(adoro e uso pacas a palavra aliás. será que existe outra com o mesmo grau?) minha premissa é ler uns cem livros por ano, nos

próximos anos, até terminar minha livre-docência. eu disse premissa e alguma águia-leitor mais atento deve ter pensado: 'será que entendi direito?'. confirmo. é isso mesmo. minha premissa, objetivo maior. porque todas as águias são mortais. eu sou águia, logo sou mortal é a conclusão filosófica que não tem saída. mas como sou bom estudioso da filosofia, pode ser que até vire uma águia-filósofo um dia, tenho minhas conclusões e partilho minhas idéias com outros conceitos. meu guru atrevido, pirado, incompreendido, injustiçado, chapado, apavorante, inteligente, muito foda pra caralho, e, acima de tudo, só valorizado fora de seu reino, país, eua.,(os yankees são uns imbecis de carteirinha, nem todos é claro) a águia-escritor dirty-old-man, charles bukowski tem uma tese muito boa. vou devassá-lo, estudá-lo e homenageá-lo em minha tese de doutorado ou livre-docência em havard, ou new york, um dia, sobre a 'influência da pós-modernidade na literatura norteamericana'. o velho e maldito bukowski, que, com certeza iria gostar muito da minha homenagem, com justiça, bem entendido, o velhão tinha um conceito filosófico sobre a vida muito convincente. ele afirmava categoricamente que só há duas saídas para as águias e o ser humano: a morte ou a loucura. eu concordo plenamente. daqui para frente, mesmo sendo uma águia-escritor e escrevendo sobre o reino das águias e de outros reinos, vou escrever e me reportar como se fosse uma águia do reino dos humanos. cuidado para não me confundirem com o autor do livro que está escrevendo sobre nós águias. como sou uma águia-escritor pós-moderno, posso me dar ao

luxo de escrever sobre o reino dos humanos, ou não posso? prestem atenção. muitos leitores desavisados e dorminhocos vão pensar que sou o autor do livro que está sendo escrito, mas não é nada disso. não tenho nada a ver com o escritor humano maggiar villar, que por sinal foi quem me criou. sou o herói da estória dele. e dentro daquela sou uma águia que virou escritor. agradeço muito a ele por ter reservado um futuro como esse. se não fosse escritor, não sei e nem gostaria de pensar no que seria. apesar de estudar música e até saber tocar guitarra e harmônica bem. decidi que minha praia seria a literatura. pós-moderna, é claro. obrigado aí, maggiar. te devo essa! valeu aí, brother! valeu mesmo.

valeu, aí, galera da l&pm pelo lindo livro pulp. adorei a capa e a editoração. precisamos conversar. concordo em gênero, número e grau com a águia-escritor americano charles bukowski sobre seu conceito filosófico. mas faço questão de acrescentar mais uma saída. uma espécie de “escape”, um blefe, ou paliativo para aliviar e até retardar um pouco a nóia de ter que enfrentar o fim, a dona morte, que ele criou como personagem de seu último livro, “pulp”, que foi publicado apenas uma semana antes de seu encontro com a fulana citada. minha pira acerca do fim de todos os mortais é que há um paliativo para enganar a fulana que tem um encontro certo marcado com todos nós. só que para conseguir esse paliativo e retardar o encontro fatal é um bocado difícil e poucos podem conseguir. eu e muitas águias estamos perto de conseguir esse antídoto provisório. que fissura que o leitor não deve estar para saber logo o que é. calma, galera! uma das

armas, um dos caminhos para se conquistar o tal paliativo é justamente ter muita paciência e stress zerado. toma lá, então. é o caminho do zen. antes de se chegar à loucura plena, total, para o sujeito não ver e perceber a dona fulana de tal chegar de mansinho e dizer: 'hey, cara. venha cá, baby. lets go. chegou sua hora. vamos dar uma voltinha por aí. vamos dar uma volta por lugares desconhecidos. aposto que a curiosidade de todo mundo é super grande para saber que lugares são esses. algumas águias e pessoas também, mais curiosas nem esperam por mim e vão ao meu encontro antes. metem um tiro de pistola 365, ou magnus 45, na cabeça ou usam outros meios de apressarem a partida ao meu encontro. não posso fazer nada por essas figuras curiosas. apenas pergunto: 'mas já, cara?'. ainda não tinha chegado a hora do sujeito, mas ele ou ela se anteciparam. de maneira que não posso fazer mais nada', respondia a dona fulaninha. então, descobri que atingindo o zen, existem muitos tipos de zen, você nem perceberá e sentirá o encontro com a nossa mensageira. talvez você nem a veja. pode até transcender de um plano astral para outro sem perceber nada. pelo menos é o que espero. mas antes pretendo fazer tudo que intenciono. afinal, só morre quem pensa ter alcançado o que busca. assim falou a. ginsberg. só assim você pode evitar um encontro mais traumatizante, mais sofrido. pode ter certeza de que uma águia, um monge zen-budista ou seja lá o que for, nunca pensa na dona fulaninha. não é necessário que seja o zen budismo, para não virar fanatismo, religião. basta apenas o sujeito fazer como faço. ficar muito numa nice sem esquentar a

cabeça com porra nenhuma. ouvir muito blues, jazz e clássica. inclusive nunca deve pensar na dona fulana que tem um encontro certo com você, antes ou depois da loucura. muitos malucos tentam encontrar o estágio da loucura por vários canais. uns são até natureba, assim como eu. estão quase no nível do vegetal. só falta o santo daime. outros mandam ver na marijuana ou maryjane. mas sempre há os whitless, idiotas, imbecis, burros, os poltrões mesmo, que apelam para drogas pesadas como cocaína, ácido, heroína, álcool e um monte de porcariada, só para ficar doidões por algumas horas. para terem fantasias desconhecidas. experiências da metafísica. do desconhecido. uns acabam encontrando a dona fulana pela frente. Calma, galera! pega leve. vai na boa aí. tem lugar no planeta para todo mundo. vamos curtir numa boa. num zen total. é isso aí. procurar fazer somente coisas que lhes dêem muito prazer. amar tudo, com muita intensidade, que te rodeia. não sair por aí, feito uma porralouca, procurando o que não perdeu. procurar não estressar com nada. não ter pressa para nada. viver numa boa a vida inteira. pressa para quê? para encontrar a dona fulana? não há saída. um dia todos terão um encontro com ela. não precisa pressa. o negócio é fazer tudo que tiver vontade, com cuidado, é claro. procurar entender tudo que existe no planeta, sem questionar, menos as atrocidades erradas, mesmo que não concorde. deixa pra lá. a águia ilma quinta pequena mota, uma águia-professora competente e meio brava, que conheci e fiquei na sua casa em aracaju, vai dizer: 'deixa pra lá, uma porra!'. eta águia-fêmea arretada!. tente entender tudo que existe no

planeta e vá levando sua vidinha na boa e à toa, de preferência sem preocupação alguma, que você chega lá. o importante é ser feliz. e ser feliz é estar contente com o que tem. ou não?

depois vou contar um lance que minha amiga águia úrsula maior e sua namoradinha, que conheço, muito linda por sinal, mas não me lembro o nome, ah, lembrei, é a águia yana, (aí, heim, yana!? surpreendendo todo mundo? até eu?) me contou sobre o namoro delas. achei o máximo! elas, que eram amigas e parceiras de palco em shows de mpb e algum blues ou jazz, águia também canta, ficaram tão ligadas uma na outra que transcenderam do plano material e curtem, vivem uma coisa, um sentimento espiritual. não é amor, tesão. amor de cama. fantasia sexual, lesbianismo e coisas do tipo. o lance delas é totalmente espiritual. é um lance zen mesmo. coisa, ligação de vidas passadas. nesse papo de amor, de sentimento não existe definição de sexo, cor, raça, classe social e outras paradas. cada um curte o que gosta. eu por exemplo, curto sexo somente com parceiras hétero. águias-fêmeas, humanas, principalmente as princesas inteligentes e bonitas. apesar de que às vezes, sou meio onanista, para satisfazer meu narcisismo. o lance da minha amiga úrsula maior, que canta muito bem, com sua amiga, que é linda, sempre fui meio a fim de dar umas bicotadas, uns beijos naquela boca linda e um grau nela, é uma amizade, uma curtição de outras encarnações passadas. é um feeling como o que eu sentia pelo meu coelho kiko, que não era poltrão e nem nada e que algum veado, puto mesmo, roubou para fazer picadinho ou um assado do pobrezinho,

enquanto eu viajava para o reino de são paulo, no final do ano passado. águias também adoram criar bichos de estimação. mas soltos e felizes no quintal. baby, sobre esse reino chamado sampa, que é um apavoro, escrevi umas linhas, mas acabei não enviando. leia em seguida, depois deste.

como sou uma águia-escritor solteiro, independente e moro sozinho numa casa razoável e tenho um quintal bem grande e cercado, muito melhor que o apartamento, bem diferente da casa dos meus pais, que não tem muros, lembram da manção dos bravos, mamãe-águia linda e papai-águia mr. bravo? vez ou outra eles e a minha irmã bamby, que está bem casada, com uma águia rica, como ela sempre sonhou, e mora em curitiba, uma das mais lindas e organizadas e cocôs cidades do meu reino, vêm aqui me visitar. é, porque escritor não gosta muito de sair de casa. não vou falar mais do meu amigo-coelho porque já escrevi algumas linhas sobre o pobrezinho em outro conto que escrevi e não te enviei ainda. como você é minha namoradilha-águia virtual, vou te enviar agora. Aliás, só escrevo para leitoras como você e a minha pank meio punk. mas vou sempre citar meu rabbit quando pintar uma oportunidade. não. pensando bem, acho que ainda vou falar dele neste conto. adeus!, kiko. sempre me lembrarei de você. adeus!

cheguei a oferecer-me como a terceira peça que forma o tripé de uma homenagem a três. só insinuei e ela, a minha amiga-águia úrsula maior, inteligentemente, ficou de pensar no assunto. pode demorar até seis anos que não me importo. acho que pode rolar. se não rolar, beleza. não dá nada.

como sou uma águia, e águias têm fama de ser uma ave perigosa, de rapina, muito cabreiro e meio malandro (atenção, galera; um dos livro que pretendo escrever e publicar chamar-se-á ‘eu sou malandro!’), autor crazy dick. leiam-o) e devasso mais ainda e totalmente zen, e não sou feio, sou uma águia até bem vistosa e charmosa, pelo menos é o que me dizem outras águias, principalmente a minha pank rapunzel, acho que vai dar rock. aguardemos para ver.

mas eu dizia que voltei da praia, depois de passar por tantos lugares paradisíacos, dionisíacos, como porto seguro. fiz até um poema para essa cidade, alguns anos atrás, quando viajava com a família dos bravos, bons tempos. o poema que se chama “alenquer”, está no meu primeiro livro intitulado “pandora”, que ainda pretendo editar. gostaria de ter ficado muito mais tempo na praia. principalmente na ilha do mel. não me lembro se já falei que fui homenageado com o nome de uma prainha lá. é. a galera mais cabeça, os idealistas, os anjos da ilha do mel liderados pela minha querida amiga-águia clair, a cher, resolveram me presentear com uma homenagem tão singela. botaram meu nome numa pequena e charmosíssima prainha no pé do morro do sabão. adorei a homenagem, é claro. além de ficar eternizado para sempre, a prainha com meu nome, a ‘prainha da águia-escritor crazy dick’, fica num lugar de difícil acesso. para se chegar até ela é preciso caminhar sobre as pedras que costeiam o mar. e isso facilita meu banho nudista. é o único lugar em que posso ficar super à vontade. totalmente peladaço. eu e algumas águias fêmeas e algumas lindas gaivotas que aparecem

por lá. obrigado cher. te devo essa. mas você conquistou seus quinze minutos de fama. aposto que algum jornal ou revista vão te entrevistar por causa da façanha. é isso aí, garota. queria ficar mais tempo na ilha, mas o teclado do meu computer me chama. a fama me chama. minha cota de vadiagem na praia já terminou. se bem que considero-me um eterno vagabundo. lembram por que o autor desta fábula queria colocar o nome de “lazy dick”, ao invés de “crazy dick” em mim? ele me achava muito lazy. pretendo ser vagabundo, lazy, o resto da vida. a palavra trabalho causa-me arrepios, calafrio. nunca aprendi a conjugar o verbo trabalhar. somente trepar e vagabundear. no bom sentido e sem fazer mal a ninguém, é claro. vagabundear é muito melhor. ‘hey man! what are you doing, man?’ ‘lazy around, man. i’m in lazy around, man! why?’ agora tenho que encarar o teclado de um pentium 300 todos os dias. mas só quando quero e tenho vontade. só que isso não é trabalho. é prazer puro. meu computer é meu camarada. convivemos muito numa nice. gosto tanto dele que se pudesse fazia amor com ele. metia nele. aliás, preciso arrumar um nome para ele. meu coelho, (não falei?) que não era poltrão, mas amigo pra caralho, chamava-se kiko. um nome meio fag mas foi meio de propósito. o kiko era meio andrógino como eu. avisa aí para os leitores do futuro que andrógino não significa bicha, não. nem hermafrodita. somente as plantas hermafroditas são meio andróginas. aí, galera, andrógino para mim, é não estar nem aí para porra nenhuma. é não ficar fissurado por uma, uma águia, uma guria, que às vezes nem te curte muito, como uma

fissura por um jeff beck. bob marley. janis joplin. maryjane, sacou? é isso aí. andrógino para mim, é ser como eu, uma águia zen que não se preocupa com nada. nem mesmo com sexo. se preocupar para quê? para entrar numa nóia como todo mundo que vive fissurado em sexo, dinheiro e outras cositas mas? não, não dá para pirar muito. estou fora!

a bíblia tem um personagem muito interessante. onan, não sei como se escreve. onan ou onã. deve ser onan mesmo. só sei que esse cara tem uma história muito interessante. conhece? o termo ononista, que psicanaliticamente pode ser explicado como um ato de não dividir o prazer sexual, o orgasmo com ninguém, me soa bem. é meio narciso. e eu gosto de ser uma águia narcisista. mas sem demonstrar. sei muito bem onde e quando devo ser um narciso. às vezes, faz bem para a alma. alma? águia tem alma? águia ou outro ser de qualquer reino tem alma? acho que isso é um sintoma de onanista.

and about you, baby? voltou quando da ilha do cardoso? não esqueça que você me deve uma viagem, um encontro numa ilha. pode ser na ilha do mel, superagui ou cardoso. você escolhe o lugar e a data. combinado? não deixe passar muito tempo. aproveite enquanto estou no reino brazuca. falando nisso? e a minha cidade emprestada, porto alegre? conhece-a? é muito lindinha. a águia-jornalista-cineasta arnaldo jabur pneus iria adorar. sei que o cara é super, hiper pós-moderno pra caralho. aí, jabur pneus, a gente se cruza por aí, falou cara? você é do meu time de defensores da pós-modernidade. valeu mesmo, cara! gosto particularmente dela. foi uma das minhas

escolhidas para passar uma temporada. na minha biografia vai aparecer: 'morou de tanto a tanto em porto alegre'. por que você não dá um pulinho aqui, antes de eu ir para floripa? começo meus estudos lá depois que terminar minha graduação. estou na maior expectativa para curtir as ondas em floripa. não as ondas do mar, que não sou surfista e nem nada; gosto mais de livros e patos selvagens, mas as ondas da pós-modernidade que vou enfrentar pela frente num doutorado em literatura e numa livre-docência, nos states. vou queimar alguns neurônios nos próximos anos. não faz mal. é para o bem da humanidade, do reino das águias e para o meu também. mas principalmente para o meu prazer. tenho muito tesão para estudar e mais ainda para escrever. meu reino e a humanidade precisam de gênios (sic) e de escritores.

defendo sempre uma tese (minha mesmo), em que classifico o reino das águias, a humanidade em classes. o mundo está cheio de comerciantes, mercantilistas. Noventa e nove por cento da humanidade são comerciantes. mercantilizam tudo. desde o amor até uma relação a dois. de uma rosa a um mandato político. para essa galera dos 99%, o amor é como uma mercadoria. e para se comercializar um produto, precisa-se de muito marketing. quando alguém fica com outro alguém, escolhe outro alguém, ela, o primeiro alguém, está fazendo um negócio. as duas partes estão fazendo um negócio lucrativo. como foi muito bem ilustrado pelo autor desta fábula lá atrás, lembram-se? está fazendo uma sociedade. analisando o que ela tem de valores. não só o financeiro. mas tudo que envolve a aprovação do seu gosto, do seu prazer. tudo que a

torna mais feliz. aí entra no negócio beleza, inteligência, dinheiro, poder, fama, status e mais uma lista de itens. lembram-se do bom negócio que meu pai e minha mãe, ela principalmente, fizeram no começo da fábula? e minha irmã, então?

costumo dizer que para alguém conquistar outra águia, pessoa e convencer aquela a viver, dividir o mesmo teto com ela, tem que ter cinco características. ou pelo menos uma delas. dinheiro, fama, beleza, inteligência ou exotismo. às vezes, mas muito raramente, a sorte também pode ajudar. como estou na fase de curtir mais as musas de balzac. musas de balzac, musas de crazy dick. o que você acha? dá um belo título de um conto. musas de balzac, musas de crazy dick. acho que vou escrever um conto com esse título. é. acho que vou mesmo.

quanto ao resto da humanidade, o um por cento restante, digo que aí se encontram os idealistas, as almas puras, os anjos, os escritores, poetas, os artistas puros e autênticos, as águias-escritores. os 'fakes, como a galera de mercenários, não vou citar o nome de ninguém aqui, por enquanto, mas no futuro detonarei todos os fakes que andam por aí numa boa, pousando de alguma coisa, os fakes não fazem parte da menor parte, isto é, do um por cento restante. dá só um grau no quadro. 99% são mercantilistas. apenas um, unzinho, por cento são idealistas. e ainda no meio destes achamos muitos fakes que citarei o nome num futuro bem próximo.

baby, diga aí. narre suas férias no meu litoral. dá um retorno. se preferir ligar, manda ver. meu little phone is: xxxxx. estou direto em casa. muito blues e altas piras no teclado, sem falar dos meus rabbits que estou adorando. águias adoram a companhia de outros seres, seres de outros reinos. ando curtindo

muito o little boy jonny lang. o garoto é foda pra caralho. lie to me. se puder, é claro. um beijo. você está ficando famosa junto comigo. aguarde e verá. a pank acabou de chegar. ainda bem”. crazy dick, via net.

Então...?

“no meio do barulho e da agitação, caminha tranqüilamente entre a inquietude e as pressas, pensando na paz que você pode encontrar no silêncio. procure viver em harmonia com as pessoas que estão ao seu redor, sem abrir mão da própria dignidade. fale a sua verdade clara e mansamente e ouça a verdade dos outros. eles também têm sua própria história. evite as pessoas agressivas e transtornadas, elas afligem o nosso espírito. não se compare aos demais. julgando-se superior ou inferior você se tornaria presunçoso e amargo. viva intensamente os seus ideais e o que você já pôde realizar. conserve o

interesse e o zelo pelo seu trabalho, por mais humilde que ele seja, ele é um verdadeiro tesouro na contínua mudança dos tempos. seja prudente em tudo o que fizer, pois o mundo está cheio de armadilhas, mas não fique cego para o bem que sempre existe. há muita gente lutando por nobres ideais e em toda parte, a vida está cheia de heroísmo. seja você mesmo e, principalmente, não simule afeição e não descreia do amor: mesmo diante de tanta aridez e desencanto, ele é perene como a relva. aceite com carinho os conselhos dos mais velhos e seja compreensivo com os impulsos inovadores da juventude. cultive a força do espírito, que o protegerá dos infortúnios e surpresas da sorte adversa, mas não se desespere com perigos imaginários: muitos temores nascem do cansaço e da solidão. e ao lado de uma disciplina saudável, seja gentil para consigo mesmo, conservando consigo uma imensa boa vontade. portanto, esteja em paz com deus, como quer que você o conceba, e quaisquer que sejam seus trabalhos e aspirações, na fatigante jornada da vida, mantenha-se em paz com sua própria alma. acima das falsidades, dos desencantos e agruras, o mundo ainda é bonito, seja prudente, faça tudo para ser feliz. você é filho do universo, irmão das estrelas e árvores, você merece estar aqui. e mesmo que você não possa perceber, a terra e o universo vão seguindo o seu destino.

então mary jane, viu aí o que são os mistérios da vida? isso é o que eu chamo de encontrar o caminho para o zen. o zen é apenas um estado em que você se encontra. não importa a religião, nem precisa existir nenhuma denominação de religião ou credo. na real, nem precisa existir ou deixar de existir algum tipo de credo. tudo é apenas uma reflexão de sabedoria e espiritualidade. ser feliz, seja lá de que forma for,

mas sem prejudicar ninguém ou algo, é o que importa. faça tudo para ser feliz e fazer alguém feliz. o resto, a natureza se encarrega de resolver. ela é a fonte de toda felicidade que buscamos. ainda bem!”
crazy dick, via net.

Fim do medo...

Medo. Quem diria que um dia seria possível sonhar com o seu fim? Que maravilha! Que mundo admirável...! Como é que são as coisas, heim? Como a informação pode ter a velocidade do som ou mais que isso, heim? Atualmente a informação é a chave do segredo do universo. Que bom, que maravilha que seria se a humanidade pudesse usar a informação e tudo que provém dela para o bem comum de todos e a busca da felicidade que todos almejamos e buscamos. Os leitores que vinham empolgados com as trilhas e labirintos do herói da nossa fábula devem estar

exaustos e mais pirados ainda com tanto devaneio do herói e estão mais de cara ainda com este autor. Calma aí, leitores meio preguiçosos, lazies e desatentos. Eu não disse lá no comecinho da fábula que entraríamos por labirintos desconhecidos e não alertei para não se perderem e procurarem ficar muito atentos na leitura de uma fábula pós-moderna? Aí está o resultado.

Afinal, o que é mais fácil de aceitar? A perda de alguma coisa ou a felicidade? O que é que acontece mais em nossas vidas, a perda ou a felicidade, os momentos felizes? É claro que todos nós estamos mais acostumados à regra. E a regra geral é a perda. A felicidade é a exceção. Por que a perda é a regra? Ora, porque estamos acostumados a perder sempre. É mais fácil aceitar a perda porque ela faz parte do nosso cotidiano, do nosso ser, da nossa essência de vida e mutação. Já a felicidade é raridade para a maioria dos seres. Ela é o que desejamos e buscamos mas dificilmente a encontramos, como gostaríamos de encontrá-la. Ela é o sonho de todo ser vivo. Mas sonho é apenas sonho que pode demorar para ser realizado.

Enquanto todos sonham com a felicidade, a perda é uma constante e inevitável realidade a que estamos habituados a vivenciá-la. E a perda, às vezes, é até necessária. Estamos acostumados tanto à perda que até já nem a percebemos mais. Todos os dias perdemos alguma coisa e nem lamentamos. E nem devemos mesmo lamentar certas coisas. Começamos a perder algo até mesmo antes de nascermos. Quando nascemos perdemos o conforto e a segurança do nosso lar. Quando o herói da nossa fábula quebrou a casca do ovo de onde ele veio, ele não lamentou a perda de tudo? Onde um bebê se sente mais seguro e

confortável, fora ou dentro do ventre de sua mãe? Quando nascemos e começamos a crescer começamos a perder muita coisa. A proteção diária materna, a infância, a adolescência, a liberdade, a juventude, o vigor físico, a beleza, a coragem, a companhia dos filhos, dos pais, dos irmãos, dos amigos e tantas outras coisas que perdemos constantemente. Por isso estamos mais acostumados às perdas.

Mas tem uma coisa que todo mundo tem medo de perder. Respondam rápido, sem raciocinar muito; o que é que temos mais medo de perder? Não. Quem respondeu que é a vida, errou feio. Sem querer acabou se lembrando da dona fulana. Deixa a dona fulana pra lá. O que nós temos mais medo de perder é o medo! É. É isso mesmo. Todos nós temos medo de não termos mais medo de nada. Sabem por quê? Simples. Porque ninguém vai ter coragem de brincar de deus. Já pensou se o ser humano tivesse coragem de brincar de deus? É, porque poder ele já tem. Já ouviram falar de pgh? Era a essa informação que me referi no começo deste parágrafo.

A velocidade da informação citada tem a ver com a maior descoberta do ser humano até hoje. Ganha da roda e de qualquer outra coisa. Talvez este seja o primeiro livro no mundo a citar o projeto genoma humano (pgh), antes mesmo dele, o pgh, ter sido publicado. Ele ainda sequer foi concluído, mas já foi anunciado aos quatro cantos do planeta como a maior descoberta do ser humano. Isso não é uma maravilha? A partir desse pgh agora é possível o ser maravilhoso dotado de raciocínio e sensibilidade que habita o planeta terra sonhar com o fim do medo. Claro que não vamos querer, em nome da ciência, brincar de deus. Aí, já é exagero. Mas pelo menos uma coisa é certa: com o pgh já é possível sonhar com

o fim do medo e mais do que isso. A felicidade pode estar perto de se tornar uma regra e não a exceção. Já pensaram se daqui a mil anos algum ser humano plenamente feliz, imune a tantas desgraças, qualquer tipo de doença, que sempre perturbaram a espécie humana, ler este texto e descobrir que um dia o medo existiu? Oxalá que isso aconteça.

Os felizes sobreviventes da raça humana da nova era, a era onde o bem prevalecerá sobre o mal, descobrirão que a nova era de sua raça começou no ano 2000, com a decifração do código genético da espécie. O engraçado de tudo isso é que eles vão perceber e aprender que o destino de sua raça passou por alguns mapeamentos importantes. Primeiro foram os gregos, com a filosofia, depois, no século XVI, os exploradores mapearam o mundo, no século XX os astrônomos mapearam o universo e uma galera de físicos mapeou o átomo. Finalmente a maior descoberta da raça humana: o mapeamento dos genes. Sabe o que isso significa? Que criamos um dilema. Que se não aprendemos a tirar lições do passado, corremos o risco de nos tornarmos vítimas do que criamos. É só algum cientista malucão não inventar de brincar de ser deus que tudo estará bem. Afinal, está escrito em algum lugar que o criador do universo não colocou nenhuma doença sobre a terra sem colocar a cura. Ainda bem.

Mas, afinal, e que rumo levou o nosso herói crazy dick? Ah, agora é que vem o melhor da estória, a nossa estória. Depois de tanto devaneio e piras, nosso herói levou um baita susto com tudo que aconteceu no último capítulo e tirou muitas lições de tudo isso. Ele chegou até a aprender escrever poemas hai kai, adivinha com quem? Lembra-se daquela águia-poeta, aquela maluquete amiga da Linda, mãe do

herói, a águia-poeta que escreveu aquele poeminha lindo e irreverente, “sou uma águia polida levando uma vida lascada”, e viúva daquele poeta que virou nome de pedreira em Curitiba? É. Foi com ela que o herói aprendeu a escrever poemas hai kai. E aprendeu bem a lição. Aprendeu outras coisas boas também. Ele terminou o curso que fazia e resolveu começar vida nova, já que o mundo estava entrando numa nova era, a era da felicidade, e decidiu que iria ser escritor. Escritor e não poeta. Porque há uma diferença enorme entre ambos. Já que decidiu a começar vida nova como escritor, então começaria por outro reino. Para ser um escritor andarilho mudou-se lá para o reino dos sonhos. O reino em que o símbolo maior é uma linda e gigante águia. Águia como ele. Os EUA. Quem sabe um dia ele resolve dar notícias das suas peripécias por lá. Good luck, crazy dick!

Maggiar Villar

maggiarvillar@hotmail.com

